

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE TEOLOGIA - FATEO
MESTRADO EM TEOLOGIA
DISSERTAÇÃO

A PARÓQUIA NA CIDADE ATUAL
À LUZ DAS CONFERÊNCIAS GERAIS DO EPISCOPADO
LATINO-AMERICANO
(CELAM)

Desafios e Perspectivas

MESTRANDO: MIGUEL ORLANDO DA SILVA FALEIRO

ORIENTADOR: PROF. DR. PE. PEDRO ALBERTO KUNRATH

Porto Alegre

Maio, 2009

MIGUEL ORLANDO DA SILVA FALEIRO

A PARÓQUIA NA CIDADE ATUAL
À LUZ DAS CONFERÊNCIAS GERAIS DO EPISCOPADO
LATINO-AMERICANO
(CELAM)

Desafios e Perspectivas

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do Grau de Mestrado em Teologia.

Orientador: Pe. Prof. Dr. Pedro Alberto Kunrath

Porto Alegre,

2009

“Os melhores esforços das paróquias neste início do terceiro milênio devem estar na convocação e na formação de missionários leigos. Só através da multiplicação deles poderemos chegar a responder às exigências missionárias do momento atual. Também é importante recordar que o campo específico da atividade evangelizadora laica é o complexo mundo do trabalho, da cultura, das ciências e das artes, da política, dos meios de comunicação e da economia, assim como as esferas da família, da educação, da vida profissional, sobretudo nos contextos onde a Igreja se faz presente somente por eles.”

(Doc. Aparecida 174)

RESUMO

Pesquisa sobre “A Paróquia na Cidade Atual”. Aborda a Presença e a Missão da Igreja no contexto urbanizado, a partir dos estudos bibliográficos comparativos sobre a Paróquia na cidade. Busca compreender as raízes teológicas e pastorais da Paróquia na cidade, frente à crise na pós-modernidade com seus valores, cultura, ciência, sociedade, pessoa e religião, em vista a uma maior eficácia missionária e evangelizadora. Propõe, guiado à luz das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano (CELAM), nos diversos textos e reflexões de teólogos, pastoralistas, sociólogos, bem como outros autores, fontes e ciências, um ver e dizer Deus na cidade atual, a partir do grande instrumento de evangelização que é a paróquia, procurando afirmar sua viabilidade e concretização frente à realidade urbana hodierna. A pesquisa por fim, acolhe os desafios e perspectivas teológicas e pastorais que daí decorrem, procurando uma maior compreensão e renovação da paróquia na cidade, como verdadeira comunidade cidadina evangelizadora, missionária e culturalmente encarnada no tempo atual, promotora de atuantes discípulos missionários.

ABSTRACT

Research on "The Parish in Actual City". It focuses the presence and the mission of the church in present urbanized context, starting from bibliographical comparative studies about the Parish in the city. It seeks to understand the theological and pastoral roots of the parish in the city, in front of the postmodern crisis with its values, culture, science, society, people and religion searching for larger missionary and evangelistic efficacy. Guided by the General Latin-American Episcopal Conferences (CELAM), in the different several texts and reflections of theologians, pastoralists, sociologists, as well as other authors, sources, and sciences, it purposes a view and a reflections about God in the actual city, starting from the great evangelization tool, the parish, searching to assert its feasibility and realization in the today urban reality. The research finally wants to welcome the challenges, and theologian and pastoral perspectives originated from there, looking for a better understanding and renewal of Parish in the city as a true citizen evangelistic community, missionary, and culturally embodied in present times, promoter active missionary disciples.

LISTA DE SIGLAS

AG	Decreto <i>Ad Gentes</i> do Concilio Vaticano II
Aparecida	V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Aparecida
C I C	(<i>Codex Iuris Canonici</i>) Código de Direito Canônico
CEC	(<i>Catechismus Ecclesiae Catholicae</i>) Catecismo da Igreja Católica
CEB's	Comunidades Eclesiais de Bases
CEDEPCA	<i>Centro Evangélico de Estudios Pastorales en América Central</i>
CELAM	Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano
CERIS	Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora do Brasil
EN	Exortação apostólica <i>Evangelii Nuntiandi de Paulo VI</i>
EUA	Estados Unidos da América
GS	Constituição <i>Gaudium et spes</i> do Concilio Vaticano II
LG	Constituição <i>Lumen Gentium</i> do Concilio Vaticano II
MCS	Meios de Comunicação Social
Medellín	II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Medellin
Puebla	III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Puebla
REB	Revista Eclesiástica Brasileira
RIIAL	Rede de Informática da Igreja da América Latina
Santo Domingo	IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Santo Domingo
SC	Constituição <i>Sacrosanctum concilium</i> do Concilio Vaticano II
SOTER	Sociedade de Teologia e Ciência da Religião
UCBC	União Cristã Brasileira de Comunicação

SUMÁRIO

RESUMO.....	3
ABSTRACT.....	4
INTRODUÇÃO.....	7
1 A CIDADE NA PERSPECTIVA DA FÉ.....	9
1.1 A ORIGEM DA CIDADE.....	9
1.2 DIFERENCIAÇÃO E CONCEITUAÇÃO DE CIDADE E URBANO.....	10
1.3 PANORAMA DA REALIDADE PÓS-MODERNA À LUZ DA IGREJA.....	16
1.3.1 Situação sócio-cultural / político-econômica.....	16
1.3.2 Tendências: racionalismo, secularização, descristianização.....	18
1.4 A CIDADE NO CONTEXTO URBANO E ALGUNS DESAFIOS PARA A FÉ.....	22
1.4.1 O anonimato.....	22
1.4.2 A territorialidade.....	24
1.4.3 O Pluralismo Religioso.....	26
1.5 A CIDADE EM SUAS RELAÇÕES: HUMANAS, TÉCNICAS E RELIGIOSAS.....	27
1.5.1 O individualismo e indiferentismo Religioso.....	28
1.5.2 Privatização da fé: a religião <i>a la carte</i>	30
1.5.3 O tecnicismo e os MCS.....	31
1.5.4 Deus eletrônico.....	34
1.6 EM BUSCA DE UMA TEOLOGIA DA CIDADE.....	35
2 A PARÓQUIA NA CIDADE ATUAL.....	39
2.1 O CONCEITO E A TEOLOGIA DE PARÓQUIA URBANA.....	39
2.2 A PARÓQUIA AFETIVA E EFETIVA: LIMITES, TERRITORIALIDADE, LUGAR.....	48
2.3 EVANGELIZAÇÃO DA CIDADE A PARTIR DA PARÓQUIA.....	52
2.4 A PARÓQUIA NA PERSPECTIVA DA COMUNICAÇÃO.....	58
2.5 A PARÓQUIA NA ECLESIOLOGIA DE COMUNHÃO EM BUSCA DA SINODALIDADE.....	65
3 A PARÓQUIA NA CIDADE ATUAL À LUZ DO CELAM.....	70
3.1 A VIABILIDADE ATUAL DA PARÓQUIA CIDADINA.....	70
3.2 REPROGRAMAÇÃO E RENOVAÇÃO DA PARÓQUIA.....	75
3.3 POSSÍVEIS PROPOSTAS DE CONVERSÃO PASTORAL NA PARÓQUIA SEGUNDO APARECIDA.....	81
3.4 A MISSÃO DO LEIGO NA COMUNIDADE PAROQUIAL E SUA RELAÇÃO COM O PRESBÍTERO.....	86
3.5 MODELOS DE PARÓQUIA NA PERSPECTIVA DA PASTORAL URBANA.....	99
CONCLUSÃO.....	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	110

INTRODUÇÃO

A presente dissertação “A Paróquia na Cidade Atual” desenvolve o trabalho de pesquisa científica em Teologia Sistemática a partir do estudo bibliográfico e comparativo. Propõe explicar, guiado à luz das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano (CELAM), nos diversos textos e reflexões de teólogos e pastoralistas, bem como outros autores, fontes e ciências, um ver e dizer Deus na cidade atual, a partir do grande instrumento de evangelização que é a Paróquia. É num ver, julgar e agir que se acolherão os desafios e perspectivas teológicas e pastorais que daí virão, trazendo uma maior compreensão e renovação da Paróquia na Cidade de hoje, como verdadeira comunidade evangelizadora e missionária.

“A Paróquia na Cidade Atual” aborda a presença e a missão da Igreja no tempo atua, na cidade urbana, colocando em destaque o fenômeno de urbanização. Busca compreender as raízes teológicas e pastorais em uma Mudança de Época, em plena crise na pós-modernidade, em seus valores, cultura, ciência, sociedade, pessoa e religião, para uma maior evangelização. O presente estudo propõe responder algumas interrogações: Qual é o sentido e a validade da paróquia hoje? A cidade é um perigo ou oportunidade de renovação para a instituição paroquial?

O grande objetivo desta pesquisa é analisar a realidade da paróquia (igreja) na cidade, ou seja, valorizar a compreensão da cidade no âmbito da preocupação maior de sua evangelização. Por isso, é necessário compreender a cidade, suas características e suas razões no sentido teológico-pastoral, para mergulhar nela numa profunda compreensão paroquial e eclesial.

Três grandes capítulos dividem essa abordagem, cada qual propondo um dos pontos do método: ver, julgar e agir.

No primeiro capítulo, sob o olhar da fé, a intenção é apresentar um conjunto de considerações sob um VER a realidade da cidade, levando em conta o contexto urbano maior. O objetivo, clareando conceitos e características, é mergulhar no objeto de pesquisa, ponderando aspectos relevantes do tema da cidade, sua origem, diferenciações, seus desafios para a fé, suas relações cotidianas, culminando com

uma tentativa de elaborar uma Teologia da Cidade. Neste capítulo quer se focar a cidade tão-somente em seu contexto.

A Paróquia na Cidade Atual é o objeto principal do presente estudo. Por isso, é, no segundo capítulo, abordada de maneira teológica, concreta, territorial, local, circunstancial, em sua tarefa de evangelização, dentro da cidade, vista a partir das orientações eclesiais, especialmente tratadas nas Conferências Gerais Latino-Americana, que nos permitem um JULGAR mais palpável. Nesse contexto, dá-se um enfoque especial à paróquia na perspectiva da comunicação, uma vez que a Igreja é essencialmente comunicação e missão. Conclui-se esse momento de aprofundamento, buscando-se um modelo concreto de Igreja para a Paróquia na cidade, baseado na Eclesiologia de Comunhão do Concílio Vaticano II, na tentativa de uma abertura para a sinodalidade.

O terceiro capítulo pretende trabalhar o AGIR da paróquia na cidade, sob o prisma das orientações do CELAM, que se expressam sobremaneira nas cinco Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano, levando em conta o VER e o JULGAR, anteriormente trabalhados. Num primeiro ponto dessa etapa, procura-se verificar a viabilidade da paróquia cidadina, buscando devidos fundamentos para sua existência e permanência. Para sua viabilidade na cidade, num segundo momento, são enfocadas a renovação e a reprogramação das estruturas paroquiais para que correspondam aos novos desafios urbanos. Como exigência da renovação, aprofundam-se possíveis propostas de conversão pastoral na paróquia, como grande apelo profético da Conferência de Aparecida. Na continuidade, no quarto ponto, dá-se acento à missão do leigo na comunidade paroquial e sua relação com o presbítero. Finalmente, conclui-se este último capítulo refletindo os modelos de paróquia que focalizem possivelmente os desafios da cidade, na perspectiva de uma Pastoral Urbana, sempre nova e exigente.

Tendo presente o método ver, julgar e agir, o trabalho se desenvolve num caminho de compreensão da paróquia na cidade, com o intuito de apontar desafios e perspectivas pastorais para uma maior evangelização à luz dos documentos da Igreja, concretamente no Continente Latino-americano, a partir do Concílio Vaticano II e das cinco Conferências Episcopais.

1 A CIDADE NA PERSPECTIVA DA FÉ

No primeiro capítulo, sob o olhar da fé, a intenção é apresentar um conjunto de considerações sob um **ver** a realidade da cidade, levando em conta o contexto urbano maior. O objetivo, clareando conceitos e características, é mergulhar no objeto de pesquisa, ponderando aspectos relevantes do tema da cidade, sua origem, diferenciações, seus desafios para a fé, suas relações cotidianas, culminando com uma tentativa de elaborar uma Teologia da Cidade. Neste capítulo quer se focar a cidade, tão-somente em seu contexto, para depois, num passo seguinte, fazer a abordagem da Paróquia na Cidade, na tentativa de um **judgar**, que por sua vez, subsequentemente, será focada à luz do CELAM, como tentativa de um **agir**, buscando perspectivas de ação.

1.1. A ORIGEM DA CIDADE

A origem bíblica e mítica da cidade é atribuída ao fraticida Caim logo após o homicídio de seu irmão Abel, conforme se vê em Gênesis 4, 17. A cidade seria, nessa concepção semítica, uma invenção dos homens e “a representação da recusa do homem a Deus”¹. Segundo Susin, a cidade surge para dar segurança à vida nômade, insegura e obsessiva de Caim.

Essas cidades ‘cainescas’ são decorrência do assassinato, da violência. A vida nômade, cheia de perigos, era o castigo de Caim, mas sua busca de segurança, contra seus inimigos reais ou potenciais que se multiplicaram na sombra inclusive da imaginação, o levou a fundar obsessivamente cidades fortificadas, com muralhas e torres. A Caim estão ligadas as fundações das cidades cananéias, suas muralhas e sua hostilidade².

Haveria uma ação humana que viola o sagrado e instaura o profano. É, na sua origem, entendida como um lugar do desagrado de Deus, onde o imaginário religioso se constrói³. Numa primeira leitura, vê-se na Bíblia, a partir do pecado de

¹ FERREIRA, Amauri Carlos e GROSSI, Yonne. Dos lugares: cidade e imaginário religioso, Horizontes – *Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* – PUC Minas, v.3, n.6, 1º Sem 2005, p. 52.

² SUSIN, Luis Carlos. Um suplemente de alma: a cidade como habitação de Deus conosco. In: SILVA, Josafá Menezes da; MACHADO, Genival Bartolomeu F. (Orgs.). *Cidade, Igreja e Missão: “Lançai as redes...”* São Paulo: Paulinas, 2003, p. 56.

³ CANEVACCI, Massimo. *A cidade Polifônica*. São Paulo: Studio Nobel, 1998, p. 18.

Caim, um sentido negativo da cidade. O filho impuro de Caim é assaltante e conquistador das cidades⁴. Percebe-se essa maldição sobre as cidades de Sodoma e Gomorra, sobre a Babilônia, sobre Nínive, sobre Babel, sobre Jerusalém... Somente posteriormente se nota uma visão mais positiva da cidade pela esperança messiânica da Páscoa em Jerusalém, contrapondo Babel, da Cidade Nova apocalíptica, da Jerusalém Celeste, Cidade Santa, ornada com todo o tipo de pedras preciosas (Ap 21,1s). Percebe-se, nessa linha do tempo bíblico, de Babel a Jerusalém, um movimento ascendente e outro descendente. A Bíblia começa com uma cidade idolátrica e opressora que quer chegar da terra até o céu e termina com uma cidade transcendente que desce do céu a terra⁵.

Não se trata necessariamente da geografia, da estrutura ou do sentido da cidade propriamente dita que, em primeira instância, parece receber a condenação divina. Outra aponta que a História da Salvação começa num jardim e culmina numa cidade. “Quando a Bíblia tece um juízo sobre a cidade, o que à primeira vista pode parecer uma condenação absoluta, é na verdade, uma reprovação ao desvio da vocação da cidade”⁶.

Comblin aponta essa salvação, que vai do Éden à Nova Jerusalém, da primeira à última página da Bíblia⁷. Assim, a cidade é mais do que um meio ou um mal necessário, é o destino dos homens, a meta da salvação.

1.2 DIFERENCIAÇÃO E CONCEITUAÇÃO DE CIDADE E URBANO

Um dos aspectos relevantes a se destacar, no tempo atual, é o fenômeno de urbanização, que não se refere somente à cidade, por ser mais abrangente, ultrapassando os limites da própria cidade. A cidade faz parte e está dentro do

⁴ SUSIN, Luis Carlos. Um suplemente de alma: a cidade como habitação de Deus conosco. In: SILVA, Josafá Menezes da; MACHADO, Genival Bartolomeu F. (Orgs.). *Cidade, Igreja e Missão: “Lançai as redes...”* São Paulo: Paulinas, 2003, p.56.

⁵ RICHARD, Pablo. *Apocalipse, reconstrução da esperança*. Petrópolis: Vozes, 1996, p.273.

⁶ DUTRA, Silvio Guterres. *A Paróquia na Cidade, Análise de algumas contribuições da “Teologia da Cidade” para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina*. Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001, p. 18.

⁷ COMBLIN, José. *Teologia da cidade*. São Paulo: Paulinas, 1991, p.12: “Além disso, a Bíblia fala amplamente sobre a cidade. Na primeira página, é verdade, está ausente: o paraíso é um parque situado no campo, um vergel, poderíamos dizer. A última página da Bíblia, porém, é a visão da cidade nova, universal e eterna. Encontra-se nela o paraíso, mas, aqui, situado na cidade. Do campo à cidade, de um parque do campo a um parque na cidade, como se a Bíblia nos descrevesse uma longa viagem da humanidade; esta viagem se parece muitíssimo com o movimento que nos mostra a história da humanidade dos últimos milênios”.

fenômeno urbano. A partir daí, entende-se que os dois conceitos são diversos.

O grande problema é o reducionismo, ou seja, a identificação dos dois conceitos num só. Num primeiro momento, os conceitos “Cidade” e “Urbano” podem parecer análogos. Mas não é essa a visão e conceituação dos autores consultados. Urbano e cidade não se identificam. Ambos coexistem numa relação de reflexo e catalisação.

Por um lado, as cidades não esgotam o fenômeno do urbano, que as transcendem, enquanto alcance espacial. Por outro lado, as cidades, como concretização intensa do fenômeno urbano, potencializam-no, de modo que não olhar para as cidades significa pensar o fenômeno urbano excessivamente genérico, e, portanto, evangelizadamente inócuo⁸.

Sabe-se que a cidade existe já há algum tempo, porém o urbano, o fenômeno como tal, é mais recente. Há, sem dúvida, uma complexidade e amplitude quanto à compreensão de ambos. Buscar compreender o sentido do conceito de cidade e de urbanização é levar em conta vários aspectos ao mesmo tempo. Mais grave que o reducionismo de conceitos é a exclusão da preocupação urbana das regiões que não pertenceriam propriamente à cidade e às grandes cidades⁹. Haveria níveis de graduação de incidência da urbanização, uma vez que há ambientes urbanos mais agudos e outros não tão intensos, tanto na cidade quanto no ambiente rural. Na compreensão do mundo urbano, implica a conceituação de espaço, tempo, ser humano, relações sociais e, como objetiva este estudo, de religião e, dentro dela, de comunidade paroquial, assunto que será abordado no segundo capítulo.

Segundo Arzemiro Hoffmann, “a cidade é um projeto em permanente construção, reconstrução, revolução e transformação”¹⁰. Poder-se-ia definir uma cidade como áreas urbanas que se diferenciam de vilas e outras entidades urbanas através de vários critérios, os quais incluem população, densidade populacional ou estatuto legal, embora sua clara definição não seja precisa, sendo alvo de discussões diversas¹¹.

Silvio Guterres Dutra, em dissertação de mestrado, aponta a dificuldade da

⁸ AMADO, Joel Portella. *Viver e transmitir a fé no mundo Urbano*, Testigos de Aparecida, CELAM, Secretaria General, Bogotá, 2008, nota de rodapé, p. 365.

⁹ AMADO, Joel Portella. *Algumas observações a respeito da Pastoral Urbana*. Disponível em: www.cnbbne2.org/Itaici/PastoralUrbana, visitado em 26.11.08.

¹⁰ HOFFMANN, Arzemiro. *A cidade na missão de Deus*, Encontro Publicações, 2007, p. 13.

¹¹ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade>, visitado em 26.11.08.

conceituação de cidade¹². Parte do conceito grego de “polis” que assume significados diversos como propriamente “cidade” ou como “política” ou ainda “diferenciação”¹³. É o que se vê num dos tratados mais importantes de Aristóteles:

Vemos que toda a cidade é uma espécie de comunidade e toda a comunidade se forma com vistas a um bem, pois todas as ações de todos os homens são praticadas com vistas ao que lhe parece ser um bem... e visa ao mais importante de todos os bens; ela se chama cidade e é a comunidade política¹⁴.

Para os gregos a cidade é o lugar próprio das elites, não de todos os seres humanos. A alma da *polis* grega reúne uma aristocracia de guerreiros, navegadores, artistas, atletas, sábios, filósofos...¹⁵. Segundo o filósofo Estagirita, a cidade existe naturalmente da mesma forma que as comunidades¹⁶. Max Weber caracteriza a cidade ocidental como um lugar de mercado. Ele, no texto *Conceito e Categorias da Cidade*¹⁷, observa vários tipos de cidade que existiram no passado e mostra suas diferentes origens, enfatizando a importância do mercado para seu desenvolvimento¹⁸. Baseado no pensamento aristotélico, Moisés Romanazzi Torres diz que a cidade é o fim, o acabamento, o termo do desenvolvimento “histórico” que conduz os homens a se associar em comunidades¹⁹. Grings aponta que a cidade é produto da civilização e uma escola de educação, pois levaria o homem a moldar sua conduta e seu comportamento e o relacionaria com os outros, de um modo novo²⁰.

A palavra “cidade” é etimologicamente originária do latim, proveniente do radical “civitas”, que está vinculado aos termos “civilização, sociabilização, urbanização”. O mesmo significado de cidade é encontrado no termo latino “urbe”.

¹² DUTRA, Silvio Guterres. *A Paróquia na Cidade, Análise de algumas contribuições da “Teologia da Cidade” para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina*. Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001, p. 14.

¹³ PERGOLA, Giuliano Della. *Viver a cidade*. São Paulo, 2000, p. 23. *apud* DUTRA, Silvio Guterres. *Op. Cit.*, p. 14.

¹⁴ ARISTOTELES, *Política*, L. I, Cap. I, 1253a, p.12.

¹⁵ SUSIN, Luis Carlos. Um suplemente de alma: a cidade como habitação de Deus conosco. *In*: SILVA, Josafá Menezes da; MACHADO, Genival Bartolomeu F. *Cidade, Igreja e Missão: “Lançai as redes...”*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 40.

¹⁶ DUTRA, Silvio Guterres. *Op. Cit.*, p.15.

¹⁷ WEBER, Max. “Conceito e categorias de cidade”. *In*: VELHO, Otávio G. (org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p. 26.

¹⁸ <http://www.aguaforte.com/antropologia/cidade.htm>, visitado em 26.11.08.

¹⁹ www.outrostempos.uema.br, visitado em 16.12.08.

²⁰ GRINGS, Dadeus. *A evangelização da cidade, o Apostolado Urbano*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, p. 17.

Trata-se de um “conglomerado urbano populoso e pleno de habitações, com uma vida civilmente organizada”²¹. A partir desta tradução etimológica, entende-se melhor uma rica comparação de João Batista Libânio em relação à teia que a cidade desenvolve e vai tecendo:

A cidade é uma teia de aranha tanto no seu interior como nas suas conexões com as outras cidades. Simboliza a grande obra construtora do ser humano, revelando sua verdadeira natureza social. Quando o ser humano deixa a sua vida de nômade de coletor e caçador, já não conseguindo superar as limitações da natureza, sedentariza-se construindo cidades. Temos já notícia de sua existência 4 mil anos antes de era cristã. É uma luta entre o urbano e o rural, cultura e natureza, obra do homem (cidade) e criação de Deus (natureza)²².

Joel Portella Amado é um dos autores atuais que reflete sobre a questão do conceito de urbano. Tem servido de alguma base para as reflexões em preparação à V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, sendo um dos assessores dos delegados brasileiros à Conferência de Aparecida. O autor, embora reconhecendo a identificação hodierna do urbano com a cidade, faz uma clara diferenciação entre ambos. O conceito de urbano, segundo ele, refere-se também a uma realidade cultural e não somente se circunscreve aos limites físicos da cidade (geoespacial)²³. O “mundo urbano, para dizer em termos concisos, é o mundo da pluralidade, da diversidade, da individualidade e da mobilidade”²⁴. Não haveria uma única cultura urbana, mas uma pluralidade de modos de ser, viver e interagir. A urbanização é vista por Portella Amado como processo multifacetado, inter-relacionando-se com globalização, planetarização. Haveria ainda, segundo ele, uma separação de Urbano e Pré-urbano, relacionados à comunidade paroquial. No pré-urbano, a paróquia centraliza mais as atenções para si mesma (*centrípeto*), enquanto que, no urbano, a paróquia realiza o movimento contrário, indo ao encontro dos que não mais a procuram (*centrífugo*). No urbano plural e centrífugo,

²¹ NIÑO, Francisco. *La Iglesia en la ciudad. El fenómeno de las grandes ciudades en América Latina, como problema teológico y como o desafío pastoral*. Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1996, p. 35.

²² LIBÂNIO, João Batista. *As Lógicas da Cidade - o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 27.

²³ AMADO, Joel Portella. *Viver e transmitir a fé no mundo Urbano*. Testigos de Aparecida, CELAM, Secretaria General, Bogotá, 2008, p. 363-373.

²⁴ AMADO, Joel Portella. *Algumas observações a respeito da Pastoral Urbana*. Disponível em: www.cnbbne2.org/Itaici/PastoralUrbana, visitado em 26.11.08.

os limites de espaço se quebram: vive-se num lugar, trabalha-se em outro, estuda-se em outro, tem-se vida social em outro e assim por diante. Os ritmos de tempo se rompem. O sol pode se pôr e isso não é empecilho para que a vida urbana continue acontecer. A religião, aí estamos nós, já não é mais a única, nem muito menos o centro da vida. Assim podemos compreender os diversos fenômenos religiosos característicos principalmente das grandes cidades, mas – repito – exportados, transplantados, transculturados para cidades pequenas e ambientes rurais²⁵.

Portanto, nessa compreensão, nota-se claramente a diferenciação do cidadão e do urbano. No presente trabalho, o enfoque realizado é tão-somente ao fenômeno da fé no ambiente da cidade e não no contexto urbano geral, que é muito mais amplo e complexo, embora os dois aspectos, por afinidade, caminhem juntos ou se confundam sistematicamente. Quer se olhar para a cidade atual, nesse processo, tendo consciência de que quando se fala em urbanização, alarga-se sempre o horizonte, pois se refere ao mundo todo. Pretende-se aqui, entretanto, focar a cidade, para que não haja dispersão do objeto proposto.

De fato, é difícil constituir a definição do conceito “cidade”. Dutra afirma que:

A começar pelo uso do termo grego “*polis*” que assume significados diversos seja como propriamente cidade, ou como política ou ainda como diferenciação, chega-se aos termos latinos “*civitas*” e “*urbe*” que igualmente dão margem a diversas interpretações. Contribui igualmente para a complexidade conceitual a tentativa de análise das tipologias dos aglomerados humanos identificados como “*polis*”, “*metrópoles*”, “*megalópolis*”, “*parasitópolis*”, até ao extremo da “*patópolis*”. A pergunta permanece sobre os critérios a serem observados para dizer quando uma realidade é ou não passível de ser chamada cidade. Comblin, por sua vez, ao introduzir sua obra sobre a teologia da cidade, entende que não compete ao seu terreno (o do teólogo) definir o conceito de cidade. Seguindo o mesmo pensamento, completa Frosini dizendo que à teologia, ou melhor ao teólogo, cabe sim contribuir buscando as razões últimas e constitutivas da cidade, mas não necessariamente o seu conceito²⁶.

José Comblin não define, não esgota, mas faz seu ensaio sobre o tema da cidade, relacionado à Teologia. Permite-se explorar o terreno e abrir caminhos²⁷. É o que se pretende inicialmente nesta dissertação: ver a cidade como possível lugar, numa comunidade paroquial, para a dimensão da fé, em seus desafios e perspectivas. Por isso, então, que se está abordando a evangelização na cidade, a partir da paróquia.

Tratando-se, dos cinco documentos das Conferências Gerais do Episcopado

²⁵ AMADO, Joel Portella. *Algumas observações a respeito da Pastoral Urbana*. Disponível em: www.cnbbne2.org/Itaici/PastoralUrbana, visitado em 26.11.08.

²⁶ DUTRA, Silvio Guterres. *A Paróquia na Cidade, Análise de algumas contribuições da “Teologia da Cidade” para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina*. Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001, p. 14.

²⁷ Cf. COMBLIN, José. *Teologia da cidade*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 20.

Latino-americano (CELAM), no que diz respeito ao termo cidade, seu sentido está presente em todos esses documentos. Pode-se dizer que vai sempre ganhando destaque maior, a preocupação com o aumento populacional, com os “problemas sociais”²⁸ nas diversas situações e contextos, bem como o surgimento de “fenômenos e problemas particulares e importantes”²⁹. Surge também, nesses intermeios, “a cultura urbana”³⁰, com seus desafios. Há também um convite à “não migrar para a cidade”³¹, devido ao êxodo rural e uma exortação a uma maior “inculturação do Evangelho na cidade e no homem urbano, discernindo seus valores e antivalores”³². Essas ações da igreja devem levar a assumir uma “ação pastoral transparoquial e supraparoquial”³³, não esquecendo da “pastoral da acolhida”³⁴. É importante, levar sempre em conta, “o inculturar e a evangelização dos grupos de influência e dos responsáveis da cidade (...)”³⁵.

Por fim é o documento de Aparecida que acolhe tudo o que vem antes, constatando, denunciando e propondo uma “nova pastoral urbana” nos “grandes centros urbanos”, dando destaque aos leigos:

são os leigos de nosso continente, (...), os que tem de atuar à maneira de um fermento na massa para construir uma **cidade** temporal que esteja de acordo com o projeto de Deus. A coerência entre fé e vida no âmbito político, econômico e social, exige a formação de consciência, que se traduz em conhecimento da Doutrina Social da Igreja.³⁶

Assim “reconhecendo e agradecendo o trabalho renovador que já se realiza em muitos centros urbanos, (...) propõem e recomenda uma nova pastoral urbana (...)”³⁷. “A Igreja em seu início se formou nas grandes cidades de seu tempo e se serviu delas para se propagar. Por isso podemos realizar com alegria e coragem a evangelização da cidade atual”³⁸.

²⁸ I CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM), *Documento do Rio de Janeiro*, 79.

²⁹ II CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM), *Documento de Medellín*, 5 ed. São Paulo: Paulinas, 1984, 1.

³⁰ III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, *Documento de Puebla*, 419.

³¹ IV CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, *Documento de Santo Domingo*, 255.

³² Idem, 256. “Realizar uma pastoral urbanamente inculturada como relação à catequese, à liturgia, e à organização da igreja. A igreja deverá inculturar o Evangelho na cidade e no homem urbano; (...)”

³³ Idem, 257.

³⁴ Idem, 260. “Programar uma pastoral ambiental e funcional, diferenciada segundo os espaços da cidade. Uma pastoral da acolhida, dado o fenômeno das migrações. (...)”

³⁵ Idem, 261.

³⁶ V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM), *Documento de Aparecida*, 505. – *Grifo nosso*.

³⁷ V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM), *Documento de Aparecida*, 517.

³⁸ Idem, 515.

A cidade se encontra dentro do fenômeno da urbanização³⁹. O mundo urbano, porém, em seus enfoques e perspectivas, necessita de uma abordagem neste trabalho, porque a cidade se encontra inserida nele. A seguir, serão apresentados alguns aspectos gerais da realidade urbana que permitem adentrar na questão religiosa da cidade.

1.3 PANORAMA DA REALIDADE PÓS-MODERNA À LUZ DA IGREJA

1.3.1 Situação sócio-cultural / político-econômica

José de Jesús Legorreta, no Congresso Internacional da Pastoral Urbana no México (2007) apontou, como característica do contexto sócio-cultural, a drástica queda da participação religiosa dos crentes nas instituições oficiais estabelecidas, havendo desorientação e distância nas áreas éticas e morais, no campo da sexualidade, da política e outros. Diante dos problemas hodiernos, é na cidade que a Igreja possui um grande desafio no desempenho de sua missão, como aponta o autor:

O novo contexto e as múltiplas formas de vivência e expressão do religioso constituem, sem dúvida, uma das causas principais da crise daquela problemática estrutural e identidade eclesial herdada da contra-reforma. Daí que desde a teologia e mentalidade desse modelo eclesial se vê o mundo moderno como uma ameaça, como um espaço sócio-cultural ateu, individualista, hedonista, etc. Nesta perspectiva é óbvio que a Igreja tem sobre si um grande problema para coexistir na cidade e desenvolver sua missão⁴⁰.

Numa tentativa de panorama atual da América Latina, Comblin aborda o fenômeno da globalização em fase decisiva. Haveria no futuro uma segmentação de setores econômicos e culturais, assim distribuídos: a indústria ficaria com a China, as comunicações com a Índia, a agricultura com a América Latina e a economia com os EUA⁴¹. Os últimos abalos econômicos norte-americanos, porém, começam já a

³⁹ DUTRA, Silvio Guterres. *A Paróquia na Cidade, Análise de algumas contribuições da "Teologia da Cidade" para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina*. Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001, p. 15.

⁴⁰ LEGORRETA, José de Jesús. *Textos da Universidade Ibero-Americana. Congresso Internacional da Pastoral Urbana*, México, 2007.

⁴¹ COMBLIN, José. Panorama da América Latina hoje. In: SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DE RELIGIÃO – SOTER (org.). *Deus e Vida. Desafios, Alternativas, e o futuro da América Latina e do Caribe*, Soter. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 7-16.

desmentir essas profecias. Na análise religiosa, o autor cita a ausência da Igreja nos subúrbios, concentrada demasiadamente na paróquia, de forma que o movimento pentecostal cresce muito rápido.

É preciso destacar, num contexto geral, uma constante e rápida fragmentação dos referenciais, apontada pelo Documento de Aparecida e pelas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora do Brasil, caracterizando não tanto a época de mudança, mas uma mudança de época⁴². Os bispos do Brasil, na análise da situação sócio-cultural, apontam para a dificuldade de “perceber a unidade dos fragmentos dispersos que nos chegam”⁴³. Os bispos Latino-americanos alertam para uma crise de sentidos, levando as pessoas a sentirem-se frustradas, ansiosas e angustiadas pela dificuldade de influir nos acontecimentos⁴⁴.

A crise que leva aos fragmentos afeta a tradição cultural, familiar e religiosa, através dos Meios de Comunicação que invadiram completamente os espaços⁴⁵, por meio do crescimento econômico desigual⁴⁶, pelos perigos da globalização, pela falsa impressão enganosa da publicidade⁴⁷, pela cultura de consumo e individualismo, pragmática e narcisista⁴⁸, pelo presentismo⁴⁹, pela massificação⁵⁰, competição econômica excludente⁵¹, pelo enfraquecimento político⁵², crescimento da violência⁵³ e outros. Quanto aos aspectos positivos da mudança de época, destacam-se: valorização fundamental da pessoa, liberdade e responsabilidade individual, consciência, experiência, bem como a busca de sentido da vida, a superação das

⁴² V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM), Documento de *Aparecida*, 44.

⁴³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora do Brasil-DGAE* (2008-2010), São Paulo: Paulinas, Documento da CNBB 87, 15.

⁴⁴ *Aparecida*, 36.

⁴⁵ *DGAE*, 16. “(...) Os meios de comunicação invadiram todos os espaços e todas as conversas, introduzindo-se na intimidade do lar. (...)”.

⁴⁶ *Idem*, 17.

⁴⁷ *Idem*, 18. “(...) A publicidade conduz ilusoriamente a mundos distantes e maravilhosos, (...) como só se necessita do imediato, pretende-se alcançar a felicidade através do bem-estar econômico e da satisfação hedonista”.

⁴⁸ *Idem*, 19.

⁴⁹ O termo *presentismo* não é citado no documento, mas se percebe ser referendado indiretamente na seguinte frase: “Afirmam o presente porque o passado perdeu relevância diante de tantas exclusões sociais, políticas e econômicas. Para elas o futuro é incerto” (*DGAE*, n.19).

⁵⁰ *DGAE*, 22.

⁵¹ *DGAE*, 24. “A face mais difundida da globalização (...) é sua dimensão econômica, que se supõe às outras dimensões da vida humana e as condiciona (...)”.

⁵² *Idem*, 33.

⁵³ *Idem*, 35. “Preocupa-nos, como construtores da paz que a vida social em convivência harmônica e pacífica está se deteriorando gravemente em nosso país pelo crescimento da violência (...)”.

ideologias⁵⁴, tudo isso convivendo paradoxalmente com a negação.

Brighenti caracteriza essa época de crise da modernidade e de grandes mudanças, citando a queda de três grandes muros, como símbolos dessa desestruturação geral e perplexa. A primeira queda é a dos muros das fronteiras nacionais, havendo uma globalização econômica e cultural, de livre-comércio e troca cultural entre países, como é o caso do Mercosul. A segunda queda é a do muro de Berlim, ou seja, a ruína do muro das utopias, fundada na falsa concepção da história, como se ela fosse um fim pré-concebido. A terceira queda é a do muro das Torres Gêmeas, enquanto implosão dos símbolos do capitalismo⁵⁵. Nesse impulso de análise, incluir-se-á aqui, uma quarta queda de muro, direcionada ao objeto de análise em questão. É a queda do muro de uma concepção hegemônica católica na cidade, ocasionada pelo pluralismo religioso incandescente e efervescente, o que será desenvolvido no decorrer deste estudo.

1.3.2 Tendências: racionalismo, secularização, descristianização

Há alguns outros fenômenos atuais e gerais, de grandes efeitos, que interferem no objeto desta pesquisa, os quais precisam ser destacados, sem haver necessidade de particularidades ou especificação aprofundada. Trata-se das tendências atuais num mundo pós-moderno: descristianização, secularização, racionalismo e globalização.

“Seguramente poder-se-á falar de todos, e de cada um em particular, contanto que se tenha em mente as devidas diferenças”⁵⁶. O propósito não é tanto apontar as diferenças dessas tendências, mas discorrer sobre as suas conseqüências em vista da prática comunitária da fé. O objetivo maior, nesta etapa, é buscar um ver da realidade numa abordagem dos movimentos de descristianização, secularização, racionalismo, dentro de um contexto de globalização e pós-modernidade.

O pensador Descartes iniciou um movimento filosófico que deu embrião ao **racionalismo**, ou seja, a uma “doutrina que define a razão como elemento

⁵⁴ *Idem*, 20.

⁵⁵ BRIGHENTI, Agenor. *A missão evangelizadora no contexto atual, Realidade e desafios a partir da América Latina*, São Paulo, 2006, p. 20-22.

⁵⁶ DUTRA, Silvio Guterres. *A Paróquia na Cidade, Análise de algumas contribuições da “Teologia da Cidade” para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina*. Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001, p. 27.

fundamental e irredutível da especulação filosófica”⁵⁷. O Iluminismo, que colocou o homem no centro das atenções, abriu caminhos ao racionalismo, que trouxe à experiência religiosa mais rigor, mais critério e mais ceticismo. A tradição e o sobrenatural tiveram que passar pelo crivo da razão. O homem da cidade, mergulhado na realidade científica de universidades e especializações, está voltado à racionalidade de um mundo científico-cultural, onde Deus precisa então entrar pela lógica humana e racional. “O homem da cidade resolve os problemas pela ciência e pela técnica, contrariamente ao homem do campo, que sente sua dependência da natureza”, afirma Dadeus Grings⁵⁸.

O Iluminismo chegou para afugentar a fé nos mitos. “O Iluminismo pretende o domínio da matéria sem a ilusão de forças ocultas”⁵⁹. A racionalidade moderna, pós-cristã trouxe inicialmente um grande perigo à fé, fazendo seus estragos,

arrasando as tradições, questionando as autoridades, rejeitando os dogmas. (...) A Teologia reafirma triplicemente a importância da razão. Não se refugia em nenhum fideísmo, escondendo a fé em região inacessável à razão. Nem permite que ela apele a uma tradição primitiva inicial em nome do tradicionalismo. Nem, finalmente, aceita uma concepção reducionista da razão – o racionalismo⁶⁰.

Posteriormente, percebeu-se, então, que a razão vinha esclarecer a revelação e a reflexão teológica, fazendo um movimento de unidade entre fé e razão que não são antagônicas, mas complementares.

A secularização e o secularismo são outros fatores no mundo pós-moderno. Segundo a socióloga Danièle Hervieu-Léger, a secularização é o impacto da modernidade – em diferentes níveis: econômico, social, político, intelectual, simbólico, etc. – sobre a religião ou mais exatamente, sobre a configuração tradicional das relações entre a religião e a sociedade⁶¹.

Mas há uma distorção nos conceitos de secularização e de secularismo, sendo empregados como se fossem a mesma coisa e sendo ambos negativos. A **secularização** não necessariamente tem o caráter negativo, mas se entende como

⁵⁷ *Enciclopédia Britânica Barsa*, vol.11, p.348.

⁵⁸ GRINGS, Dadeus. *A evangelização da cidade, o Apostolado Urbano*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, p. 52.

⁵⁹ ZILLES, Urbano. *A Escola da Teoria Crítica*. Porto Alegre: Est Edições, 2006, p. 9.

⁶⁰ LIBÂNIO, João Batista. Desafios da Pós-Modernidade à Teologia Fundamental. In: TRASFERETTI, José e GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes (Orgs.). *Teologia e Pós-Modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 146.

⁶¹ cf. HERVIEU-LÉGER, Danièle. Disponível em:

<http://www.espacoacademico.com.br/048/48damasio.htm>, visitado em 30.12.08.

a autonomia do temporal. Os documentos usam ainda o termo “legítima autonomia”, respeitando a liberdade própria das coisas terrenas que não são frutos do mal, mas obras do criador. A secularização “sustenta legitimamente que as realidades materiais da natureza e do homem são em si “boas”, e suas leis devem ser respeitadas, e que a liberdade é para a auto-realização humana e é respeitada por Deus”⁶².

Essa é a secularização de que falava a *Gaudium et spes*, no seu número 36, conceito assumido em seguida por *Puebla*⁶³, que a identificava como a “legítima autonomia das realidades terrestres” que, mais do que reconhecida, deve ser exigida. Em síntese é preciso purificar o conceito de secularização removendo toda a poeira que as más interpretações jogaram sobre ele.⁶⁴

A palavra secularização vem de *saeculum* que, no latim clássico, significava “século” (período de cem anos) e também “idade”, “época”. No latim eclesiástico, adquiriu o significado de “o mundo”, “a vida do mundo” e “o espírito do mundo”.

O termo, utilizado já no século XVII, para referir o abandono do sacerdócio ou da vida religiosa - ainda hoje se diz que o padre tal se secularizou -, figura, no Tratado de Vestefália (1648), com o sentido jurídico de apropriação pelo “mundo” de bens pertencentes à Igreja. Luis González-Carvajal, que faz a História do termo, refere que no século XIX começou a assumir um significado cultural, designando “um processo de mundanização vivido pela sociedade no seu conjunto”. Ainda hoje continuam os debates acalorados, sobretudo no domínio teológico, sobre a secularização. Se não falta quem a condena, pois estaria na base do afastamento da religião, outros saúdam-na como condição da purificação religiosa, da liberdade e da paz. “Há vários sentidos de secularização: pode ser vista como ‘eclipse do sagrado’, ‘autonomia do profano’, ‘privatização da religião’, ‘retrocesso das crenças e práticas religiosas’, ‘mundanização das próprias Igrejas’.”⁶⁵ Aqui, o que interessa sobretudo, é o sentido de autonomia das realidades terrestres.

Manoel Augusto dos Santos diz que o termo começou a ser refletido eclesialmente, a partir do Concílio Vaticano II, como “ser e estar no mundo” (no

⁶² Documento de *Santo Domingo*, IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, 153.

⁶³ Cf. Documento de *Puebla*, III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, 83.

⁶⁴ Cf. BENEDETTI, Luiz Roberto. *A religião na cidade*. In: ANTONIAZZI, Alberto; CALIMAN, Cleto (Orgs.). *A presença da Igreja na cidade*. Petrópolis: Vozes, 1994, p.65.

⁶⁵ Cf. BORGES, Anselmo. Disponível em:

www.dn.sapo.pt/2006/06/04/opiniao/secularizacao_e_secularismo. visitado em 30.11.08.

século)⁶⁶, embora também mencione o Tratado de Westfália (1648), onde o termo designa o “processo em virtude do qual o civil e o secular afirmam sua fisionomia e consistências próprias, distintas e independentes do eclesiástico”⁶⁷. De modo geral, entender-se-ia secularização como a “ausência de Deus”, numa “vida sem Deus e sem religião”. No secularismo, não necessariamente, haveria uma dúvida sobre Deus, mas uma vivência como se Ele nunca existisse na vida pessoal e pública. A secularização atingiria muitos setores da vida humana, roubando-lhes o sentido de pertencer a Deus e tê-lo como pertença maior. Todavia não é esse o entendimento atual dos teólogos. “Na verdade, a secularização não quer eliminar Deus e a religião, mas simplesmente fazer que ocupem o seu novo espaço dentro do novo horizonte de compreensão”, afirma Barth⁶⁸.

Entende-se, neste trabalho, a secularização como diferente de **secularismo**. O secularismo é compreendido como, além da ausência de Deus (que se poderia perceber também na secularização devido sua autonomia), a negação frontal de Deus, bem como suas consequências, tomando-o como inimigo ou contrário à vida cotidiana e autônoma. Esta é a visão diferenciada dos bispos Latino-Americanos, quando afirmaram em Puebla:

A **secularização** – que reivindica para os afazeres terrenos uma autonomia legítima e que pode contribuir para purificar as imagens de Deus e da Religião – tem degenerado, com frequência, na perda do valor do religioso ou no **secularismo** que volta às costas a Deus e lhe nega a presença na vida pública⁶⁹.

Portanto a secularização, de alguma maneira, vai contribuindo para que aconteça o secularismo. Nessa óptica do secularismo, contextualiza-se a **descristianização**. Uma sociedade, outrora cristianizada, passa a não ter mais a fé cristã como centralizadora ou central para a vida cotidiana. Alguns autores apontam ainda outros sinônimos para a descristianização. Cipolini, por exemplo, fala em desespiritualização, desumanização, como fenômenos da modernidade⁷⁰. Afirma

⁶⁶ SANTOS, Manoel Augusto dos. Política, Cristianismo e Mundo. *Teocomunicação*, 144, Jun.2004, p.417-425.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ BARTH, Wilmar Luiz. *Pós-modernidade, religião e ética*, Cadernos Série Pensar. Porto Alegre: EST Edições, 2008, p.11.

⁶⁹ *Puebla*, nº 83, grifo nosso.

⁷⁰ CIPOLINI, Pedro Carlos. *A Igreja e seu rosto histórico, modelos de Igreja e modelo de Igreja na cidade*. REB, 61, Fasc 244-Dez 2001, p.825-853.

que “o secularismo dá por superada toda a forma de cristianismo”⁷¹. O Papa João Paulo II, na sua encíclica *Veritatis Splendor*, em 1993, denuncia que a sociedade vive hoje uma crise de fé e moral que ele chama de “descristianização”, isto é, uma sociedade que era cristã e já não é mais.

(...) a descristianização que pesa sobre povos e comunidades inteiras, outrora ricas de fé e de vida cristã, comporta não só a perda da fé ou de qualquer modo a sua ineficácia na vida, mas também, e necessariamente, um declínio ou um obscurecimento do sentido moral: e isto, quer pela dissipação da consciência da originalidade da moral evangélica, quer pelo eclipse dos próprios princípios e valores éticos fundamentais⁷².

Dutra adota a ideia de descristianização como “o fenômeno que caracteriza a crise de um certo tipo de presença da Igreja na sociedade”⁷³. Assim, compreende-se a descristianização como processo de autonomia do temporal, onde a religião cristã não mais é abarcada com a devida força que possuía no contexto da Cristandade, onde a fé se constituía como centro e única voz, sendo a cultura e a religião uma coisa só, diferentemente de hoje.

1.4 A CIDADE NO CONTEXTO URBANO E ALGUNS DESAFIOS PARA A FÉ

Neste ponto de abordagem, destaca-se a cidade em si mesma no fenômeno urbano, com alguns dos seus desafios para a fé. O prisma aqui é o movimento de um olhar de dentro para fora, mas sob o ângulo da fé. Opta-se no destaque dos seguintes desafios: o anonimato na cidade, a territorialidade na vivência da fé cotidiana, o pluralismo religioso.

1.4.1 Anonimato

O homem é, por sua natureza íntima, um ser social. Sem relações com os outros, não pode nem viver nem desenvolver seus dons, como afirma o Documento

⁷¹ Idem, p. 841.

⁷² JOÃO PAULO II, Encíclica *Veritatis Splendor*, 106.

⁷³ DUTRA, Silvio Guterres. *A Paróquia na Cidade, Análise de algumas contribuições da “Teologia da Cidade” para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina*. Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001, p. 29.

Conciliar *Gaudium et Spes*⁷⁴. “... a vida social não é, portanto, algo acrescentado ao homem: assim o homem desenvolve-se em todas as suas qualidades mediante a comunicação com os outros, pelas obrigações mútuas, pelo diálogo com os irmãos, e pode corresponder à sua vocação”⁷⁵. O homem, assim, mais do que um ser para “viver”, é um ser para “conviver”, e a sua realização está vinculada, de forma necessária, à qualidade da sua relação com os outros.

O ser humano, na paróquia urbana, está mergulhado num contexto histórico e num contexto cultural distintos. Isso se deve a vários fenômenos sociológicos como a mudança cultural, o consumo de massas, a mobilidade, o anonimato urbano, a socialização, a secularização e o pluralismo, realidades que modificaram radicalmente a fisionomia da paróquia. Assim, há que mudar e procurar respostas para as novas realidades, para que a atividade evangelizadora e catequética corresponda às necessidades do homem de hoje.

O **anonimato urbano**, escondimento dentro do tecido social, parece uma realidade a ser destacada e analisada no contexto da cidade. Anonimato é a qualidade ou condição do que é anônimo, isto é, sem nome ou sem assinatura. Deriva do termo grego *anonymia* (ἀνωνυμία), que significa "sem nome". Trata-se de uma ação onde o autor do ato ou obra pretende, deliberadamente, esconder a sua identidade.

Cláudia Mariza Mattos Brandão aponta que o vai-e-vem frenético das grandes cidades, no movimento contínuo, determina o compasso de nossas ações cotidianas, não deixando muito espaço para a observação, identificação e para o envolvimento com o outro. “Imersos nos problemas pessoais, muitas vezes não nos apercebemos das figuras anônimas que compõem o cenário urbano”⁷⁶.

A cidade, no contexto urbano, permite ao indivíduo não ser identificado em suas ações ou em sua passividade. Não se trata simplesmente de um anonimato pela decisão humana pessoal, mas pela funcionalidade estrutural do mundo moderno. Grings aponta esse anonimato do homem da cidade e o caracteriza como uma esquizofrenia de comportamento:

A esquizofrenia de comportamento se revela mais drasticamente no

⁷⁴ Concílio Vaticano II, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 12.

⁷⁵ Idem, 15.

⁷⁶ MATTOS BRANDÃO, Claudia. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php>, visitado em 03.12.08.

anonimato. Os homens não são tratados como pessoas, em sua totalidade, mas artificialmente pelas funções que o caracterizam naquele momento. Ninguém se dirige ao outro como pessoa, mas como funcionário, que pode eventualmente ser substituído por alguma máquina. Hoje é possível comprar-se tudo no supermercado e pagar a conta sem dizer uma única palavra. Existem máquinas de serviço automático que fazem o mesmo, com igual eficiência. Basta colocar uma moeda no seu receptáculo, apertar o botão que o produto, que se deseja, é entregue na hora. É o mesmo que fazem os funcionários. Esta esquizofrenia constitui a alimentação do homem urbano. Os indivíduos se tornam anônimos e são tratados artificialmente pela função que, naquele momento, interessam: consumidor, produtor, eleitor, contribuinte, etc. É o vazio da alma⁷⁷.

O homem citadino se torna funcional. A vida da cidade se torna mecânica e despersonal. Os bispos Latino-Americanos, reunidos em Puebla (1979), querem que haja, por parte da Igreja, um resgate daqueles que são anônimos em sua dignidade. Afirmam: “Em especial, compete à ação da Igreja em relação aos anônimos sociais o dever de acolhê-los e assisti-los e restaurar a sua dignidade e sua fisionomia humana...”⁷⁸.

1.4.2 A territorialidade

A **realidade territorial**, na vivência da fé citadina, com as características próprias do meio urbano, influencia na maneira de ver e de viver dos habitantes da cidade. O espaço geográfico da cidade permite ou limita o homem nele situado, modelando-lhe uma lógica própria situacional. O homem rural, em via de regra, concentra na mesma região sua moradia, seu lazer, seu trabalho, sua espiritualidade. O homem citadino descentraliza essas funções e essas relações.

(...) o homem da cidade possui, também em via de regra, um lugar de referência diferente para a sua residência, um segundo lugar de referência para o seu trabalho (que num complexo urbano poderá até ser numa cidade vizinha) e um terceiro lugar é a referência para o lazer⁷⁹. A evidência disso está quando é fácil notar que “a casa numerada, numa rua determinada, constante no mapa da cidade é apenas um ponto de referência noturno, porque durante o dia a vida do homem urbano é tecida, freneticamente, na

⁷⁷ GRINGS, Dadeus. *A evangelização da cidade, o Apostolado Urbano*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, p. 47-48.

⁷⁸ *Puebla*, 1289.

⁷⁹ Cf. SCARVAGLIERI, Giuseppe. *Sociologia della parrocchia (appunti ad uso degli studenti)*, Roma, 1991, p. 141. *apud* DUTRA, Silvio Guterres. *A Paróquia na Cidade, Análise de algumas contribuições da “Teologia da Cidade” para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina*. Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001, p. 20.

fábrica, no comércio, nos bancos e nos supermercados”⁸⁰.

Cipolini se refere ao homem da cidade, em sua mobilidade policêntrica (e não mais tricêntrica – igreja, praça, casa), com uma nova configuração, a do “homem desterritorializado”⁸¹. Enquanto, no mundo rural, as pessoas se reúnem na circunvizinhança, devido à distância de moradia, o homem da cidade se congrega pelos objetivos afins e interesses comuns. O homem da cidade é um homem que escolhe seus amigos nos diversos ambientes que frequenta, enquanto que, no mundo rural os amigos são os que vivem próximos.

José Comblin, pioneiro nessa abordagem e citado na maioria das obras consultadas, traz um pensamento muito interessante a respeito do ambiente de convívio do homem citadino. Na cidade, o homem não vive somente em sua casa, mas vive em sua cidade. Compara o cenário urbano com um grande teatro, um palco em que o cidadão da cidade é um verdadeiro ator. “A cidade é, em primeiro lugar, espetáculo no qual se participa. Cada um é ator e representa um papel na obra, e o teatro é a cidade. Cada um necessita da cidade como um ator necessita de teatro, com público e com facilidades materiais”⁸².

Em texto mais recente, Comblin diz que na cidade as pessoas vão escolhendo o que lhes serve para firmar sua personalidade, formando associações voluntárias⁸³. Por isso, uma pastoral voltada à cidade precisa prever e ter em conta a mobilidade, a territorialidade e a dinâmica própria do mundo urbano na cidade e da mentalidade do homem que vive no ambiente urbano. Não se pode ficar preso aos limites geográficos e circunstanciais da paróquia efetiva na cidade. Não se pode ficar esperando as pessoas se achegarem ao convívio das celebrações pelo simples ecoar dos sinos. Não se pode olhar afetivamente a comunidade na cidade, com aquele saudosismo religioso do homem do campo. É o que será abordado mais profundamente no capítulo seguinte.

⁸⁰ RODRIGUES, M.V. “Pastoral urbana”, p. 83. *apud* DUTRA, Silvio Guterres. *A Paróquia na Cidade, Análise de algumas contribuições da “Teologia da Cidade” para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina*. Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001, p. 20.

⁸¹ Cf. CIPOLINI, Pedro Carlos. *“Teologia e pastoral da Igreja na Cidade”*, p. 593.

⁸² COMBLIN, José. *Os desafios da Cidade no século XXI*. São Paulo: Paulus, 2002, p.161.

⁸³ *Idem*, p.21.

1.4.3 O Pluralismo Religioso

Brighenti aponta a crise da modernidade na fragmentação da experiência religiosa, irrompendo em uma forma desconcertante de religiosidade⁸⁴. Em texto estudado em aula, o mesmo autor, fundamentando-se em Leonardo Boff⁸⁵, aponta que o **pluralismo cultural e religioso** constitui uma gestação lenta e gradativa de uma consciência planetária⁸⁶. Em seu livro *A missão Evangelizadora no Contexto Atual*, Brighenti apresenta a efervescência religiosa, deslocando a militância para a mística na esfera da subjetividade, afetando duramente as religiões institucionais⁸⁷.

A modernização e a massificação trouxeram alguns questionamentos para as igrejas a nível ideológico, como seu desempenho na sociedade moderna, em que o homem urbano, na tentativa de vivência de sua religiosidade, mergulha num mundo plural, onde diversas vozes ecoam as mais variadas profecias. A hegemonia da Igreja Católica de outrora não mais existe, como já se mencionou anteriormente. Não existe, na cidade, uma única voz profética. Há um desfile de diversas facetas religiosas. “As Igrejas e, em particular a Igreja Católica, compreendem aos poucos que é preciso superar uma posição monopolista e proselista”⁸⁸. É a análise que se faz em estudos recentes:

O catolicismo perdeu sua coroa para outros reinos. Uma gama enorme de fiéis desfilaram pelos mais diversos e variados palcos neopentecostais. A hegemônica Igreja Católica da Idade Média teve que se adaptar ao pluralismo multirreligioso dos novos tempos⁸⁹.

Renato Ortiz analisa a problemática religiosa em relação à globalização no mundo contemporâneo. Para ele, o advento da sociedade industrial não implicou o desaparecimento automático da religião, mas o declínio de sua centralidade no contexto social. A quebra do monopólio religioso na modernidade significa, pelo

⁸⁴ BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja do futuro e o futuro da Igreja, Perspectivas para evangelização na aurora de um novo milênio*. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2004, p. 25.

⁸⁵ BOFF, Leonardo. *Nova era: civilização planetária*. São Paulo: Ática, 1994. *apud* BRIGHENTI, Agenor. *Para além da Perplexidade do Presente, A Teologia Desafiada*, (Texto utilizado em aulas de Teologia Pastoral - Mestrado), PUCRS, set 2008, p.07.

⁸⁶ BRIGHENTI, Agenor. *Para além da Perplexidade do Presente, A Teologia Desafiada*, (Texto utilizado em aulas de Teologia Pastoral - Mestrado), PUCRS, set 2008, p.07.

⁸⁷ BRIGHENTI, Agenor. *A missão evangelizadora no contexto atual, Realidade e desafios a partir da América Latina*. São Paulo, 2006, p.26.

⁸⁸ CATÃO, Francisco. *O fenômeno religioso. Ensino Religioso Escolar*. São Paulo: Letras e Letras, 1995, p.3.

⁸⁹ SCHMIDT, Gerson. *TV Brasileira: novo púlpito da fé*. Dissertação de Mestrado em Jornalismo, FAMECOS-PUCRS, Março 2008, p.40-41.

contrário, **pluralidade e diversidade religiosa**, seja do ponto de vista individual, seja do ponto de vista coletivo. O autor chama a sociedade moderna de *multirreligiosa*⁹⁰.

Grings afirma que o êxodo rural fez com que mais de 80% da civilização atualmente esteja vivendo na cidade⁹¹. O Congresso Internacional da Pastoral Urbana, no México, em 2007, fez uma perspectiva de que tão logo 70% da população, na América Latina, estará vivendo nas grandes cidades com mais de um milhão de habitantes⁹². É de se compreender que, numa explosão demográfica citadina tão rápida, em apenas dois séculos, houvesse uma explosão ideológica, religiosa e cultural ainda maior, com suas respectivas consequências.

É importante dentro do pluralismo religioso, destacar o quanto a Igreja, “sobre tudo a partir do Vaticano II”⁹³, tem crescido em reflexão, compreensão, bem como aproximação “ecumênica”⁹⁴. “Nota-se claramente que “o ecumenismo é uma prioridade na pastoral da Igreja do nosso tempo”⁹⁵.

O diálogo interreligioso também deve ser intensificado, aqui a Igreja busca contribuir com muitas “considerações importantes”⁹⁶. “(...) além de seu caráter teológico tem especial significado na construção da nova humanidade (...)”⁹⁷.

1.5 A CIDADE EM SUAS RELAÇÕES: HUMANAS, TÉCNICAS E RELIGIOSAS

Num olhar mais aprofundado, tem-se uma visão da cidade sob o aspecto de suas relações humanas, técnicas e religiosas. Desse olhar, destacam-se alguns movimentos e aspectos de nossa análise: o individualismo e indiferentismo religioso, a religião *a la carte*, o tecnicismo e os Meios de Comunicação Social (MCS) e a busca da fé por meio de um Deus Eletrônico e virtualizado.

⁹⁰ ORTIZ, Renato. In: Anotações sobre Religião e globalização. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 47, SP, EDUSC, out. 2001, p.62.

⁹¹ GRINGS, Dadeus. *A evangelização da cidade, o Apostolado Urbano*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, p. 15.

⁹² VIETMEIER, Alfonso. *Textos da Universidade Ibero-Americana. Congresso Internacional da Pastoral Urbana, Dios Habita em la ciudad - Documento Básico “para abrir a boca”*, México, 2007.

⁹³ *Puebla*, 1107.

⁹⁴ *Aparecida*, 231.

⁹⁵ *Puebla*, 135.

⁹⁶ *Idem*, 138.

⁹⁷ *Aparecida*, 239.

1.5.1 O individualismo e indiferentismo Religioso

A cidade, enquanto obra das mãos humanas, deve fazer transparecer, na sua estrutura e no seu dia-a-dia, sinais de favorecimento à comunhão entre os homens devido aos fatores de proximidade, facilidade de contatos, canais de comunicação e de relações humanas. Dutra, nessa análise de favorecimento das relações na cidade, aponta:

Realizar a comunhão entre os homens, eis a vocação da cidade. O problema da cidade é o da comunhão humana. Quanto mais existir comunhão entre as pessoas mais legitimamente se poderá falar de cidade. No discurso moderno da sociologia se fala muito de sociedade de “sistemas”, o que parece ser uma realidade inegável proclamada pelos sociólogos, mas, na verdade, o que existe não é a sociedade (termo essencialmente abstrato) e sim as pessoas que, em seu conjunto, e com as obras de suas mãos, constroem a cidade e a sociedade. E a comunhão humana não é um problema abstrato, mas concreto⁹⁸.

Como se vê, a cidade deveria favorecer as relações humanas e sociais, porém, na prática nem sempre é assim, em virtude da influência das correntes culturais de cada tempo e dos fatores próprios do mundo citadino. O pluralismo de manifestações presente na cidade que, em si, é positivo, acaba, às vezes, sendo causa de desorientação pela perda de referências seguras e de um elo unitivo. A agravante dessa situação é o fato de que, também na cidade, facilmente as relações são de interesse e de pouca gratuidade⁹⁹. O homem torna-se o homem-número¹⁰⁰, útil para certas operações, descartável para outras, experimentando-se, assim, o que Comblin chama de “fracassos da fraternidade humana”¹⁰¹.

A cidade favorece ao individualismo, à privatização de identidades espirituais e sociais: “Oferece muitas ocasiões para se cultivar o salutar hábito de estar só consigo mesmo, de ter momentos de silêncio e de intimidade, fatores que qualificam decisivamente uma futura relação com os outros”¹⁰². No entanto, muitas vezes, a cidade aparece como “pátria das multidões solitárias, dos indivíduos isolados, incapazes de uma solidão humanizadora [...] O indivíduo deseja comunicação e

⁹⁸ DUTRA, Silvio Guterres. *A Paróquia na Cidade, Análise de algumas contribuições da “Teologia da Cidade” para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina*. Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001, p.24.

⁹⁹ Cf. LIBÂNIO, João Batista. *Missão da Igreja na cidade – pastoral urbana*, In: COBO, Fernandez, José (Org.), *A presença da igreja na cidade – II Petrópolis: Vozes*, 1997. p. 42.

¹⁰⁰ Cf. ORTIZ, Gilberto. Os símbolos na homilética urbana. In: *Vida Pastoral*, São Paulo, 1990, p. 37.

¹⁰¹ Cf. COMBLIN, José. *Teologia da cidade*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 84.

¹⁰² DUTRA, Silvio Guterres, Op. Cit., p.25.

companhia, mas está incapacitado para recebê-los”¹⁰³.

Um grande desafio da fé, frente ao mundo urbano e pós-moderno, é o **individualismo**. “A subjetividade foi o núcleo da modernidade. E agora, o individualismo é um dos mais fortes apanágios da pós-modernidade”, afirma Cipolini¹⁰⁴. Uma das características da vivência religiosa na pós-modernidade, na cidade, é a visão individualista da fé, numa espécie de *selfservice*, ou seja, a procura de um autosocorro espiritual. Hartmann, em tese de doutorado sobre o assunto, aponta essa extremada individualização e **privatização da fé**, tornando o próprio indivíduo isolado o único parâmetro religioso:

Neste processo de privatização religiosa, a consciência espiritual se constitui de maneira particular e é extremamente influenciada por necessidades individuais. Dessa maneira, o indivíduo se torna valor-base das novas ideologias religiosas. Assim, colocando-se como valor central, o lugar sagrado começa a ser ele próprio, e as trajetórias espirituais passam a representar indivíduos particulares¹⁰⁵.

A busca da salvação individualista é uma das opiniões de Dennis Smith, do CEDEPCA - Centro Evangélico de Estudos Pastorales em América Central, acrescentando a visão milenarista a essa concepção:

Outra característica da nova modernidade a partir da reforma protestante foi o crescimento do individualismo. Este novo componente do ambiente ideológico também vem a matizar a visão milenarista. Neste contexto, o milênio se tem compreendido como uma empresa salvífica que abarcava a toda a comunidade. Agora, se estabelece a salvação em função do indivíduo¹⁰⁶.

Hoover chama a atenção para o fato de que “na vida contemporânea, os modos de ser religioso estão saindo da esfera protegida da instituição religiosa e da tradição, e se dirigindo para o solo aberto do mercado simbólico”¹⁰⁷. A salvação agora se estabelece em função do indivíduo, a partir do sujeito, não do objeto salvífico. A salvação, assim, se torna subjetiva e individualista, fora dos parâmetros

¹⁰³ CIPOLINI, Pedro Carlos. “A águia e a fênix: desafios da cidade à teologia”, In: *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, 1997, p. 50.

¹⁰⁴ CIPOLINI, Pedro Carlos. A Igreja e seu rosto histórico, modelos de Igreja e modelo de Igreja na cidade. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, 61, Fasc 244-Dez 2001, p.841.

¹⁰⁵ HARTMANN, Attilio. Religiosidade Midiática - Uma Nova Agenda Pública na Construção de Sentidos?, Disponível em: www.unisinos.br/ consulta em 20.02.09.

¹⁰⁶ Cf. www.iscmrc.org, consultado em 27.12.08.

¹⁰⁷ HOOVER, Stewart. *Religião, mídia e o centro de gravidade cultural*. Tradução informal. Trabalho foi apresentado aos Fiduciários da Fundação para Comunicações Metodistas Unidas, USA: Nashville, 1998, p.3.

de uma instituição comunitária e religiosa. Nesse contexto, torna-se desafiador o papel da comunidade paroquial na cidade, o que será analisado no capítulo seguinte. Por outro lado, sendo a fé uma decisão pessoal, ao ser desvinculada do conjunto da instituição eclesial, poderá adquirir individualmente mais consistência, tornando-se mais decisiva, pessoal, desafiadora e autêntica.

1.5.2 Privatização da fé: a religião *a la carte*

Enrique Rojas menciona que, na atualidade, o homem *light* vive o realismo *a la carte*, no qual vê o que quer e interpreta a realidade de forma particular, acomodando-se a seus planos, preferências, segmentando de acordo com aquilo que lhe apetece, isolando-se dos outros homens¹⁰⁸.

O imediatismo e a descartabilidade hodiernos permitiram ao crente realizar sua peregrinação e sua via-sacra na busca de respostas prontas, a contento de suas necessidades imediatas. A religião entrou no que alguns chamam de “mercado do religioso”, que se torna um dos produtos mais rentáveis e lucrativos.

É a irrupção do religioso, com generosa oferta de crenças, numa espécie de “mercado do religioso”. Hoje, a experiência religiosa é cada vez menos fator de “sentido” do mundo, de identidade, de enraizamento, e cada vez mais resposta à angústia, porto de certezas, que se exprime em bem-estar material e na emoção religiosa. O individualismo cultural e a busca de bem-estar imediato levam o indivíduo a colocar também a religião ao seu serviço. Em contrapartida, para responder, às demandas do mercado e vender os seus “produtos”, a religião apresenta-se cada vez mais eficiente e organizada, conforme o *marketing*. É essa religião difusa, invisível, implícita e diluída que se tornou, hoje, o produto mais rentável do capitalismo¹⁰⁹.

Surge, no fenômeno midiático e pragmático da cidade, o que se chama de uma religião *a la carte*. Entende-se como “religião *a la carte*” a vivência da fé fabricada pelo próprio indivíduo, servindo-se a seu gosto e prazer do que lhe é útil, agradável e que lhe estiver ao alcance, fugindo-se de quaisquer comprometimentos que possam trazer uma verdadeira religião vivida em comunidade. Gerson Schmidt, em dissertação de mestrado, trata desse fenômeno, destacando que a nova religião da pós-modernidade é o reflexo feito à imagem e semelhança daquele que a faz:

¹⁰⁸ ROJAS, Enrique. *El hombre light: una vida sin valores*. Madrid, Temas de Hoy, 1996. *apud* BARTH, Wilmar Luiz. *Pós-Modernidade, Religião e Ética*, EST Edições, Porto Alegre, 2008, p.5.

¹⁰⁹ BRIGHENTI, Agenor. *A missão evangelizadora no contexto atual, Realidade e desafios a partir da América Latina*. São Paulo, 2006, p.27.

“(...) o crente consome uma doutrina e ética pessoal, à mercê da vontade de quem a produz, (...) existirá uma ética (...) individual, pessoal e bem particular”¹¹⁰. Podendo ser, em contrapartida, “a ética individual, sinônimo de anarquia, desordem e caos moral”¹¹¹.

Leite Neto aborda o fenômeno, no contexto de uma rapidez de manifestações, quando da noite para o dia, se fabrica uma nova expressão religiosa. Constrói-se facilmente, sem escrúpulo e sem receio, uma religião para cada ego. “Hoje, religiões nascem no ritmo dos dias. E estão abandonando o plano do universal para medrar no território insidioso do “self”. É a “self religion”; não a religião do eu, mas uma religião para cada ego.”¹¹² Dentro desse processo, a pessoa crente fica tão à vontade na escolha de uma fé, que tanto faz, trocá-la por uma ou por outra, dependendo tantas vezes somente do emocional e de atrativos das igrejas que passou, quanto ao ritual, grupo social e obrigações. “Esse “self service” religioso é (...) espécie de pragmatismo que associa as necessidades existenciais concretas do crente e suas demandas espirituais urgentes. (...) tem pressa, e a doutrina metafísica é apenas um acessório para o converso”¹¹³.

É na cidade que se vê acontecer precisamente o fenômeno da subjetividade religiosa, onde ocorre o deslocamento das decisões da esfera do institucional para o individual. O ambiente plural e multiforme da cidade poderá permitir a existência de uma verdadeira religião, não mais simples vivência tradicional, ritual e de costume, mas no culto e adoração de Deus em “espírito e verdade” (Jo 4,23). Contrapondo-se a essa religião que cultua um *deus* caoticamente democrático e feito por mãos humanas, o projeto cristão tem, como característica e principal compromisso, uma organizada, sistemática, apaixonada e inalienável afirmação da vida comunitária.

1.5.3 O tecnicismo e os MCS

Há no mundo urbano, no tempo pós-moderno, um novo modo de ser humano: ser menos humano, mais técnico-funcional, mais pragmático e menos filosófico. No pensamento heideggeriano, caminha-se para o robótico, o mais que humano, o

¹¹⁰ SCHMIDT, Gerson. *TV Brasileira: novo púlpito da fé*. Dissertação de Mestrado em Jornalismo, FAMECOS-PUCRS, Março 2008, p.43.

¹¹¹ Idem.

¹¹² LEITE NETO, Alcino. Apocalipse do catolicismo. *Folha de São Paulo*, Primeiro Caderno, Coluna de Opinião, São Paulo, 22 dez. 1998. p.2.

¹¹³ Idem.

supra-homem. Seria, para ele, algo ainda não bem definido, mas que não é homem, maior (ou talvez menor) do que ser humano. Caminha-se para a elaboração e produção de uma criatura totalmente nova, chamada por nomes como ciborgue, robô, super-homem, pós-humano ou meta-homem.

Diferente da concepção gnóstica e agonística, há no mundo tecnológico, e não se pode fugir dele, uma concepção *finalística*, funcional, objetiva, matemática, calculista. O homem não é o que é, mas o que produz, é enquanto não falha, enquanto serve de peça funcional de um mundo tecnológico. Tem valor enquanto realiza e é eficiente em uma determinada função e tarefa operante. Não importa ser, mas funcionar.

O ser humano será, nesse contexto, objeto de um mundo que não controla, prisioneiro e escravo deste mundo tecnocrata. Estariam todos mergulhados, matematicamente planejados nesse contexto, aniquilados de suas peculiaridades. E, nesse sentido, o homem já não é mais o centro do processo. O mundo funcional é que concentra as atenções, perdendo o homem a sua identidade e centralidade. O ser humano parece caminhar para uma estupidez natural. A técnica não é o seu prolongamento porque, imbricado nessa situação ele não sabe o que é ou o que tornaria a ser no advento do tecnicismo. No mergulho na técnica, o homem perdeu sua essência, o ser do seu *ente*. É existente enquanto não for ele mesmo, passando de criador a criatura, servo da técnica.

Grings aponta como primeira característica do modo de pensar da cidade uma mentalidade “científico-técnica”, onde a cidade não quer se ocupar com os problemas pessoais, mas volta sua atenção sobre a organização racionalizada, tendo em vista o bem comum. A dignidade pessoal do homem não é tão importante quanto a eficácia de sua funcionalidade. “O homem da cidade resolve os problemas pela ciência e pela técnica (...). Acontece, porém, que a ciência e a técnica não respondem às interrogações existenciais, que ficam a descoberto”¹¹⁴.

Nesse contexto, o sagrado lhe escapa do conhecimento. A metafísica não está ao seu alcance. Havendo então “a morte de Deus”, da metafísica, isto é, dessa compreensão de Deus quanto aos conceitos. “Por isso, dizer que o ser humano é racional é muito pouco – o homem é aquele que ‘supera’ a dimensão abstrata do

¹¹⁴ GRINGS, Dadeus. *A evangelização da cidade, o Apostolado Urbano*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, p, 52.

conhecer e, neste ato de superação, revela-se a autenticidade do super-homem”¹¹⁵.

Há, na atualidade, um duplo anúncio de morte. Nietzsche proclamou a **morte de Deus** pelo racionalismo e iluminismo; Heidegger quer agora anunciar a **morte do homem** e a vitória da técnica e da tecnologia¹¹⁶. E, nesse prisma, entende-se a emblemática analogia da Transmutação de Hanns Moravec, que projeta o homem numa sala cirúrgica, controlada inteiramente pela máquina. Aos poucos, a eficiência tecnológica, vão-se transpondo todas as características humanas do ser humano ali manipulado, inclusive cerebrais, para um outro corpo, robotizado, tecnotizado, desumanizado, numa simbiose e metamorfose quase perfeita¹¹⁷.

Na Idade Média, o *teocentrismo* reinou para absolutizar-se como dogma inquestionável. A Idade Moderna trouxe no *antropocentrismo* um equilíbrio ao mundo plural. A grande contribuição de Heidegger, sem sombra de dúvida, é tirar o homem de sua cátedra imperialista, proclamando e profetizando o *tecnocentrismo* como novo regime pós-moderno. Homem e Deus perderam seus pedestais de idolatria¹¹⁸.

A mídia é o grande veículo propagador da cultura urbana. Encontra na cidade seu grande palco de atuação, geração e produção. Enquanto o homem do campo se identifica e se relaciona mais com a natureza, o homem citadino se volta mais à mídia e à técnica. Os Meios de Comunicação Social são a forte característica da urbanização. O fenômeno urbano alarga-se, principalmente nas grandes cidades, através dos MCS¹¹⁹, que segundo Urbano Zilles impõem valores e modelos de comportamento, conduzindo a uma grande passividade. Afirma:

Para que o *sistema* funcione, a sociedade tecnológica contemporânea construiu e opera, entre os seus principais instrumentos, a poderosa máquina da indústria cultural, constituída essencialmente pelos *massmedia*. Através deles impõe valores e modelos de comportamento, cria necessidades e estabelece a linguagem, de maneira uniforme para alcançar a todos. Esses meios bloqueiam a criatividade, conduzindo os consumidores à passividade¹²⁰.

¹¹⁵ BRIGHENTI, Agenor. *Para além da Perplexidade do Presente, A Teologia Desafiada*, (aulas de Teologia Pastoral), PUCRS, set 2008, p.04.

¹¹⁶ SCHMIDT, Gerson. *TV Brasileira: novo púlpito da Igreja Eletrônica. O verbo se faz imagem televisiva*, Dissertação de Mestrado em Comunicação, 2008, p. 27.

¹¹⁷ RÜDIGGER, Francisco. *Martin Heidegger e a Questão da Técnica*, Sulina, 2006, p. 237.

¹¹⁸ SCHMIDT, Gerson. *TV Brasileira: novo púlpito da Igreja Eletrônica. O verbo se faz imagem televisiva*, Dissertação de Mestrado em Comunicação, 2008, p.28.

¹¹⁹ AMADO, Joel Portella. *Viver e transmitir a fé no mundo Urbano*, Testigos de Aparecida, CELAM, Secretaria General, Bogotá, 2008, p. 365.

¹²⁰ ZILLES, Urbano. *A Escola da Teoria Crítica e a Religião*. Porto Alegre: EST Edições, 2006, p.9-10.

1.5.4 Deus eletrônico

“O homem soube inventar máquinas que trabalham, deslocam-se, pensam melhor do que ele, ou em lugar dele. Nunca inventou uma que pudesse gozar e sofrer em seu lugar”, afirmou Baudrillard¹²¹. Se isso ocorresse, a vitória da tecnologia e o anúncio do *tecnocentrismo* como novo regime pós-moderno, proclamado por Heidegger, estaria anunciando definitivamente a morte do homem. Como se afirmou anteriormente, o homem não é o que é, mas o que produz, é enquanto não falha, enquanto serve de peça funcional de um mundo tecnológico. Não importa existir, mas existir para, existir enquanto finalidade, objetivando apenas uma função.

A fé, nesse contexto tecnológico e pragmático, tornou-se extremamente operacional, prática, técnica, mecânica. A religião se transformou num produto midiático. Por isso, há um investimento concreto no viés eletrônico. Deus se tornou eletrônico. Deus se torna, por meio da aparição religiosa de padres e pastores na TV, uma peça funcional de um mundo tecnológico. Se Deus não existisse, a Igreja Eletrônica¹²² o criaria para comercializá-lo.

Baudrillard aponta assim essa realidade da TV: “A Televisão passa a girar em torno de si mesma, na sua própria órbita, e a detalhar à vontade as suas convulsões porque não é mais capaz de encontrar o seu destino: produzir o mundo como informação e dar sentido a essa informação”¹²³. Nesse sentido, a televisão não remeteria a mais nada, a não ser a si mesma.

Dessa mesma forma, sob o prisma religioso, vê-se na realidade tecnológica o surgimento da Igreja Eletrônica. Outrora, o palco da fé e da religião centralizava-se no interior das igrejas e dos templos de pedra, nas comunidades presenciais. Se os

¹²¹ BAUDRILLARD, Jean. Tela Total. *Mito-Ironias da Era do Virtual e da Imagem*. Porto Alegre: Sulina, 1997, p.138.

¹²² O conceito de *Igreja Eletrônica* foi sendo construído na década de 80 para analisar a presença dos grupos religiosos nos Meios de Comunicação Social, em especial no contexto da ascensão dos televangelistas norte-americanos. O conceito é utilizado, no estudo da área, por diversos autores e pensadores atuais, em livros, teses, artigos, seminários e debates. Algumas críticas à precariedade do termo indicam que ele pouco reflete o aspecto comercial fortemente presente neste processo. As críticas indicam também o uso pouco apropriado da terminologia e palavra *igreja*, pois, na prática, não haveria uma presença de igreja na programação e, sim, de líderes religiosos e seus seguidores. Igreja, no sentido literal, seria algo mais profundo, essencial, presencial, não tanto técnico e mecanicista. A palavra Igreja (do grego, *ekklesia*, que significa assembleia dos convocados, dos chamados) em sentido teológico e etimológico, questiona hoje a própria atuação e prática de quem se atribui o direito de ser chamado “igreja” no meio eletrônico.

¹²³ BAUDRILLARD, Jean. Tela Total. *Mito-Ironias da Era do Virtual e da Imagem*. Porto Alegre: Sulina, 1997, p.158.

fiéis quisessem ouvir a pregação, estar na presença de Deus, celebrar a fé e renovar suas convicções religiosas, deslocar-se-iam de suas casas para as igrejas, pontos concentradores da fé cristã. Lá havia um elemento forte de convívio, de construção da religiosidade por meio do aspecto comunitário e não simplesmente intimista da fé. Atualmente, o palco da religiosidade se desloca fortemente para o aparelho eletrônico.

1.6 EM BUSCA DE UMA TEOLOGIA DA CIDADE

Deus habita na cidade? Existiria uma teologia da cidade? Essas perguntas instigadoras podem parecer, em primeira instância, certa presunção em querer se definir uma nova especialidade e segmentação da Teologia, visto que mesmo grandes teólogos não se sentem na condição de explicar esse questionamento, ainda que, de alguma maneira, se deixem questionar pela pergunta. A indagação “Existe uma Teologia da Cidade?” é tão pertinente que ela é assunto atual de inúmeros cursos e especializações teológicas. O Congresso Internacional da Pastoral Urbana, acontecido na Universidade Ibero-americana do México, ocorrido de 06 a 09 de agosto de 2007, teve como tema principal “Deus habita na cidade”. A maioria dos teólogos busca traçar um caminho que está bastante aberto para uma Teologia da Cidade. Porém alguns autores da América Latina, enfocados nesta dissertação, começam a delinear pistas para um caminho de afirmação de uma Teologia da Cidade. Nessa jornada ainda a ser percorrida no campo teológico, apontam-se algumas possibilidades de um possível discurso teológico sobre a cidade.

Se anteriormente, no presente trabalho, já se definiu o que se entende por cidade, resta a definição clara do que vem a ser a teologia antes de direcioná-la. Constituída de dois termos gregos (*theos* – deus; *logos* - palavra, estudo) a palavra *teologia* significa, de um modo amplo, um discurso sobre Deus. Tal termo não tem sua origem no mundo cristão. Na Grécia clássica é encontrado esse termo ligado à filosofia. Platão (379a.C.) foi o primeiro filósofo a fazer uso da palavra *teologia*. Com ele, *logos* tinha um sentido estritamente filosófico e racional, referindo-se à “palavra” enquanto opositora ao “mito”. Já o vocábulo *theos* significava qualquer ser transcendente ou realidade divina. Aristóteles, ao fazer uso do termo teologia em sua filosofia, concebeu a teologia como ciência que indaga sobre o ser divino.

Somente a partir do século IV, a palavra teologia é usada no universo literário-cristão. Com Abelardo e, depois, São Tomás, Teologia passa a designar toda a ciência da fé¹²⁴.

A questão-chave, no entanto não é a definição do que vem a ser Teologia, mas sim a complexidade quanto ao conceito de cidade, abordado anteriormente, quando os autores são unânimes em apontar as ambiguidades quanto aos termos conceituais e quanto à análise das tipologias diversas dos aglomerados humanos, que dificultam classificar quando uma realidade é ou não passível de ser chamada cidade¹²⁵.

O italiano Giordano Frosini, na própria escolha do nome para a sua preciosa obra escrita em italiano “*Babele o Gerusalemme? Per una teologia della città*”¹²⁶, já inclui a possibilidade de haver uma teologia na cidade ou, ao menos, de tentar discutir sobre ela. A primeira elaboração teológica sobre o assunto é realizada por José Comblin, em 1968, ao escrever a obra francesa intitulada originalmente *Théologie de la ville*, que se traduz por “Teologia da cidade”. Três anos antes, já fazia um ensaio dessa sua grande obra com uma exposição intitulada “Cidade, Teologia e Pastoral”¹²⁷. A obra de Comblin foi, em parte, condensada e adaptada na língua portuguesa por Francisco Javier Calvo, no ano de 1991, a qual não vem a ser uma obra científica, mas uma “síntese dirigida ao grande público e isso significa um livro provisório”¹²⁸. Percorre um itinerário próprio, começando pela análise da história teológica da cidade, passando pelos temas da cidade de Deus, cidade dos homens, propondo uma reflexão sobre a Igreja na cidade e, por fim, concluindo com o último capítulo sob o título “Da cidade a Deus”.

Sem a obrigação do teólogo na definição do que vem a ser o conceito “cidade”, mas contribuindo para dar as razões últimas e constitutivas de sentido da cidade¹²⁹, nem tendo o desafio de adentrar-se mais profundamente nessas obras supracitadas, é interessante se perguntar em contrapartida: Por que não haveria de

¹²⁴ *Dicionário Teológico Cristão*. Paulus, 1998, p. 856.

¹²⁵ DUTRA, Silvio Guterres. *A Paróquia na Cidade, Análise de algumas contribuições da “Teologia da Cidade” para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina*. Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001, p.14.

¹²⁶ FROSINI, Giordano. *Babele o Gerusalemme?- Per una teologia della città*, Edioni paoline, Milano, 1992.

¹²⁷ NIÑO, Francisco. *La Iglesia en la ciudad. El fenómeno de las grandes ciudades en América Latina, como problema teológico y como o desafío pastoral*. Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1996, p.194.

¹²⁸ COMBLIN, José. *Teologia da cidade*. São Paulo: Paulinas, 1991, prólogo, p.05.

¹²⁹ FROSINI, Giordano. Op. Cit, p.231.

existir uma Teologia da Cidade, já que o objeto principal da Teologia (Deus) é universal e onipresente? Por que não poderia haver uma Teologia da Cidade, se Jesus Cristo evangelizou os homens nas cidades e seus apóstolos, que mergulharam profundamente na evangelização das cidades? Se a cidade é produto da organização humana, por que o homem, como objeto principal da salvação, vinculado às realidades terrenas por ele criadas, como a cidade, não seriam objeto de pesquisa teológico-científica? Frosini, em sua obra, atribui a teologia como resposta aos problemas do homem atual¹³⁰. Não será a cidade, em todas as suas complexidades, um grande problema do homem atual? E, por isso, não deverá ser um objeto de reflexão da teologia? Se a massiva maioria da população habita na cidade, por que a cidade não poderia e não deveria ser objeto de estudo teológico?

No documento básico do Congresso Internacional da Pastoral Urbana, escrito por Alfonso Vietmeier, secretário executivo do congresso e coordenador do espaço de Pastoral Urbana da Cidade do México, afirma-se que Deus está na cidade, na complexidade urbana, com seus múltiplos sujeitos sociais, em seus empenhos cotidianos, lutas, fracassos e avanços¹³¹. Baseia-se no Documento de Aparecida, que declara:

A fé nos ensina que Deus vive nas cidades, em meio às suas alegrias, desejos e esperanças, como também em meio às suas dores e sofrimentos. As sombras que marcam o cotidiano das cidades, como exemplo, violência, pobreza, individualismo e exclusão não podem impedir que busquemos o Deus da vida também nos ambientes urbanos. As cidades são lugares de liberdade e oportunidade. Nelas as pessoas têm a possibilidade de conhecer mais pessoas, interagir e conviver com elas. Nas cidades é possível experimentar vínculos de fraternidade, solidariedade e universalidade. Nelas, o ser humano é constantemente chamado a caminhar sempre mais ao encontro do outro, conviver com o diferente, aceitá-lo e ser aceito por ele¹³².

As cidades tiveram uma grande importância no ministério de Jesus. Jesus nasceu na vila de Belém, foi criado em Nazare, que na época tinha em torno de 15 a 20 mil habitantes¹³³. Ele foi enviado às cidades para pregar o Evangelho, como Ele mesmo afirmou: “Devo anunciar também às outras cidades a Boa Nova do Reino de

¹³⁰ FROSINI, G. *Babele o Gerusalemme? - Per una teologia della città*, Edioni paoline, Milano, 1992, p. 173.

¹³¹ VIETMEIER, Alfonso. *Textos da Universidade Ibero-Americana. Congresso Internacional da Pastoral Urbana, Dios Habita em la ciudad - Documento Básico “para abrir a boca”*, México, 2007.

¹³² *Aparecida*, 514.

¹³³ BARRO, Jorge. *De cidade em cidade – elementos para uma teologia bíblica da missão urbana em Lucas-Atos*, Paraná, Londrina: Descoberta, 2002, p.47.

Deus, pois é para isto que fui enviado” (Lc 4,43). Era um pregador que andava de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, pregando o Evangelho do Reino de Deus (cf. Lc 8,1). Percorria cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, que eram lugares estratégicos do mundo das cidades (cf. Mt 9, 35). A partir do texto bíblico em que Jesus olha sobre a cidade de Jerusalém e chora sobre ela, devido a sua falta de conversão, Hoffmann sugere esse olhar de Jesus como “síntese da visão de Deus sobre a cidade em todos os tempos e de todas as cidades”¹³⁴. Propõe que essa visão seja o ponto de partida e o ponto de chegada para quem quer entender a verdadeira natureza e lógica da cidade para exercer a vocação missionária urbana¹³⁵.¹³⁶

¹³⁴ HOFFMANN, Arzemiro. *A cidade na missão de Deus, Encontro Publicações*, 2007, p. 19.

¹³⁵ Idem.

¹³⁶ Sugestões de autores e obras para maior aprofundamento do tema sobre a realidade (ver): LIPOVETKY, Gilles. *A era do vazio*, ensaios sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Manole, 2005; LIPOVETKY, Gilles. *Os tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004; SANTOS, Eduardo da Silva (org.). *Religião em Debate*. Porto Alegre: Edições EST, 2007.

2 A PARÓQUIA NA CIDADE ATUAL

A Paróquia na Cidade Atual é o objeto principal do presente estudo. Por isso, é, neste capítulo analisada de maneira teológica, concreta, territorial, local, circunstancial, em sua tarefa de evangelização, dentro da cidade, vista a partir das orientações eclesiais, especialmente tratadas nas Conferências Latino-americanas, que nos permitem um JULGAR mais palpável. Nesse contexto, dá-se um enfoque especial à paróquia na perspectiva da comunicação, uma vez que a Igreja é essencialmente comunicação e missão. Finaliza-se o presente capítulo, buscando-se um modelo concreto de Igreja para a Paróquia na cidade, baseado na Eclesiologia de Comunhão do Concílio Vaticano II, na tentativa de uma abertura para a sinodalidade, o que será aprofundado na conclusão deste capítulo, servindo de ponte para o capítulo seguinte do AGIR.

2.1 O CONCEITO E A TEOLOGIA DA PARÓQUIA URBANA

Antes de se tratar de uma possível Teologia da Paróquia, é importante se chegar a uma proximidade do que vem a ser o conceito de paróquia. Hackmann aponta que a paróquia tem um verdadeiro significado teológico e não meramente canônico ou técnico¹³⁷. Para Amado Portella a paróquia possui um conceito básico ao se abordar o conceito Igreja. Segundo ele, em sua origem, paróquia e comunidade não se opõem, ainda que alguns queiram reduzir o conceito de paróquia a um determinado tipo de atividade pastoral¹³⁸. A crise de conceituação e identificação de paróquia se dá pelo tipo de atividade e função que atualmente ela paróquia exerce.

O termo paróquia se origina do substantivo grego *paroikía* e do verbo grego *paroikêin* que significa “viver junto a” ou “habitar nas proximidades”, “habitar perto” e que deriva de outros dois termos: *para* (peri) e *oikia* (oikos), que indicam sempre uma situação de proximidade, significando “aquilo que se encontra perto ou ao redor da casa”. Conforme alguns autores, ordinariamente, a palavra *paroikos* significa

¹³⁷ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. “Por uma paróquia como comunidade evangelizadora e missionária”, In: *Teocomunicação*, Porto Alegre, Mar/1996, n.111, p. 4.

¹³⁸ AMADO, Joel Portella. Experiência eclesial em um mundo urbano: pressupostos e concretizações (2ª Parte), *Atualidade teológica – Revista Semestral do Departamento de Teologia da PUC-Rio*, ano V, julho/dezembro 2001, p. 162.

“vizinho”; excepcionalmente denota o estrangeiro domiciliado num país sem gozar dos direitos de cidadania. Essa palavra é citada dezesseis vezes no Antigo Testamento, no sentido de “comunidade do povo de Deus, vivendo no estrangeiro, sem direito de cidadania” e no Novo Testamento aparece tão-somente duas vezes com esse mesmo significado. Igreja, nesse sentido, é *paroikía*¹³⁹.

Esta etimologia assume significação particular porque, quando analisada dentro do contexto bíblico, o termo “*paroikia*, partindo da palavra ‘hebreu’, proveniente de *hapiru*, como origem mais provável, significa “estrangeiro”, forasteiro ou peregrino”¹⁴⁰. A ideia que brota daí é a de um movimento, de alguém que, mesmo se fixando por um tempo, caminha em direção a um outro lugar. Aponta a condição de estrangeiro, de povo peregrino que vai ao encontro da terra prometida, o povo de Deus que foi dispersado e tem que viver na diáspora, a comunidade dos fiéis que são peregrinos neste mundo¹⁴¹.

Um outro fato que vem em auxílio dessa reflexão é o encontro dos termos *paroikia* (paróquia) e *dioikesis* (diocese). Aquele significando sempre a proximidade, o habitar entre, o ser vizinho e este significando particularmente um território mais vasto, uma circunscrição, uma administração, um governo, um distrito, uma província, uma jurisdição episcopal. Indicam duas situações distintas, mas que, em se tratando da experiência da presença da Igreja em uma cidade (a qual tinha a sua frente um bispo como pastor), por vezes se confundiam. A referida circunscrição urbana era chamada de *paroikia*¹⁴², ou seja, a paróquia era a cidade no seu todo¹⁴³.

O Código de Direito Canônico define paróquia como “uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja Particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco como a seu pastor próprio, sob a autoridade do bispo diocesano”¹⁴⁴. Revela também o Direito Canônico que a paróquia legitimamente erigida tem, *ipso iure*, personalidade jurídica¹⁴⁵, ou seja, não é simplesmente um

¹³⁹ Cf. SCHMIDT, K. L. Paroikos, paroikía, paroikêin, In: *Theogisches Wörterbuch des Neuen Testaments* (1954), p. 840-852.

¹⁴⁰ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. “Por uma paróquia como comunidade evangelizadora e missionária”, In: *Teocomunicação*, Porto Alegre, Mar/1996, n.111, p. 4.

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² Cf. VANZAN, Piersandro e AULETTA, Angelo. *La parrocchia per la nuova evangelizzazione: tra corresponsabilità e partecipazione*, Roma, 1998, pp. 199-200.

¹⁴³ DUTRA, Silvio Guterres. *A Paróquia na Cidade, Análise de algumas contribuições da “Teologia da Cidade” para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina*, Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001, p. 42-43.

¹⁴⁴ Código de Direito Canônico (C.I.C.), cân. 515, parágrafo 1.

¹⁴⁵ Idem, parágrafo 3.

apêndice da diocese, mesmo que seja uma filial, mas goza de verdadeira personalidade jurídica canônica e deve atuar através do pároco.

Desde o século IV, houve uma melhoria na organização das paróquias as quais se consolidaram como distritos próprios confiados a sacerdotes. Com a organização carolíngia, a Paróquia adquiriu três fortes características:

- 1) Circunscrição territorial;
- 2) Vinculação dos moradores à paróquia local para a experiência de Igreja;
- 3) Manutenção econômica do clero¹⁴⁶.

Com o Concílio de Trento, o sistema paroquial recebeu uma definição canônica, onde se destacou a exigência de uma relação pessoal entre o pároco e os fiéis. A consequência disso foi uma delimitação de um território paroquial devido ao grande número de fiéis, evitando conflitos de competência e jurisdição. O Concílio apontou para a obrigação do pároco em residir na paróquia, conhecer e atender os fiéis sob seus cuidados. Trento também regula a difícil questão do relacionamento institucional entre a paróquia e as igrejas dos religiosos presentes no território paroquial.

O Concílio Vaticano II, que é definido como um Concílio pastoral, vê a paróquia sob nova perspectiva: do pároco à comunidade, da cura de almas à edificação da Igreja; da concentração sobre si mesma à evangelização do mundo. O desafio da Paróquia é entendido, no contexto pós-conciliar, num sentido mais amplo que o territorial, tendo, a evangelização, que ser mais abrangente e diocesana, não se fechando aos limites de um território¹⁴⁷. O Concílio incidiu mais numa prática pastoral do que numa elaboração teológica, havendo uma carência muito grande de uma reflexão teológica e sistemática sobre a paróquia, deixando de responder muitas de suas razões teológicas. Nem por isso, deixa de situar a paróquia, sobressaindo-se dentre os demais agrupamentos de fiéis:

Como nem sempre e em todos os lugares, o Bispo, em sua Igreja, pode estar pessoalmente à frente do rebanho todo, deve necessariamente organizar comunidade de fiéis. Entre elas, sobressaem, as paróquias, confiadas a um pastor local, que as governe, fazendo às vezes do Bispo:

¹⁴⁶ Cf. AMADO, Joel Portella. Experiência eclesial em um mundo urbano: pressupostos e concretizações (2ª Parte), *Atualidade teológica – Revista Semestral do Departamento de Teologia da PUC-Rio*, ano V, julho/dezembro 2001, p. 162-163.

¹⁴⁷ Cf. FLORISTÁN, Casiano. Crisis de la parroquia y comunidades de base, *In: Phase 8*, 1969, p.333-349.

pois de algum modo eles representam a Igreja visível estabelecida por toda a terra¹⁴⁸.

Nessa citação, uma das poucas e únicas que falam diretamente da paróquia, percebe-se o pouco acento dado à comunidade paroquial a partir de si mesma. Vê-se a paróquia aqui tão-somente como prolongamento do trabalho amplo do Bispo que faz do pároco designado a extensão de seu ministério. Na procura de uma Teologia da Paróquia, vê-se, nesse texto conciliar, a necessidade da existência da paróquia apenas por motivos pastorais, devido ao acúmulo de tarefas do Bispo, não pela sua razão teológica essencial de ser. A paróquia seria criada pela necessidade pastoral, não pela sua razão ontológica.

Entende-se que os encontros dos bispos latino-americanos antecederam a aplicação dos princípios pastorais do Concílio Vaticano II na América Latina. Em 1955, no Rio de Janeiro (Brasil), aconteceu a primeira Conferência Episcopal Latino-Americana. Nesse encontro, tão pouco comentado, deu-se bastante destaque à paróquia. No número 55, declara-se o seguinte em relação à Conferência Episcopal:

Deseja vivamente lembrar e sublinhar a importância preeminente que compete à Paróquia, célula básica do corpo místico de Cristo, como centro propulsor e coordenador de apostolado, para o desenvolvimento pleno e harmonioso de toda ação apostólica¹⁴⁹.

É importante sentir a força desse pensamento dos bispos no Rio de Janeiro, declarando a paróquia ser não meramente como um prolongamento da atuação do bispo, mas uma célula vital do Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja, vista por eles como centro propulsor e coordenador de toda evangelização. Até então, não se entendia a paróquia desse jeito. Os bispos latino-americanos começaram a aprofundar melhor o caminho para o entendimento de uma Teologia da Paróquia.

Em 1968, num segundo momento, os bispos Latino-Americanos, na Conferência Episcopal de Medellín, expressaram sua visão a respeito da realidade pastoral da paróquia, compreendendo-a como “um conjunto pastoral vivificador e unificador das comunidades de base”. A paróquia, para eles, tem de descentralizar sua pastoral no tocante a lugares, funções e pessoas, justamente para “congregar num todo as diversas diferenças humanas que encontra e inseri-las na

¹⁴⁸ CONCÍLIO VATICANO II, Constituição *Sacro Sanctum Concilium*, 42.

¹⁴⁹ I CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM), *Documento do Rio de Janeiro*, 55.

universalidade da Igreja”¹⁵⁰. Apontam, portanto, para a realidade pastoral da comunidade paroquial que é mais ampla e faz parte de uma unidade que deve abrangê-la, que é a do vicariato forâneo ou decanato, chamado a promover e dirigir a ação pastoral comum no território cujo ao seu titular é confiado. “Se vários vicariatos forâneos vizinhos forem suficientemente homogêneos e caracterizados em sua problemática pastoral, convêm formar com eles uma região, que poderia ficar sob a responsabilidade de um vigário episcopal¹⁵¹.”

Em Puebla, os bispos deste Continente se referem à paróquia mais relacionada como fomentadora das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)¹⁵². Procuram, para isso, incentivar a multiplicação de comunidades territoriais e ambientais.

A paróquia rural (...) tem procurado criar e coordenar CEBs que correspondam aos grupos humanos dispersos na área paroquial. As paróquias urbanas, (...) dar maior ênfase ao serviço litúrgico e sacramental. Torna-se cada vez mais necessária a multiplicação de pequenas comunidades territoriais ou ambientais que correspondam a uma evangelização mais personalizante¹⁵³.

Numa perspectiva mais teórica, idealizada, talvez, sob certos aspectos, a III Conferência não faz uma definição de paróquia, mas arrisca uma descrição. Afirma-se que a organização paroquial, seja territorial, seja pessoal, depende daqueles que a integram e da união que existe como comunidade humana¹⁵⁴.

A paróquia realiza uma função de Igreja em certo sentido integral, já que acompanha as pessoas e famílias no decorrer de toda a sua existência, na educação e crescimento na fé. É centro de coordenação e animação de comunidades, grupos e movimentos. (...). A celebração da eucaristia e demais sacramentos torna presente de maneira mais clara a totalidade da Igreja. O seu vínculo com a comunidade diocesana é garantido pela união com o bispo, que confia a seu representante (normalmente o pároco) o cuidado pastoral da comunidade. A paróquia vem a ser para o cristão o lugar de encontro, de fraterna comunicação de pessoas e de bens, superando as limitações próprias às pequenas comunidades. Na paróquia se assume, de fato, uma série de serviços que não estão ao alcance das comunidades menores, (...), atingindo-se, assim, os migrantes mais ou menos estáveis, os marginalizados, os separados, os não crentes e, em

¹⁵⁰ II CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM), Documento de *Medellín*, 5 ed. São Paulo: Paulinas, 1984, 13.

¹⁵¹ *Idem*, 16.

¹⁵² Comunidades Eclesiais de Bases.

¹⁵³ III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM), Documento de *Puebla*, 111.

¹⁵⁴ *Puebla*, 110.

geral, os mais necessitados¹⁵⁵.

João Paulo II, na Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, aponta que a Paróquia está fundada sobre uma realidade teológica, pois ela é uma realidade eucarística¹⁵⁶. Mas há autores que criticam essa teologicidade da paróquia pelo fato de ser eucarística, vendo a Eucaristia como um fator mais amplo e universal, não só atrelado à paróquia.

(...) não é adequada a vinculação da identidade teológica da paróquia ao fato de ser uma “comunidade eucarística”. (...) se trata de uma realidade relativa a Deus e, portanto, também teológica. Mas a dimensão eucarística é um dado constitutivo de toda a Igreja, centrada no mistério pascal, e, assim sendo, não pode jamais ser tida como identificação exclusiva da paróquia, que é expressão ímpar de comunidade cristã (portanto eucarística), mas não a única forma possível¹⁵⁷.

A paróquia, para João Paulo II, não é principalmente uma estrutura, um território, um edifício¹⁵⁸, mas sobretudo “uma família de Deus, como uma fraternidade animada pelo espírito de unidade”¹⁵⁹, uma “casa de família, fraterna e acolhedora”¹⁶⁰ e a “comunidade de fiéis”¹⁶¹. No Catecismo da Igreja Católica, em 1992, diz que a paróquia é “a comunidade eucarística e centro da vida litúrgica das famílias cristãs; é um lugar privilegiado da catequese dos filhos e dos pais”¹⁶². Portanto, a Paróquia é o ponto nevrálgico da vivência da fé cristã.

Os bispos latino-americanos, reunidos em Santo Domingo, reafirmam o que João Paulo II propõe como Teologia da Paróquia. Destacam a paróquia, procurando uma elaboração conceitual e teologal. Acrescentam, porém, uma expressão que dá um sentido novo: a paróquia é comunidade de comunidades e movimentos. “A paróquia, comunhão orgânica e missionária, é assim uma rede de comunidades”¹⁶³.

¹⁵⁵ Puebla, 644.

¹⁵⁶ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, 26.

¹⁵⁷ Cf. LANZA, Sérgio. “La Chiesa si realizza in un luogo: riflessione teologico-pastorale”, pp. 112-113. *apud* DUTRA, Silvio Guterres. *A Paróquia na Cidade, Análise de algumas contribuições da “Teologia da Cidade” para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina*, Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001, p.47.

¹⁵⁸ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Christifidelis Laici*, 26.

¹⁵⁹ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, 91.

¹⁶⁰ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, 67.

¹⁶¹ C. I. C., cân. 515.

¹⁶² Catecismo da Igreja Católica, 2226.

¹⁶³ IV CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM), Documento de Santo Domingo, 58.

A paróquia, comunidade de comunidades e movimentos, acolhe as angústias e esperanças dos homens, anima e orienta a comunhão, participação e missão. “Não é principalmente uma estrutura, um território, um edifício, é a família de Deus, como uma fraternidade animada pelo Espírito de unidade”... “A paróquia se funda sobre uma realidade teológica porque ela é uma comunidade eucarística”... “A paróquia é comunidade de fé, e uma comunidade orgânica... na qual o pároco, que representa o bispo diocesano, é o vínculo hierárquico com toda a Igreja particular”¹⁶⁴. Se a paróquia é a Igreja que se encontra entre as casas dos homens, ela vive e trabalha profundamente inserida na sociedade humana e intimamente solidária com suas aspirações e dificuldades. A paróquia tem a missão de evangelizar, de celebrar a liturgia, de fomentar a promoção humana, de fazer progredir a inculturação da fé nas famílias, nas CEBs, nos grupos e movimentos apostólicos, e através deles, em toda a sociedade¹⁶⁵.

Os bispos a indicam, nesta Conferência, quatro importantes desafios para a renovação da paróquia:

- Renovar as paróquias a partir de estruturas que permitam setorizar a pastoral, mediante pequenas comunidades eclesiais nas quais apareça a responsabilidade dos fiéis leigos;
- Qualificar a formação e participação dos leigos, capacitando-os para encarnar o Evangelho nas situações específicas onde vivem ou atuam;
- Nas paróquias urbanas, privilegiam-se planos de conjunto em áreas homogêneas para organizar serviços ágeis que facilitem a Nova Evangelização;
- Renovar sua capacidade de acolhida e seu dinamismo missionário com os fiéis afastados e multiplicar a presença física da paróquia mediante a criação de capelas e pequenas comunidades¹⁶⁶.

A V Conferência Episcopal Latino-Americana, em Aparecida (Brasil), propôs uma corajosa ação renovadora das paróquias. Nesse encontro episcopal, define-se paróquia como “célula viva da Igreja”¹⁶⁷, lugar privilegiado do qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e da comunhão eclesial¹⁶⁸. As paróquias são convidadas a serem “casa e escola de comunhão”¹⁶⁹, tendo como grande desafio uma valente ação renovadora, a fim de se tornarem de verdade

¹⁶⁴ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Christifidelis Laici*, 26.

¹⁶⁵ *Santo Domingo*, 58.

¹⁶⁶ *Idem*, 60.

¹⁶⁷ *Apostolicam Actuositatem*, 10, *Santo Domingo*, 55. In: V CONFERÊNCIA DOS BISPOS LATINO-AMERICANOS, Documento de *Aparecida*, 170.

¹⁶⁸ *Ecclesia in América*, 41. Cf: *Aparecida*, 170.

¹⁶⁹ *Aparecida*, 170.

espaços da iniciação cristã, da educação e celebração da fé, abertas à diversidade de carismas, serviços e ministérios, organizadas de modo comunitário e responsável, integradoras de movimento de apostolado já existente, atentas à diversidade cultural de seus habitantes, abertas aos projetos pastorais e supra-paroquiais e às realidades circundantes¹⁷⁰.

Aparecida propõe que a renovação paroquial se dê a partir do caráter missionário em todas as paróquias. “A renovação missionária das paróquias se impõe, tanto na evangelização das grandes cidades como do mundo rural de nosso Continente, que está exigindo de nós imaginação e criatividade para chegar às multidões que desejam o Evangelho de Jesus Cristo”¹⁷¹. Toda essa renovação paroquial precisa ter em vista o “mundo urbano”, expressão usada pela V Conferência, desafiando a criação de novas estruturas pastorais. Os bispos, nesse contexto, falam da conversão pastoral e renovação missionária das comunidades que deverá ir além de uma mera conservação para uma pastoral decididamente missionária¹⁷².

Afinal, existiria uma Teologia da Paróquia? Existe um discurso teológico possível quando falamos em Paróquia? Vê-se aqui claramente a complexidade referente à identidade teológica da comunidade paroquial. É importante aprofundá-la.

Em primeiro lugar, não se pode falar de paróquia sem o referencial teológico de Igreja, inaugurada e fundada por Cristo (cf. Mt 16,18). Uma vez que Cristo fundou a Igreja, a paróquia sem ela não tem sentido de ser. Encontra-se aí um primeiro pressuposto teológico. A paróquia existe e tem fundamento teológico enquanto é sinal visível da Igreja às pessoas concretas, determinadas e circunstanciadas, enquanto “instrumento universal da salvação”¹⁷³.

Num segundo ponto, a paróquia não é apenas um aglomerado sociológico de fiéis crentes, mas um chamamento divino de pessoas que se encontram em comunhão com Deus para uma tarefa concreta: a evangelização. A Paróquia é convocada por Deus, conclamada do alto, não sendo “simples massa de batizados”¹⁷⁴. As pessoas são convocadas para evangelizar. Assumem como sua

¹⁷⁰ *Ecclesia in América*, 41. Cf: *Aparecida*, 170.

¹⁷¹ *Aparecida*, 173.

¹⁷² *Idem*, 370.

¹⁷³ LG, 1, 48 e 59; SC, 5 e 26; AG, 1,5 e 21; GS, 45.

¹⁷⁴ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. “Por uma paróquia como comunidade evangelizadora e missionária”. In: *Teocomunicação*, Porto Alegre, Mar/1996, n.111, p. 7.

identidade e missão a evangelização¹⁷⁵. Os paroquianos não só se reúnem para uma comunhão humana, formando uma comunidade sociológica terrena qualquer de relações humanas, mas procuram caminhar na construção de uma comunidade aberta ao transcendente.

Muitos excluem a possibilidade de a Paróquia ser tema da teologia sob o argumento de ela não se tratar de uma instituição de direito divino, como o é a diocese¹⁷⁶. Outros ainda excluem a teologicidade da paróquia, centrando a teologia nas áreas doutrinárias e dogmáticas, enquanto que a teologia é mais do que a dogmática¹⁷⁷. Outros ainda não passam das definições canônicas a respeito da comunidade paroquial.

Se é consenso que a Paróquia é uma estrutura pastoral e instrumento de evangelização, há de se perguntar: a teologia pastoral vem a ser de fato uma teologia? Se a resposta for afirmativa, não haveria o porquê de se perguntar se a paróquia tem uma razão teológica. Se se faz a pergunta, é porque, de alguma maneira, nem sempre se confirma esse pressuposto. Cabe, pois, numa visão mais ampla e concreta, reconhecer a legitimidade da teologia pastoral.

Uma vez reconhecida a legítima autonomia da teologia pastoral neste campo, sairão enriquecidas, tanto a dimensão canônica (que estará em maior sintonia com as exigências próprias de cada tempo e realidade sócio-antropológica) quanto a doutrinária (que se ocupará mais tranqüilamente somente do que lhe compete)¹⁷⁸.

A Paróquia é uma realidade da ação eclesial e mostra relevância teológica precisamente na sua realização histórica concreta como instituição que está intimamente ligada ao conteúdo da fé. Não pode existir fora do pressuposto da revelação. O ponto de partida da Paróquia não é antropológico, sociológico, psicológico, mas teológico, ou seja, parte da realidade transcendente que faz acontecer o sagrado numa realidade humana.

¹⁷⁵ PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, 14.

¹⁷⁶ Cf. LANZA, Sérgio. *La nube e il fuoco*, Roma, 1995, p. 15. *apud* DUTRA, Silvio Guterres. *A Paróquia na Cidade, Análise de algumas contribuições da "Teologia da Cidade" para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina*, Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001, p.46.

¹⁷⁷ DUTRA, Silvio Guterres. *A Paróquia na Cidade, Análise de algumas contribuições da "Teologia da Cidade" para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina*, Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001, p. 46.

¹⁷⁸ Cf. LANZA, Sérgio. *La nube e il fuoco*, Roma, 1995, p.18. *apud* DUTRA, Silvio Guterres. *A Paróquia na Cidade, Análise de algumas contribuições da "Teologia da Cidade" para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina*, Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001, p. 47.

2. 2 A PARÓQUIA AFETIVA E EFETIVA: LIMITES, TERRITORIALIDADE, LUGAR

Não se pode estar na Igreja senão numa Igreja local. Todo o mistério da Igreja, no sentido amplo, está contido em cada uma das igrejas particulares¹⁷⁹, enquanto não houver fechamento e isolamento. Os documentos da Igreja garantem que o mistério eclesial amplo e universal está contido nas Igrejas particulares, guardando-se a comunhão universal e a missionariedade.

Disto fala amplamente o Decreto *Ad Gentes*, e, já, depois do Concílio já se consolidou a linha teológica que defende que todo o mistério da Igreja está contido em cada uma das Igrejas particulares, desde que esta não se isole, mas permaneça em comunhão com a Igreja universal e, por sua vez, se faça também missionária¹⁸⁰.

Da Igreja particular, surgem as comunidades locais, as paróquias. Grings aponta que a paróquia local, específica, constitui uma imagem e célula da Igreja Universal¹⁸¹. Cada cristão encontra a Igreja numa paróquia bem definida. Hackmann, fundamentando-se no Concílio Vaticano II, destaca que a paróquia constitui uma célula da Igreja particular¹⁸². A Paróquia, como célula diocesana, é convidada a cultivar prontamente sua colaboração com a Diocese local¹⁸³. Mas é preciso destacar que a paróquia não é uma Igreja particular¹⁸⁴, sendo célula de um corpo mais amplo.

Como já se apontou anteriormente, com o Concílio de Trento o sistema paroquial recebeu uma definição canônica, dando consequência a uma delimitação de um território paroquial devido ao grande número de fiéis, evitando conflitos de competência e jurisdição. O Código de Direito Canônico, na concepção de Paróquia, faz alusão ao aspecto acentuadamente territorial:

Por via de regra, a paróquia seja territorial, isto é, seja tal que compreenda todos os fiéis de um determinado território; onde, porém, for conveniente, constituam-se paróquias pessoais, em razão de rito, língua, nacionalidade dos fiéis de um território, e também por outra razão determinada¹⁸⁵.

¹⁷⁹ Cf. JOÃO PAULO II, Encíclica *Redemptoris Missio*, 48.

¹⁸⁰ Idem.

¹⁸¹ Cf. GRINGS, Dadeus. *A evangelização da cidade, o Apostolado Urbano*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, p.186.

¹⁸² HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. "Por uma paróquia como comunidade evangelizadora e missionária", *In: Teocomunicação*, Porto Alegre, Mar/1996, n.111, p.8.

¹⁸³ Cf. CONCILIO ECUMÊNICO VATICANO II, Decreto *Apostolicam Actuositatem*, 10.

¹⁸⁴ Cf. GRINGS, Dadeus. *A evangelização da Cidade*, Op. Cit., p.255.

¹⁸⁵ C. I. C., cân. 518.

A Paróquia é compreendida canonicamente por um determinado espaço geográfico, circunstanciado e dentro de limites de lugar, de pessoas, de espaços concretos. O Direito Canônico, porém, permite a ereção de paróquias pessoais, erguidas por motivos pastorais, determinados pelo Bispo Diocesano, ouvindo o Conselho Presbiteral¹⁸⁶. As Paróquias estudantis e universitárias poderiam entrar como exemplo de paróquias pessoais¹⁸⁷, não necessariamente geográficas, não delimitadas por uma extensão de terra e de pessoas.

O pároco designado em uma paróquia geográfica é responsável pela jurisdição pastoral em determinada área territorial que compreende um determinado número de fiéis de uma região. Os seus paroquianos efetivamente são aqueles moradores dessa determinada área de jurisdição. Isso como via de regra.

Percebe-se, porém, que na prática não é bem assim. Como foi visto no capítulo anterior, o fenômeno urbano com sua mobilidade, fragmentação e complexos canais de comunicação e relações, podem e fazem muitas vezes desestruturar esse conceito de paróquia efetiva. Há outros pressupostos e motivos que afetivamente ligam os fiéis a outras comunidades, extrapolando os limites ou espaços geográficos. A construção, por exemplo, de uma Rede Ferroviária (metrô) pode fazer um fiel mudar de paróquia, devido à facilidade de acesso em outra ou não. A insegurança de uma igreja, sem local para estacionamento, pode levar um fiel a pertencer à outra comunidade paroquial. Os confrontos entre leigos e padres também são causas de mobilidade dos fiéis que vão por vezes migrando de paróquia. E tantos outros fatores urbanos criam outras relações de pertença, ora a uma comunidade, ora a outra, de modo que o fator geográfico atualmente parece não ser mais o critério fundamental de pertença do fiel à determinada comunidade paroquial. Hoje os paroquianos de uma comunidade local não coincidem com os habitantes nesse território, como era anteriormente.

A missão da paróquia deve ser entendida de maneira mais ampla, e seus destinatários não devem ficar somente circunscritos aos moradores das proximidades. A Exortação Apostólica *Ecclesia in America* aponta que “as paróquias na América se devem notar pelo espírito missionário, que as levem a estender a

¹⁸⁶ C. I. C., cân. 515, parágrafo 2.

¹⁸⁷ A Arquidiocese de Porto Alegre (RS-Brasil) recentemente criou duas paróquias pessoais, a Paróquia Universitária e a Paróquia Estudantil, erigidas por motivos pastorais a fim de atender a um determinado público específico.

própria ação fora dos próprios limites”¹⁸⁸. Não se evangeliza o espaço geográfico como tal, mas sim as pessoas que podem estar momentaneamente nesses espaços ou fora deles. A missão atual da Igreja está mais voltada à pessoa humana do que ao seu local de convívio e participação. Entende-se a paróquia atual com um instrumento de acolhida e busca da pessoa, como objeto salvífico do amor de Deus. Por isso, os bispos, na Conferência de Aparecida, falam de uma evangelização “a partir” da Paróquia e não circunstanciada a ela¹⁸⁹. Falam de rede de comunidades e não tão-somente na comunidade geográfica em si, reformulando-se as estruturas paroquiais.

A renovação das paróquias no início do terceiro milênio exige a reformulação de suas estruturas, para que seja uma rede de comunidades e grupos, capazes de se articular conseguindo que seus membros se sintam realmente discípulos missionários de Jesus Cristo em comunhão. A partir da paróquia, é necessário anunciar o que Jesus Cristo “fez e ensinou” (At 1,1) enquanto esteve entre nós.(...) Toda a Paróquia é chamada a ser espaço onde se recebe e se acolhe a Palavra, onde se celebra e se expressa na adoração do Corpo de Cristo, e assim é a fonte dinâmica do discipulado missionário¹⁹⁰.

Procurando aplicar as novas orientações da Conferência de Aparecida, as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, válidas para os anos de 2008-2010, também falam da necessidade de novas estruturas comunitárias, além da paróquia tradicional, que atendam todas as necessidades¹⁹¹.

É importante perceber que, numa óptica mais ampla e pós-conciliar, não se pode querer ter uma visão extremadamente clerical e eclesial de que tudo deveria passar pela comunidade paroquial. Há uma visão costumeira de que todo o cristão precisaria efetivamente pertencer a uma paróquia e nela necessariamente atuar como força viva. O cristão que atua fora da paróquia, não é considerado como tal por não pertencer diretamente a ela. Mesmo que participe dos sacramentos em diversas comunidades, seu trabalho apostólico extraparoquial não o qualificaria como “cristão engajado”. Essa mentalidade é bastante estreita e precisaria ser trabalhada. Compreende-se que a missão do cristão leigo não é para dentro da comunidade paroquial, mas para fora. Assim exortou o Concílio Vaticano II:

¹⁸⁸ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Ecclesia in America*, 41. In: *Aparecida*, 170.

¹⁸⁹ *Aparecida*, 172.

¹⁹⁰ *Idem*.

¹⁹¹ *DGAE*, 155. “E sabemos, no entanto, pelo número de fiéis (...), a paróquia de nossos dias acaba por deixar insatisfeitas aquelas pessoas que buscam formas mais comunitárias de viver a sua fé.(...)”.

O Concílio exorta os cristãos, cidadãos de uma e outra cidade, a procurarem desempenhar fielmente suas tarefas terrestres, guiados pelo espírito do Evangelho. Afastam-se da verdade os que, sabendo não termos aqui cidade permanente, mas buscarmos a futura, julgam, por conseguinte, poderem negligenciar os seus deveres terrestres, sem perceberem que estão mais obrigados a cumpri-los, por causa da própria fé, de acordo com a vocação à qual cada um foi chamado¹⁹².

No conceito atual de paróquia, o lugar tem um peso relevante no acontecer da Igreja. A salvação é sempre realidade concreta que acontece dentro de um tempo e espaço. Deus salva, aqui e agora, homens e mulheres concretas. Não se pode falar de evangelização sem o espaço de tempo e de lugar.

Entretanto é importante entender que o lugar não se define como uma simples geografia delimitada, mas como espaço humano. “Perderia totalmente o sentido falar aqui de lugar se esta referência fosse exclusivamente direcionada a uma porção delimitada de terra”, esclarece Dutra¹⁹³. É a presença do homem, com toda a sua vivência histórica e bagagem cultural, que qualifica o lugar e o torna fundamental como objeto de salvação¹⁹⁴. O território constitui-se o lugar da resposta do homem a Deus, mergulhado na diversidade de possibilidades em seu espaço circunstancial.

Deus quer salvar o indivíduo comunitariamente, como um ser em relação com os outros, inserido em uma comunidade humana própria. Deus não retira o homem de seu mundo concreto para o salvar, mas o salva em sua realidade vivencial, em conexão com sua história e sua existência.

O território não representa um limite, senão a universalidade da Igreja, que tem a missão de salvar todo o homem, o homem todo, em qualquer espaço. João Paulo II afirma, na Exortação Apostólica *Ecclesia in America* que “a paróquia é um **lugar** privilegiado onde os fiéis podem fazer a experiência concreta da Igreja”¹⁹⁵. Segundo o Papa, ela deve ser, acima de tudo, comunidade eucarística, acolhedora, solidária, lugar de iniciação cristã, da educação e da celebração da fé, aberta à variedade de carismas, serviços e ministérios...¹⁹⁶.

Nota-se, a partir disso, que não se pode desejar um modelo paroquial único e

¹⁹² CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, 43.

¹⁹³ DUTRA, Silvio Guterres. *A Paróquia na Cidade, Análise de algumas contribuições da “Teologia da Cidade” para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina*, Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001, p. 49.

¹⁹⁴ Idem.

¹⁹⁵ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Ecclesia in America*, 41 – grifo nosso.

¹⁹⁶ Idem.

aplicável a toda e qualquer situação, negando a importância do lugar, do espaço antropológico, limite e territorialidade. Será a própria situação, realidade e necessidade que vai moldar cada paróquia no lugar e tempo determinados, pensando-a de acordo com as emergências urbanas, com seus desafios e exigências.

É importante entender que no mundo urbano há uma desmaterialização do espaço. As pessoas na cidade se congregam, não pelo espaço, mas pela relação de interesses. Delineia-se no mundo urbano uma nova configuração de espaço.

Há uma desmaterialização do espaço no mundo urbano. Antes (...) geografia dimensional. Agora (...) a qualidade virtual do “interesse”. Há tantos espaços quantos os interesses. (...), fragmenta-se o espaço segundo os interesses. (...). A cidade gira em torno de interesses. (...) valoriza-se a pessoa como sujeito de suas atividades e não tanto a geografia condicionante. O mundo urbano é **pluriespacial**, regido pelos desejos e escolhas das pessoas. À medida que a Terceira Onda da Informática cresce, impera o policentrismo dos meios eletrônicos. Destroem-se os espaços e o imaginário tradicionais: igreja, praça, família. Impõe-se uma nova lógica regido por *status*, posse econômica, aparência, vitrine, mercado¹⁹⁷.

Portanto, há de se questionar uma paróquia que se preocupe tão-somente com os moradores de seu espaço geográfico. Os fiéis da cidade não se congregam nas paróquias apenas porque moram perto, nas mediações. Há novas relações e agremiações, um novo regime hodierno que determina novas zonas de interesses, que influenciam na árdua tarefa da evangelização da cidade. Não se pode somar os paroquianos que efetivamente pertencem ao território geográfico da paróquia. Há outras razões afetivas e transculturais que atualmente influenciam na constituição dos rebanhos de fiéis.

2.3 EVANGELIZAÇÃO NA CIDADE A PARTIR DA PARÓQUIA

A paróquia tem a missão de evangelizar¹⁹⁸. Todos os esforços da comunidade eclesial devem se orientar em direção à evangelização. Uma vez que é identificada como comunidade cristã, comunidade da Igreja, onde vive e se faz visível o povo de Deus, a paróquia tem o dever de evangelizar. Sendo uma célula viva da Igreja, que, por sua vez, ontologicamente se identifica com a evangelização, a paróquia não

¹⁹⁷ LIBÂNIO, João Batista. *As lógicas da Cidade – O impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. 2 ed., São Paulo: Loyola, 2001, p. 32 – grifo nosso.

¹⁹⁸ Cf. *Santo Domingo*, 58.

pode se compreender existente sem o ímpeto da missão evangelizadora. Paulo VI descortinou a identidade da Igreja na evangelização quando abriu os horizontes eclesiais para a missão, no documento *Evangelii Nuntiandi*: “A evangelização é a sua razão de ser; ela existe para evangelizar¹⁹⁹”. João Paulo II, em sua encíclica missionária, afirmou: “A Igreja é, por sua natureza, missionária, porque o mandato de Cristo não é algo de contingente e exterior, mas atinge o próprio coração da Igreja”²⁰⁰. É um pensamento pós-conciliar, fundamentado no Decreto *Ad Gentes* sobre a Atividade Missionária da Igreja, quando também declara: “A Igreja peregrina é missionária por natureza, uma vez que procede da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai”²⁰¹.

O documento de Medellín, quando se refere à Pastoral das Massas, afirma que a Igreja deve não somente permanecer numa pastoral de conservação, baseada numa sacramentalização, mas que deve se voltar à evangelização. É preciso hoje uma renovação pastoral. Ela foi,

(...) Pastoral apta, (...), para uma época em que as estruturas sociais coincidiam com as estruturas religiosas, em que os métodos de comunicação dos valores (família, escola etc.) estavam impregnados de valores cristãos e onde a fé se transmitia quase pela própria força da tradição. Hoje, entretanto, as próprias transformações do continente exigem uma revisão dessa pastoral, a fim de que se adapte à diversidade e pluralidade culturais do povo latino-americano²⁰².

Em Puebla, no México, os bispos recordam alguns princípios fundamentais já presentes em outros pronunciamentos eclesiais. A Igreja, uma vez que é depositária e transmissora do evangelho, junto à comunidade paroquial assume a tarefa de evangelizar a partir da ação evangelizadora de Cristo. “(...) Com ele, vive a Igreja para evangelizar. Esta é sua felicidade e vocação peculiar²⁰³ proclamar aos homens a pessoa e a mensagem de Jesus²⁰⁴.”

Ainda em Puebla se faz um apelo a uma evangelização profunda que não seja superficial como um verniz, mas que a Igreja, na evangelização, entre no coração e na raiz das culturas. “(...) com nova lucidez e nova decisão quer evangelizar no fundo, na raiz, na cultura do povo, volta-se para Maria para que o

¹⁹⁹ PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN), 15.

²⁰⁰ JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, 62.

²⁰¹ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Decreto *Ad Gentes*, 02.

²⁰² *Medellín*, 6.

²⁰³ PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, 14

²⁰⁴ *Puebla*, 224.

Evangelho se torne mais carne, mais coração na América Latina²⁰⁵.”

No documento de Santo Domingo, no capítulo primeiro que fala sobre a Nova Evangelização, os bispos latino-americanos deixam claro que só uma Igreja evangelizada é capaz de evangelizar²⁰⁶. A nova evangelização foi um dos fortes apelos do Papa João Paulo II, quando, em 1982, quis que fosse nova em seu método, em seu ardor e em sua expressão²⁰⁷. Levando em conta a Nova Evangelização em sua “expressão”, Santo Domingo exorta que Jesus Cristo pede que proclamemos a sua mensagem com uma linguagem que torne sua palavra mais próxima das novas realidades culturais de hoje.

(...) A partir da riqueza inesgotável de Cristo, se hão de buscar as novas expressões que permitam evangelizar os ambientes marcados pela cultura urbana e inculturar o Evangelho nas novas formas da cultura adveniente. A Nova Evangelização tem de inculturar-se mais no modo de ser e de viver de nossas culturas, (...). Assim a Nova Evangelização continuará na linha da encarnação do Verbo. A Nova Evangelização exige **a conversão pastoral** da Igreja. Tal conversão deve ser coerente com o Concílio. Ela diz respeito a tudo e a todos: na consciência e na práxis pessoal e comunitária, nas relações de igualdade e de autoridade; com estruturas e dinamismos que tornem a Igreja presente com cada vez mais clareza, enquanto sinal eficaz, sacramento de salvação universal²⁰⁸.

É interessante perceber, nesse texto, a utilização do termo “conversão pastoral”, reutilizada acentuadamente na Conferência de Aparecida. Ainda afirmam os bispos nessa IV Conferência Latino-Americana, em 1992, em Santo Domingo: “A paróquia tem a missão de evangelizar, de celebrar a liturgia, de fomentar a promoção humana, de fazer progredir a inculturação da fé nas famílias, nas CEBs, nos grupos e movimentos apostólicos e, através deles, em toda a sociedade”²⁰⁹. Portanto a missão da paróquia não é apenas a administração dos sacramentos, mas o anúncio da Palavra, a busca da promoção humana e a transformação da

²⁰⁵ *Puebla*, 303.

²⁰⁶ Cf. *Santo Domingo*, 23.

²⁰⁷ Retornando a Roma, após a sua visita apostólica aos países da América Central, no dia 09 de março de 1982, o santo Padre fez escala em Haiti. À noite, ele falou aos membros do CELAM. Referiu-se inicialmente à alegria de encontrar-se naquela Ilha do Caribe, à qual aportaram os primeiros missionários, em 1492; lembrou então que já aproximava a data dos ‘Quinhentos anos do começo da evangelização do novo Mundo’, e, acrescentou, a seguir, que a celebração de tão grande acontecimento só se realizaria na medida em que todos, bispos, sacerdotes, religiosos e leigos, retomassem aquela evangelização primeira com ‘novo ardor, novos métodos, nova expressão’. Foi então quando o Santo Padre referiu-se pela primeira vez, à ‘Nova Evangelização’, e a propôs como grande desafio para a igreja latino-americana (comentário Dom Antônio do Carmo Cheuiche, bispo auxiliar emérito da Arquidiocese de Porto Alegre-RS, no *Jornal Milênio – hoje chamado Solidário - Ano I, número 1*. Porto Alegre: s.l., Ago de 1992, p.04, contracapa).

²⁰⁸ *Santo Domingo*, 30 – grifo nosso.

²⁰⁹ *Santo Domingo*, nº 58.

sociedade. Hackmann, quando fala da evangelização, apoiando-se em Bestard, aponta uma tríplice dimensão inseparável e complementar da comunidade paroquial: a evangelização, a celebração e a transformação social. Elas “(...) formam três ações inseparáveis e complementares do ser eclesial da paróquia, pois são três dimensões da única missão da Igreja, que consiste em ser sacramento de salvação²¹⁰”.

Em primeiro lugar, a paróquia deve evangelizar dentro de seus limites geográficos. O campo evangelizador primordial da comunidade é sua própria seara. As ovelhas a serem apascentadas de *per se* são aquelas às quais o pastor foi designado apascentar.

Também a Igreja particular (e nela a paróquia) foi enviada aos que não crêem em Cristo e que se encontram no seu território. Para estes deve “ser um sinal a lhes mostrar Cristo, através do testemunho da vida de cada fiel e de toda a comunidade²¹¹”. O campo da ação evangelizadora da paróquia é primeiramente o seu próprio território, enquanto mundo complexo onde ela está situada, nele a paróquia exercerá a sua vocação sublime de representar a maternidade da Igreja através da geração contínua de novos membros para a fé²¹².

Mas o campo de evangelização da Paróquia deve ser mais amplo que seus próprios espaços e limites de jurisdição. O decreto *Ad Gentes* declara: “Não pode crescer nas comunidades a graça da renovação, se não dilatar cada uma os espaços da caridade até os confins da terra, cuidando igualmente dos de longe como dos membros próprios²¹³”.

A partir da V Conferência de Aparecida, como entender a paróquia como evangelizadora na cidade? A Conferência de Aparecida aposta no papel missionário da paróquia e da diocese²¹⁴. Os batizados são chamados a assumir a atitude de permanente “conversão pastoral”. As comunidades paroquiais vêm na V

²¹⁰ BESTARD, Joan. Parroquia: comunidad dinamizadora y centro de acogida, p.9-10. *apud* HACKMANN, Geraldo Borges. “Por uma paróquia como comunidade evangelizadora e missionária”. In: *Teocomunicação*, Porto Alegre, Mar 1996, n.111, p.11.

²¹¹ Cf. Decreto *Ad Gentes*, 20 *apud* DUTRA, Silvio Guterres. *A Paróquia na Cidade, Análise de algumas contribuições da “Teologia da Cidade” para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina*, Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001, p.67.

²¹² Cf. GUERREIRA, Julio Ramos. A. *Teologia pastoral*. 2 ed. Madrid: Biblioteca de Autores, 1999, p. 346. *apud* DUTRA, Silvio Guterres. *A Paróquia na Cidade, Análise de algumas contribuições da “Teologia da Cidade” para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina*, Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001, p.67.

²¹³ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Decreto *Ad Gentes*, 37.

²¹⁴ *Aparecida*, 168. “A Diocese, em todas as suas comunidades e estruturas é chamada a ser “Comunidade Missionária” (...)”.

Conferência Geral a oportunidade de se tornarem missionárias. O número de católicos “nas missas dominicais é limitado”, em contrapartida, “é imenso o número dos distanciados, e dos que não conhecem a Cristo”.

(...). A renovação missionária das paróquias se impõe tanto na evangelização das **grandes cidades** como no mundo rural de nosso Continente, que está exigindo de nós imaginação e criatividade para chegar às multidões que desejam o Evangelho de Jesus Cristo. Particularmente no **mundo urbano**, é urgente a criação de novas estruturas pastorais, visto que muitas delas nasceram em outras épocas para responder às necessidades do âmbito rural²¹⁵.

A Conferência de Aparecida se volta à problemática urbana na preocupação em atender as grandes cidades e propõe uma renovação da paróquia em suas estruturas, por vezes demasiadamente rurais e arcaicas. As novas estruturas precisam atender às necessidades do homem urbano. É preciso ajustar a paróquia na cidade aos passos de uma caminhada atual. Até porque a maioria das pessoas não participam das celebrações dominicais. Os tempos pós-modernos exigem métodos e estruturas novas. Não se pode mais confiar puramente no toque dos sinos das igrejas para conclamar o povo de Deus, como se fazia outrora nas comunidades rurais e também citadinas. Não se há de simplesmente evangelizar as pessoas que se achegam aos templos. Não se pode confiar tão-somente nas estruturas, espaços, modelos já existentes de evangelização. É preciso ir além, mergulhando no mundo moderno, virtualizado, informatizado, pluriforme e multiforme.

A Conferência de Aparecida sugere que se abandonem as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé²¹⁶, convidando pastores e fiéis a uma verdadeira conversão pastoral e renovação missionária das comunidades²¹⁷.

Paulo Suess, comentando a Paróquia missionária segundo Aparecida, adverte, como lembrete para a porta da casa paroquial, que as estruturas pastorais paroquiais devem ser repensadas como estruturas a serviço do Reino, estando, portanto, sujeitas às mudanças necessárias. Comenta que, fora do contexto cultural e histórico não há evangelização:

²¹⁵ Aparecida, 173 – grifos nossos.

²¹⁶ *Idem*, 365.

²¹⁷ *Idem*, 366. “(...) Os bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e consagradas, leigos e leigas, são chamados a assumir a atitude de permanente conversão pastoral (...)”.

Todas as atividades paroquiais e prioridades (catequese, liturgia, diaconia, formação de líderes, ação social) devem ser eliminadas a partir das rupturas que propõem ou possam produzir na microestrutura paroquial. **Ruptura sistêmica significa: estar a serviço do Reino.** A ruptura nos coloca fora das expectativas da evolução natural, do desenvolvimentismo e das expectativas que o sistema capitalista oferece. Deus atua na história e está fora de expectativas sistêmicas que reduzem à lógica causa-efeito da razão instrumental²¹⁸.

A maneira de se realizar a missão da Igreja na cidade é realmente muito diversa daquela do meio rural. Na pós-modernidade, não há mais um regime de Crisandade, onde outrora Cultura e Evangelho se mesclavam e até, muitas vezes, eram unidos a tal ponto de se confundirem. Não se pode mais supor que os pais, na cidade, cumpram o mesmo papel de conduzir, por si, os seus filhos para os sacramentos, para o catecismo, para as festas religiosas e que todos aceitem que a prática da moral seja identificada com aquela da moral católica, como acontecia normalmente no interior²¹⁹. Outrossim, que na cidade as alternativas religiosas são maiores, como já se apontou no capítulo anterior, referindo-se ao atual ambiente citadino multirreligioso. O bombardeio da mídia na cidade também é um fator a ser analisado, como forte meio de comunicação e propagador da cultura urbana, o que será abordado no próximo ponto em sua relação com a paróquia.

Comblin aponta, no atual contexto urbano, a vivência do Evangelho hoje como grande desafio. Destaca três aspectos concretos que ajudam nessa vivência: ter consciência da distância do Evangelho e Nova Cultura; necessidade de uma opção por uma vida e projetos alternativos que não se integrem à cultura de morte atual; necessidade de uma comunidade de fé – não necessariamente familiar e paroquial²²⁰. Há hoje, segundo o autor, a necessidade de pequenas comunidades de fé, pois a família não é mais reguladora da religião, haja vista a heterogeneidade da fé familiar, em que nem a paróquia está conseguindo responder às necessidades atuais. O autor até mesmo chega a profetizar a morte da paróquia tradicional²²¹. Sem concordar com essa profecia, a Conferência de Aparecida indica como possibilidade a setorização da paróquia em núcleos menores que permitam a proximidade e o melhor relacionamento, como caminho de renovação da estrutura

²¹⁸ SUESS, Paulo. Paróquia missionária segundo Aparecida. In: *Encontros Teológicos*, 51, Revista do Instituto de Santa Catarina, Ano 23/ n.3, Florianópolis, 2008, p. 58 – grifo do autor.

²¹⁹ Cf. COMBLIN, José. *Pastoral urbana – o dinamismo na Evangelização*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 11.

²²⁰ Cf. COMBLIN, José. *Os Desafios da Cidade no Século XXI*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 48.

²²¹ Idem.

paroquial^{222, 223}.

2.4 A PARÓQUIA NA PERSPECTIVA DA COMUNICAÇÃO

Hoje atingir os nervos da cidade na sua evangelização, é saber trabalhar com os meios de comunicação social, entrar na dinâmica da cidade, penetrar nos centros do poder, dialogar com o mundo da intelectualidade e cultura e, sobretudo, a Igreja ser presença viva e pública, havendo grande fluxo de pessoas e redes de comunicação humana. Pierre Babin²²⁴ e Angela Ann Zukowski²²⁵ se perguntam: “Quando a eletrônica me transforma num superanjo, quando meu corpo rural transforma-se por causa do automóvel, do avião, do celular e da Internet, o que ocorre com a igreja de minha cidadezinha?”²²⁶. E continuam: “Deve-se privilegiar a estrutura paroquial clássica ou, ao contrário, desenvolver estruturas de paróquia eletrônica?”²²⁷. Além desses questionamentos, apontam algum caminho:

Mas, assim como à escrita juntaram-se o rádio e a televisão, da mesma forma à paróquia geográfica deverão somar-se pouco a pouco novos tipos de mídia, de relacionamentos e grupos. Não é a paróquia geográfica que se perde, mas uma forma de paróquia geográfica. Vivemos a hora do ajustamento entre as mídias e as formas de vida da Igreja²²⁸.

Não é possível conceber uma paróquia atual sem o fermento vitalizador da comunicação²²⁹. Ao invés de aumentar a quantidade de atividades na paróquia, pela comunicação haverá uma maior e melhor divulgação das mesmas tarefas. A comunicação diminuirá inúmeras dificuldades de evangelização, facilitando a comunhão e a comunicação entre os fiéis participantes, com os seus agentes, com

²²² Cf. *Aparecida*, 372. “(...) é aconselhável a setorização em unidades menores (...)”.

²²³ Sugestões de autores e obras para maior aprofundamento do tema: PAYÁ, Miguel. *A Paróquia, Comunidade Evangelizadora*. São Paulo: Ave Maria, 2005; SAVIANO, Brigitte. *Pastoral nas mega cidades, um desafio para a Igreja da América Latina*. São Paulo: Loyola, 2008.

²²⁴ Babin é especialista em psicologia religiosa e em catequese. Em co-autoria com McLuhan publicou *Autre homme, autre chrétien à l'âge électronique*. Ele é reconhecido como um dos maiores especialistas das relações entre as mídias, a fé e as igrejas.

²²⁵ Zukowski é diretora do Instituto para Iniciativas Pastorais da Universidade de Dayton (Ohio, EUA). É presidente da Organização Católica Internacional para o Rádio e a Televisão.

²²⁶ BABIN, Pierre e ZUKONWSKI, Angela Ann. *Mídias, chance para o Evangelho*. São Paulo: Loyola 2005, p. 146.

²²⁷ Idem, p. 145.

²²⁸ Idem, p. 146-147.

²²⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Subsídio do Setor de Comunicação Social - Paróquia em Comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1997, 12.

os sacerdotes, com os organismos pastorais, com o povo em geral, com a sociedade. A Pastoral da Comunicação não seria um trabalho a mais na Igreja como outro qualquer. Abarca, envolve e integra todas as atividades pastorais. Portanto, integrará todos os trabalhos eclesiais, dando substrato técnico aos grupos, na comunicação interna e intraeclesial, bem como de um planejamento bem amplo. Quer que as pessoas sejam emissoras e receptoras de mensagens e verdades, ao mesmo tempo.

(...). É seu objetivo criar condições para o estabelecimento de uma comunicação dialógica. Não é uma pastoral entre as outras, mas realiza um processo integrativo de todas as demais pastorais. Mais ainda: ela se preocupa com o modo como a comunicação está sendo compreendida e vivida em todas as pastorais. Se preocupa com o tipo de comunicação que é feita pelo trabalho pastoral da Igreja²³⁰.

Para os novos e atuais desafios, a Pastoral da Comunicação é essencial numa comunidade de fé. Com a entrada do Terceiro Milênio, o bispo Dom Ivo Lorscheiter, que por muitos anos fora responsável pelo setor de Comunicação Social da CNBB e do Regional Sul 3, insistia de se fazer da “comunicação uma extensão da paróquia”, chegando muitas vezes a exclamar que era inadmissível no terceiro milênio conceber o fato de uma paróquia não estar totalmente envolvida na comunicação, tanto na sua organização interna quanto na sua ação pastoral.

(...). Sem ela, nossas paróquias estarão mutiladas. (...) A paróquia, que organiza a sua comunicação, presta a seus paroquianos um serviço de alta qualidade, preparando-os para dar uma resposta madura e objetiva aos desafios da realidade que chegam até nós, muitas vezes falseados, através de uma longa viagem da comunicação²³¹.

Sílvio Sassi²³², reportando-se ao presbítero e sua comunidade, reflete sobre a comunicação na vida concreta de uma paróquia que vai muito além de limitar-se a enumerar as tecnologias do tipo boletins, publicações periódicas, rádio, TV... É, acima de tudo, levar em conta que a missão do presbítero se realiza em um conjunto

²³⁰ GOMES, Pedro Gilberto. *A comunicação em Debate*. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 46.

²³¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Subsídio do Setor de Comunicação Social - Paróquia em Comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1997, p.7.

²³² SASSI, Sílvio, (SSP), é sacerdote, atual superior geral dos Paulinos e membro do Pontifício Conselho para as Comunicações, é doutor em Comunicação pelo Sorbonne (Paris).

diverso de atos de comunicação²³³. A utilização dos Meios de Comunicação deve ser um prolongamento da atitude comunicacional do presbítero em sua missão. Sassi sugere que o presbítero, já em época de sua formação, se volte para a valorização da comunicação como cultura e civilização.

Não há dúvida de que a identidade e a missão presbiteral se refletem na paróquia e, subseqüentemente, revela a personalidade humana do sacerdote, bem como sua formação e projeto na área da comunicação. Um padre comunicativo em seus gestos, atitudes, palavras, projetos e decisões, levará facilmente uma comunidade a ser mais comunicação, missão e comunhão. O autor acima descreve:

A grandiosa visão teológica da identidade e da missão presbiteral se traduz depois, na vida cotidiana de uma paróquia, em uma mentalidade e um estilo de comunicação, que são o espelho da personalidade humana do presbítero, de sua formação em comunicação e do projeto comunicativo escolhido para realizar o seu ministério pastoral²³⁴.

Afinal, o que pensa a Igreja sobre a comunicação? O que fala o Magistério a respeito disso? A prática confere ao que os documentos sugerem?

O primeiro documento importante que proclama o valor da comunicação da Igreja e na Igreja é a Encíclica *Miranda Prorsus*, do Papa Pio XII, promulgada em 1957, que fala abertamente sobre o uso dos Meios de Comunicação Social. Em quarenta e seis pronunciamentos, o Papa Pio XII mostra o crescente interesse da Igreja pelo papel das ciências humanas, especialmente a sociologia e a psicologia, na interpretação dos fenômenos cinematográficos. “O tom geral da *Miranda Prorsus*, assim como o da *Vigilanti Cura*, é cauteloso e protetor”²³⁵.

Posteriormente, Paulo VI escreve o grande documento sobre a Evangelização que hoje ecoa na Igreja, sobretudo na busca de uma Nova Evangelização, através de novo ardor, método e expressão, conforme apelo do saudoso pontífice o Papa João Paulo II. Neste documento desbravador, *Evangelii Nuntiandi*, que abre toda a perspectiva missionária na Igreja, Paulo VI aponta que a missão primordial da Igreja é evangelizar²³⁶. A comunicação é mais que uma simples prática eclesial, mas um

²³³ Cf. SASSI, Sílvio. O presbítero e sua comunidade. In: *Vida Pastoral*, março/abril 2009, ano 50, n.265, p.6.

²³⁴ Cf. SASSI, Sílvio. O presbítero e sua comunidade. In: *Vida Pastoral*, março/abril 2009, ano 50, n.265, p.6.

²³⁵ PUNTEL, Joana. *A Igreja e a Democratização da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 42.

²³⁶ PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 1981, 17.

modo de ser e agir da Igreja²³⁷. A Igreja existe para evangelizar, para comunicar o Evangelho, para testemunhar por palavras, por gestos e sacramentos a Boa-Nova de Jesus. “A comunicação do Evangelho constitui a identidade mais profunda da Igreja. A Igreja é essencialmente missão e comunicação”²³⁸. A Igreja tem como sua natureza a comunicação²³⁹. Diz ainda Paulo VI: “A Igreja viria a sentir-se culpável diante do Senhor, se ela não lançasse mão destes meios potentes que a inteligência humana torna cada dia mais aperfeiçoados”²⁴⁰.

O Concílio Vaticano II, em 04 de dezembro de 1963, lançou um documento pontifical intitulado *Inter Mirifica*, que descreve os novos caminhos tecnológicos e acentua que a Igreja possui o direito nativo de empregar e possuir toda a sorte desses instrumentos, enquanto necessários e úteis à educação cristã e a todas as suas obras²⁴¹. O decreto *Inter Mirifica* admoesta que os leigos devem vivificar tais instrumentos com o espírito humano e cristão²⁴². É ainda mais desafiador ao afirmar que “a Igreja hoje não pode cumprir sua missão evangelizadora sem usar os Modernos Meios de Comunicação Social”²⁴³. Considera, como obrigação da Igreja, a necessidade do uso dos MCS em sua tarefa de evangelizar. Fruto da renovação conciliar, o documento *Inter Mirifica* exorta os católicos a que “sem demora usem os meios de comunicação social, nas diversas formas de apostolado”²⁴⁴.

No documento papal *Redemptoris Missio*, dedicado à tarefa missionária da Igreja, João Paulo II usa o termo *areópago*, termo bíblico-paulino, como símbolo dos novos ambientes onde o Evangelho deve ser proclamado de viva voz²⁴⁵. Nesse documento, João Paulo II declarou que no campo da comunicação moderna é que o drama da ruptura entre Evangelho e cultura, profetizado por Paulo VI, se confirma plenamente²⁴⁶. Na exortação pós-sinodal de 1999, João Paulo II exorta a América para a preocupação com a presença eficaz do Evangelho no mundo dos meios de comunicação social, na formação de agentes para este fim, no incremento de

²³⁷ DIÉZ, F. Martinez. *Teologia da Comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 301.

²³⁸ PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, 16.

²³⁹ KUNTSC, Waldemar L. *O Verbo se faz Palavra – Caminhos da comunicação Eclesial Católica*, São Paulo: Paulinas, 2001, p. 23.

²⁴⁰ PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, 45.

²⁴¹ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Decreto *Inter Mirifica*. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 1987, 3.

²⁴² Idem.

²⁴³ Idem. “(...) Pertence nomeadamente aos leigos a tarefa de vivificar estes mesmos instrumentos com um espírito humano e cristão (...)”.

²⁴⁴ Idem, 14.

²⁴⁵ PAULO II, João. *Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 1991, 37c.

²⁴⁶ Idem.

centros de produção qualificada, na formação crítica dos fiéis, na geração em conjunto de novas emissoras e redes televisivas²⁴⁷.

A I Conferência Latino-americana, no Rio, admoestava para que “em cada diocese se procure um grupo de sacerdotes que trabalhe com especial dedicação na imprensa católica, promovendo-a e doando-lhe sua colaboração direta”²⁴⁸. Em relação à paróquia, Medellín sentiu necessária a estruturação de organismos pastorais convenientes (nacionais, diocesanos, paroquiais) que sublinhe a importância dos meios de comunicação social para uma catequese apropriada²⁴⁹. Nas conclusões dessa Conferência se faz um apelo para se empregar os Meios de Comunicação Social na missão que lhe é própria.

Em Puebla, os bispos são enfáticos: “A Igreja dará maior importância aos meios de comunicação social e empregá-los-á para a evangelização”²⁵⁰. Em relação à comunidade, afirmam que a paróquia vem a ser para o cristão o lugar de encontro, de fraterna comunicação de pessoas e de bens, superando as limitações próprias às pequenas comunidades²⁵¹. A paróquia já é o lugar, por excelência, da comunicação, de reencontro, do fermento das relações fraternas. Por sua vez, deve utilizar os MCS para a evangelização.

Na IV Conferência do Episcopado Latino-Americano, em Santo Domingo, os bispos declararam que a Nova Evangelização deve se inculturar na realidade que pretende permear com a proposta do Senhor Jesus e que ela passa, necessariamente, por uma eficaz ação educativa e uma moderna comunicação²⁵². No discurso inaugural desse encontro, João Paulo II ressaltou que uma das prioridades que devem ser assumidas é a intensificação da presença da Igreja no mundo das comunicações²⁵³.

Em Aparecida, os bispos não deixam de tocar no assunto da comunicação. Em relação a sua missão, enaltecem o desenvolvimento da pastoral da comunicação social e que mais do que nunca a Igreja tem contado com mais meios de comunicação para a evangelização da cultura, neutralizando em parte outros grupos religiosos que ganham constantemente adeptos, usando com perspicácia o

²⁴⁷ PAULO II, João. Exortação Apostólica *Ecclesia in America*, 72.

²⁴⁸ *I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*, Rio de Janeiro, 62.

²⁴⁹ *Medellin*, 15.

²⁵⁰ *Puebla*, 158.

²⁵¹ *Idem*, 644.

²⁵² *Santo Domingo*, 220.

²⁵³ *Idem*, 23.

rádio e a televisão²⁵⁴. “Temos rádios, televisão, cinema, jornais, internet, páginas de web e a RIIAL²⁵⁵ que nos enchem de esperança”, apontaram os bispos²⁵⁶. Mas se nota também alguma sombra, neste aspecto midiático: “não se vê uma presença importante da Igreja na geração de cultura, de modo especial no mundo universitário e nos meios de comunicação”²⁵⁷. O esforço da paróquia deve estar na colocação e formação específica do leigo para a evangelização através dos meios de comunicação social²⁵⁸:

Os melhores esforços das paróquias neste início do terceiro milênio devem estar na convocação e na formação de missionários leigos. Só através da multiplicação deles poderemos chegar a responder às exigências missionárias do momento atual. Também é importante recordar que o campo específico da atividade evangelizadora laica é o complexo mundo do trabalho, da cultura, das ciências e das artes, da política, dos meios de comunicação e da economia, assim como as esferas da família, da educação, da vida profissional, sobretudo nos contextos onde a Igreja se faz presente somente por eles²⁵⁹.

Mas também o clero deve ser formado para atuar nos e com os meios modernos de comunicação²⁶⁰. Os bispos latino-americanos preocupam-se também com a comunicação virtual e dizem que a internet, vista dentro do panorama da comunicação social, deve ser entendida na linha já proclamada no Concílio Vaticano II, no Documento sobre a comunicação, como uma das maravilhosas invenções da tecnologia. “Para a Igreja, o novo mundo do espaço cibernético é uma exortação à grande aventura da utilização de seu potencial para proclamar a mensagem evangélica. Este desafio está no centro do que significa, no início do milênio, seguir o mandato do Senhor, de ‘avançar’: *Dunc in altum!* (Lc 5,4)”²⁶¹. A Internet pode oferecer magníficas oportunidades de evangelização, se usada com competência e uma clara consciência de suas forças e fraquezas²⁶².

²⁵⁴ *Aparecida*, 99f.

²⁵⁵ RIIAL – Rede de Informática da Igreja da América Latina. Projeto iniciado em 1987 para impulsionar a informatização e a cultura de uso das novas tecnologias a nível latino-americano, no contexto da Igreja Católica, com especial insistência na inserção das comunidades pobres e sem infra-estrutura à cultura digital para favorecer a inclusão e a participação de todas as comunidades na vida eclesial e social.

²⁵⁶ *Aparecida*, 99f.

²⁵⁷ *Idem*, 100d

²⁵⁸ *Idem*, 174 e 283.

²⁵⁹ *Idem*, 174

²⁶⁰ *Idem*, 318.

²⁶¹ JOÃO PAULO II, Mensagem para a 36ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais, *Internet: um novo fórum para a proclamação do Evangelho*, n.2, 12 de maio de 2002.

²⁶² *Aparecida*, 488 e 489.

Mas, na prática, como essas ricas orientações eclesiais são concretizadas?

A União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC), em 02 de agosto de 1971, emitiu um documento sobre a comunicação da Igreja Católica, preocupando-se com a eficiência, pesquisa e atualização eclesial nesse campo²⁶³. A UCBC já realizou, nas últimas décadas, diversos encontros nacionais, reunindo comunicadores e agentes de pastoral para refletirem sobre a comunicação, encontros chamados “Mutirão Brasileiro de Comunicação”²⁶⁴. A CNBB, no ano de 1989, escolhia como temática da Campanha da Fraternidade do ano o lema “Comunicação para a Verdade e a Paz”, refletindo seriamente sobre o valor e a atuação nos MCS. A Igreja no Brasil tem tido uma grande abertura para a comunicação. Em 1997, os Bispos em Itaiçi, temendo o progresso assustador das seitas e das igrejas neopentecostais, apresentaram cento e nove propósitos em relação à comunicação²⁶⁵. Entre os desafios está claramente a utilização dos espaços na Mídia extraeclesial²⁶⁶. Os Bispos propõem um cuidado da imagem pública da Igreja²⁶⁷. Há desafios, especificamente, para melhorar a comunicação interna da Igreja, na catequese, na liturgia, nas homilias²⁶⁸. O documento fala objetivamente sobre a formação de equipes e agentes de comunicação da Igreja e na Igreja e a criação em cada paróquia de uma equipe da Pastoral da Comunicação, objetivo esse que deveria ter sido alcançado até a virada do milênio²⁶⁹.

A paróquia como tal necessita ainda percorrer um longo caminho para que seja mais comunicativa e evangelize com afinco através dos Meios de Comunicação Social. Percebe-se, na realidade, o quanto se está longe daquilo que propõe tão belamente os documentos e declarações eclesiais na sua sublime vocação de ser comunhão e comunicação.

²⁶³ KUNTSC, Waldemar L. *O Verbo se faz Palavra – Caminhos da comunicação Eclesial Católica*, São Paulo: Paulinas, 2001, p. 42.

²⁶⁴ Neste ano de 2009, o Mutirão Brasileiro de Comunicação, em sua Quinta Edição, acontecerá na cidade de Porto Alegre, no mês de julho, na PUCRS. Será, nesta ocasião, mais amplo, abarcando comunicadores e agentes de Pastoral Latino-Americanos.

²⁶⁵ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB), Documento da CNBB 59, *Comunicação - Rumo Ao Novo Milênio*. São Paulo: Paulinas, 1997.

²⁶⁶ Idem, 66s.

²⁶⁷ Idem, 18 a 23.

²⁶⁸ Idem, 27 a 35.

²⁶⁹ Idem, 41.

2.5 A PARÓQUIA NA ECLESIOLOGIA DE COMUNHÃO EM BUSCA DA SINODALIDADE

Não cabe aqui o desenvolvimento de um tratado sobre o que esse título sugere, num primeiro momento, como aspecto teológico, mas o apontamento de pistas para um caminho pós-conciliar aberto pela Igreja, num modelo eclesial mais semelhante com o Mistério da Santíssima Trindade. Há, nesses conceitos, divergências e contrapontos de diversos autores, bem como consensos que são necessários acentuar.

Quando se fala em Eclesiologia de Comunhão, pensa-se a profunda comunhão, de onde se origina a vida e a missão da Igreja a partir do Concílio Vaticano II. Por isso, é também chamada de *Eclesiologia de Comunhão do Vaticano II*. Esse tema evoca uma eclesiologia que remete imediatamente às primeiras páginas da conciliar constituição dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*. Nesse documento, a Igreja vem apresentada como o “Corpo Místico de Cristo”, que é fundamentado a partir da analogia paulina com o corpo humano em várias de suas cartas, em especial na Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios (1Cor 12,12ss):

Com efeito, o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo. Assim também acontece com Cristo. Pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito. O corpo não só se compõe de um só membro, mas de muitos. (...) Mas Deus dispôs cada um dos membros no corpo segundo a sua vontade. Se o conjunto fosse um só membro, onde estaria o corpo? Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo...

A Constituição Dogmática Conciliar se refere aos textos paulinos, em que a comunhão eclesial se dá, dessa maneira, como comunhão orgânica e rica, onde a diversidade se torna complementariedade e cada fiel leigo (membro do corpo) é entendido como participante na sua vinculação com a totalidade do corpo²⁷⁰. Escrevem assim os padres conciliares:

Também na edificação do Corpo de Cristo há diversidade de membros e de funções. Um só é o Espírito que, para utilidade da Igreja, distribui Seus vários dons segundo suas riquezas e as necessidades dos ministérios (cf. 1 Cor 12,1-11). (...) A cabeça deste corpo é Cristo. Ele é imagem de Deus

²⁷⁰ Cf. JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo *Christifideles laici*, 20.

invisível e n'Ele foram criadas todas as coisas. É necessário que todos os membros se conformem com Ele... D'Ele "todo o corpo alimentado e ligado pelas juntas e ligaduras, aumenta no crescimento dado por Deus" (Col 2,19). Ele mesmo distribui continuamente os dons dos ministérios no seu corpo que é Igreja, através dos quais, pela força derivada d'Ele nos prestamos mutuamente os serviços para a salvação, de tal forma que, vivendo a verdade na caridade, em tudo crescamos n'Ele que é a nossa Cabeça (cf.Ef 4,11-16, grego). (...) Cristo ama a Igreja como sua esposa, tornado modelo do marido que ama sua mulher como seu próprio corpo (cf.Ef 5,25-28); mas a Igreja está sujeita a sua cabeça (ib.23-24)²⁷¹.

Nota-se aqui uma Igreja que se revela como Comunhão em Cristo e por meio d'Ele com a Trindade, onde todos os seus membros estão intimamente interligados, conectados assim como os membros de um corpo humano. A vinculação das várias partes desse Corpo Místico se dá, sobretudo, com sua cabeça, que na Igreja é Cristo. Por meio d'Ele e por Ele é que todas as partes recebem vida.

Essa comunhão eclesiológica não é uma realidade tão-somente mística, no sentido puramente espiritual e transcendente, mas existencial, concreta, de participação efetiva, encarnada na realidade. É algo que deve ser vivenciado na vida e estrutura eclesial. Dutra, apoiando-se em Lanza, destaca essa realidade vital da Eclesiologia de Comunhão:

A Igreja precisa mostrar-se, em todas as suas instâncias, no acontecer histórico-cultural de cada sua instituição particular, uma realidade de comunhão (porque unida a Cristo como sacramento) e um lugar de efetiva responsabilidade (porque é povo de Deus onde todos os batizados possuem a mesma dignidade). A comunhão da e na Igreja não é algo para ser contemplado (como se pode fazer com a comunhão da Trindade enquanto mistério da fé), é realidade a ser vivida quotidianamente, na estrutura e na vida da Igreja, a ponto de construir uma permanente cultura de comunhão²⁷².

O Papa João Paulo II, em sua Carta Apostólica *Christifideles Laici*, vinte anos depois do Concílio II, apresenta uma bela explicação desse mistério de comunhão na Igreja descrito da constituição conciliar, propondo a comunhão eclesial como "organicidade", diversa e complementar. A comunhão eclesial dá-se, desta maneira, como comunhão orgânica e rica, onde a diversidade se torna complementariedade e onde cada fiel leigo é entendido como participante na sua vinculação com a

²⁷¹ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, 7.

²⁷² LANZA, Sérgio. La nube e il fuoco, p. 49-50: "La comunione si esprime nella struttura e nella vita della Chiesa. apud DUTRA, Silvio Guterres. *A Paróquia na Cidade, Análise de algumas contribuições da "Teologia da Cidade" para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina*, Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001, p. 71.

totalidade do corpo²⁷³. Na sua carta apostólica, *Novo millennio ineunte*, o Papa João Paulo II reafirmou o verdadeiro conceito de comunhão, aquele que deve guiar os projetos pastorais em todos os níveis, dizendo: “A unidade da Igreja não é uniformidade, mas integração orgânica das legítimas diversidades”²⁷⁴. Emprega, nessa carta, uma bela e sugestiva expressão, referindo-se que a Igreja deve ser “a casa e a escola da comunhão”²⁷⁵ como resposta fiel ao desígnio de Deus e à expectativa do mundo.

Assim como a cidade que, no seu sentido mais profundo, é uma chamada aos homens à vida de comunhão, também a Igreja, dentro da cidade, na sua localização geográfica e mergulhada na complexidade urbana e cultural, deve apresentar-se ao mundo como um ícone da Trindade²⁷⁶, comunhão de todos os membros em Cristo-Cabeça. A comunidade local, encarnada, presente em seu espaço local, em sua territorialidade, deve ser sinal do Deus-Comunhão. Na Carta Apostólica *Christifideles Laici*, João Paulo II compreende a verdadeira identidade da paróquia como “lugar” próprio da concretude dessa comunhão eclesial. A paróquia é a “última localização da Igreja”²⁷⁷. A paróquia, diz o Documento sobre a missão e vocação dos leigos, é a “expressão mais imediata e visível”²⁷⁸ da comunhão eclesial.

E como, então, entender a Paróquia concretamente nesse espírito de Eclesiologia de Comunhão?

Na pastoral atual é preciso substituir o processo de comunicação vertical e unidirecional, presente por várias gerações, nas relações das comunidades, por um processo de diálogo ou de intercomunicação²⁷⁹. Esse trabalho concreto para aplicar o espírito de Eclesiologia de Comunhão denomina-se por sinodalidade, ministério vivido de maneira sinodal como meio para exercitar, na prática da ação eclesial, o que se entende por comunhão. A maneira de atingir a comunhão eclesial é o princípio da sinodalidade. Ela é compreendida como uma caminhada conjunta, unidade no processo de Igreja. Sinodalidade significa *andar juntos* por uma mesma

²⁷³ Cf. JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo *Christifideles laici*, n.20.

²⁷⁴ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*, 46.

²⁷⁵ Idem, 43.

²⁷⁶ Cf. FROSINI, Giordano. *Babele o Gerusalemme? - Per una teologia della città*, Edioni paoline, Milano, 1992, p. 164.

²⁷⁷ Cf. JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo *Christifideles Laici*, 26.

²⁷⁸ Idem.

²⁷⁹ Cf. ANTONIAZZI, Antônio. “Para um programa de pastoral urbana”. In: Revista *Vida Pastoral*, São Paulo, mar/abr 1993, Ano XXXIV-169, p. 29.

estrada, momento de encontro, de diálogo, de assembleia com a finalidade de criar sintonia em torno de decisões a serem tomadas. Vem do conceito sínodo: de *sun* (junto), *odos* (via)²⁸⁰. Ela não acontece sem a comunhão. A sinodalidade é o aspecto visível da comunhão²⁸¹. Esse “princípio de sinodalidade”, esse jeito sinodal “deve permear perpassando todas as instituições eclesiais de caráter universal ou particular” e por fim todo processo pastoral paroquial. “(...) nascem com o objetivo de favorecer a comunhão, como os sínodos e concílios universais, os sínodos diocesanos, os conselhos de toda espécie, a cúria diocesana e, por fim, a paróquia²⁸²”.

A Conferência de Aparecida aponta para essa realidade e fala de um “caminho sinodal”. Os bispos Latino-americanos descrevem:

Ao mesmo tempo, motiva-nos a **eclesiologia de comunhão** do Concílio Vaticano II, o **caminho sinodal** no pós-concílio e as Conferências Gerais anteriores do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Não esqueçamos que como nos assegura Jesus, “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estarei no meio deles” (Mt 18,20)²⁸³.

Vitor Galdino Feller aponta um tríplice eixo com o qual se tem analisado a eclesiologia do Concílio Vaticano II, considerando que Medellín puxou mais para o eixo da “missão”; Puebla e Santo Domingo, para o eixo da “comunhão”. O fato de Aparecida, em sua análise eclesiológica, orientar para seu eixo temático do “mistério”, a aproxima da *Lumen Gentium* em seu primeiro capítulo e lhe possibilita ser fator de equilíbrio entre a eclesiologia *ad intra*, da comunhão, e a eclesiologia *ad extra*, da missão²⁸⁴.

O Documento de Aparecida também motiva para a compreensão e a prática da Eclesiologia de Comunhão que nos conduz ao diálogo ecumênico²⁸⁵. A corresponsabilidade e a colegialidade são a face pessoal do compromisso de cada cristão para com a configuração sinodal de toda a Igreja. Para operar o princípio de

²⁸⁰ DUTRA, Silvio Guterres. *A Paróquia na Cidade, Análise de algumas contribuições da “Teologia da Cidade” para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina*, Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001, p. 115.

²⁸¹ Idem.

²⁸² Cf. LANZA, Sérgio. *La Chiesa si realizza in un luogo: riflessione teologico-pastorale*, p. 145. *apud* DUTRA, Silvio Guterres, Op. Cit., p. 116.

²⁸³ *Aparecida*, 369 – grifo nosso.

²⁸⁴ Cf. FELLER, Vitor Galdino. *A Eclesiologia da Aparecida. In: Encontros Teológicos*. Revista do Instituto Teológico de Santa Catarina, ITESC, n.51, Florianópolis, 2008, p. 49.

²⁸⁵ *Aparecida*, 227.

sinodalidade, a paróquia deve, além da sua vida cotidiana normal empenhada em refletir o espírito de comunhão, utilizar-se dos mecanismos que lhe são próprios, especialmente dos Conselhos Pastorais. Os Conselhos Pastorais Paroquiais são espaços privilegiados do exercício da corresponsabilidade e, bem por isso, espaço privilegiado também de sinodalidade.

Nem todos os autores concordam com essa sinodalidade aqui proposta. Não interessa a concordância unânime, mas a abertura para esse novo jeito de tomar as decisões, fazer os encaminhamentos e realizar as execuções dos planos eclesiais, de maneira especial na comunidade paroquial, fruto de uma caminhada proposta pelo Concílio Vaticano II.²⁸⁶

²⁸⁶ Sugestões de autores e obras para maior aprofundamento do tema sobre Paróquia na cidade (julgar): KUNRATH, Pedro Alberto. Por uma teologia da Comunhão Eclesial. In: *Teocomunicação*. Porto Alegre, n.136, junho 2002, p.301-328; KUNRATH, Pedro Alberto. O mistério da Comunhão na Teologia e na Práxis da Igreja do Primeiro Milênio cristão e a volta às fontes no século XX. In: *Teocomunicação*, Porto Alegre, n.144, junho 2004, p.221-266; BRUSTOLIN, Leomar Antônio (org.). *Estudos de Doutrina Social da Igreja*. Porto Alegre: Edições EST, 2007.

3 A PARÓQUIA NA CIDADE ATUAL À LUZ DO CELAM

O presente capítulo pretende trabalhar o AGIR da paróquia na cidade, sob o prisma das orientações do CELAM, que se expressam, sobremaneira, nas cinco Conferências dos bispos Latino-americanos, levando em conta o VER e o JULGAR, anteriormente trabalhados. Num primeiro ponto, procurara-se verificar a viabilidade da paróquia citadina, buscando devidos fundamentos para sua existência e permanência. Para sua viabilidade na cidade, num segundo momento, são enfocadas a renovação e a reprogramação das estruturas paroquiais para que correspondam aos novos desafios urbanos. Como exigência da renovação, aprofundam-se possíveis propostas de conversão pastoral na paróquia, como grande apelo profético da Conferência de Aparecida. Na continuidade, no quarto ponto, dar-se-á acento à missão do leigo na comunidade paroquial e sua relação com o presbítero. Finalmente, concluiu-se este capítulo refletindo os modelos de paróquia que focalizem possivelmente os desafios da cidade, na perspectiva de uma Pastoral Urbana, sempre nova e exigente.

3.1 A VIABILIDADE ATUAL DA PARÓQUIA CITADINA

Comentou-se, no capítulo anterior, que a Conferência de Aparecida se volta à problemática urbana na preocupação em atender às grandes cidades e propõe uma renovação da paróquia em suas estruturas, por vezes demasiadamente rurais e arcaicas. Essas novas estruturas paroquiais precisam atender às necessidades do homem urbano, daquele situado e mergulhado no ambiente citadino e na dinâmica urbana. A Conferência de Aparecida sugere que se abandonem as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé²⁸⁷, convidando pastores e fiéis a uma verdadeira conversão pastoral e renovação missionária das comunidades²⁸⁸. Constatou-se que a missão da Igreja na cidade é realmente muito diversa daquela do meio rural, devido à pluralidade religiosa e à dessacralização, onde a pós-modernidade não contempla o regime da antiga Cristandade.

A dinâmica da cidade é diferente. A cidade exorta que a paróquia urbana deva ser sinal e realização da comunhão da Santíssima Trindade, convocando toda

²⁸⁷ Cf. *Aparecida*, 365.

²⁸⁸ *Idem*, 366.

a humanidade, em sua pluralidade, a viver na unidade dos seres humanos, a viver na comunhão fraterna. Com essa compreensão, é possível transformar as estruturas de evangelização, tornando-as novas no dinamismo e na complexidade da cidade, cultivando a identidade cristã. A paróquia urbana compreende uma mística de vida que exige uma mentalidade sempre em mudança, sempre em estado de missão, caracterizado pela descentralização dos espaços e funções, priorizando a reflexão e o planejamento em conjunto²⁸⁹. Esse planejamento conjunto precisa contemplar a diversidade de situações da cidade.

Nos moldes da mentalidade tradicional tridentina e arcaica, a paróquia na cidade é inviável. Os tempos atuais e as exigências da dinâmica da vida na cidade exigem um requisito fundamental de uma necessária mudança de mentalidade de todos os que, de alguma forma, participam da paróquia, a começar pelo presbítero. Mudar a mentalidade daqueles que, muitas vezes, assustados com a complexidade do mundo atual, ou, na mais plena ignorância de como ele funciona, são vencidos pela tentação de levar adiante uma pastoral de simples conservação das estruturas. Deve-se chegar a uma nova mentalidade que não aceite a pastoral da resignação, da agressão ou do pragmatismo em relação à cultura contemporânea e cidadã²⁹⁰. Essa nova visão deverá buscar um equilíbrio que nos oriente para a pessoa de Jesus Cristo e a sua missão neste mundo, evitando dois grandes perigos atuais na pastoral: o extremo “passivismo” que consiste em entender que nada se pode fazer diante dos desafios no mundo urbano e que é preciso esperar sempre que Deus faça tudo sozinho; e o extremo “ativismo” que dá a falsa impressão de que toda a responsabilidade é dos homens e que Deus é apenas um mero espectador²⁹¹. Vale lembrar a máxima de São Gregório de Nissa, no século IV: “O que não é assumido não é redimido”. É importante assumir a cidade nos seus valores, na sua complexidade, na sua dinâmica própria, na sua mobilização, ou seja, como aponta Bernardino: “Deixar-se penetrar, em sua globalidade, pela realidade da

²⁸⁹ OLIVEIRA, Neide. Resumo tese 2006, cf. <http://www.teologia-assuncao.br/cursos>, visitado em 20.12.08.

²⁹⁰ Cf. LANZA, Sérgio. *Le “conversioni pastorali” richieste dalle attuazioni delle unità pastorali*. In: *Orientamenti Pastorali*, Bologna, 7-8 1999, p. 42. *apud* FROSINI, Giordano. *Babele o Gerusalemme? - Per una teologia della città*, Edizioni paoline, Milano, 1992, p.77.

²⁹¹ Cf. NIÑO, Francisco. *La Iglesia en la ciudad, – el fenómeno de las grande ciudades en América Latina, como problema teológico e como desafío pastoral*, Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma 1996, p. 306.

urbanização”²⁹². Depois de assumida, poderá ser evangelizada para, então, ser redimida.

Apesar dessas dificuldades atuais, a paróquia continua sendo reconhecida e proclamada como instituição válida e essencial para a vida e para a ação da Igreja na cidade. Logo, percebe-se sua viabilidade atual. Para essa viabilidade, o Documento de Estudo da CNBB número 73 – “Catequese para um mundo em mudança”, sugere alguns desafios: Amar a cidade: ver nela também os pontos positivos; descobrir os valores da cidade: proximidade, meios de transporte, escolas, hospitais, lazer, teatros, comércio etc; entender o jeito da cidade: o agente de pastoral não pode ser um “moralista” frente à cidade; entender a linguagem e os símbolos da cidade: o ponto de referência são as coisas produzidas pelo homem; ir ao encontro: a cidade é dinâmica, faz a gente sair de si mesmo, faz a Igreja ser missionária, ir para as praças, para os conjuntos habitacionais, para os locais de lazer, para as periferias. Será uma pastoral aberta, na rua, itinerante, peregrina, e não fechada nos escritórios pastorais; criar uma mística própria da cidade, baseada na fé autêntica, baseada na Palavra de Deus, para que toda a cidade seja evangelizada²⁹³.

Francisco Niño, fundamentando-se em José Comblin e Bernardino, diz que a presença da Igreja na cidade deve adotar a modalidade do diálogo como categoria teológica, espiritual e pastoral fundamental, o serviço como atitude constante e a encarnação como critério salvífico. A atitude dialogal deve estar unida ao discernimento da chamada e da vontade de Deus dentro de um marco de crescente participação e ao fortalecimento constante da dimensão comunitária da Igreja²⁹⁴.

O Documento de Medellín, aplicando as novidades conciliares para a América Latina, aponta essa transição de uma sociedade rural a uma sociedade urbana, onde o modelo de família também é afetado, havendo a passagem do “tipo patriarcal a um novo tipo de família, de maior intimidade, com melhor distribuição de responsabilidades e maior dependência de outras microssociedades”²⁹⁵. A Paróquia, para sua viabilidade, precisa se dar conta dessa mudança de realidade, bem como

²⁹² BERNARDINO, Angélico Sândalo. O bispo na pastoral urbana. *In: Vida Pastoral*, jul/ago 1990, ano XXXI-153, p. 15.

²⁹³ CNBB, Documento de Estudo 73. *Catequese para um Mundo em Mudança*, São Paulo: Paulinas, 1995; Cf. www.infosbc.org.br/inc/download.php - visitado em 28.12.08.

²⁹⁴ NIÑO, Francisco. *La Iglesia en la ciudad, – el fenómeno de las grande ciudades en América Latina, come problema teológico e como desafío pastoral*, Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma 1996, p.439.

²⁹⁵ *Medellín*, 37.

da pequena célula de Igreja que é a família.

Puebla, tendo como prisma de que a paróquia é o grande centro de comunhão e participação, entende que a viabilidade da paróquia nos novos tempos deve propiciar a necessária multiplicação de pequenas comunidades territoriais ou ambientais que correspondam a uma evangelização mais personalizada²⁹⁶. Acentua também, devido ao grande número de pessoas na cidade, a ênfase ao litúrgico e sacramental²⁹⁷, bem como o desafio de abraçar uma pastoral da cidade, onde se encontram em gestação os novos modos de cultura e o aumento do esforço evangelizador e promotor dos grupos indígenas e afro-americanos²⁹⁸. Os bispos, no México, contemplam esperanças de adaptação da paróquia aos novos tempos²⁹⁹, mas apontam também obstáculos para a viabilidade e a renovação da paróquia: primazia do administrativo sobre o pastoral, rotina, falta de preparação para os sacramentos, autoritarismo de certos sacerdotes e fechamento da paróquia sobre si mesma, sem considerar as graves urgências apostólicas do conjunto³⁰⁰.

Santo Domingo, na perspectiva da Nova Evangelização e inculturação do Evangelho, diz que:

A paróquia urbana precisa ser reprogramada, devendo ser mais aberta, flexível e missionária, permitindo uma ação pastoral transparoquial e supraparoquial. Além disso, a estrutura da cidade exige uma pastoral especialmente pensada para essa realidade. Lugares privilegiados da missão deveriam ser as grandes cidades, onde surgem novas formas de cultura e comunicação³⁰¹.

Exige-se, para essa finalidade, a formação bíblica e pastoral de leigos para a pastoral urbana, criando ministérios laicais para a evangelização das grandes cidades³⁰², contemplando-se para elas a “pastoral dos edifícios”³⁰³ e a

²⁹⁶ *Puebla*, 111. “(...) As paróquias urbanas por sua vez, assoberbadas pelo número de pessoas que devem atender (...). Torna-se cada vez mais necessária a multiplicação de pequenas comunidades territoriais ou ambientais que correspondam a uma evangelização mais personalizante.”

²⁹⁷ *Idem*.

²⁹⁸ *Idem*, 441.

²⁹⁹ *Idem*, 631. (...). Há mudança de mentalidade entre os pastores; os leigos são chamados para os conselhos de pastoral e demais serviços; constante atualização da catequese; maior presença do presbítero no meio do povo, principalmente graças a uma rede de grupos e comunidades.

³⁰⁰ *Idem*, 633.

³⁰¹ *Santo Domingo*, 257.

³⁰² *Idem*, 258. “Promover a formação de leigos para a pastoral urbana, com formação bíblica e espiritual. Criar ministérios conferidos aos leigos para a evangelização das grandes cidades.”

³⁰³ *Idem*, 259.

“evangelização dos grupos de influência e dos responsáveis da cidade”³⁰⁴. O documento também fala da programação de uma pastoral ambiental e funcional nos espaços da cidade:

Programar uma pastoral ambiental e funcional, diferenciada segundo os espaços da cidade. Uma pastoral de acolhida, dado o fenômeno das migrações. Uma pastoral para os grupos marginalizados. Assegurar a assistência religiosa aos habitantes das grandes cidades durante os meses de verão e férias; dispensar atenção pastoral aos que passam habitualmente os fins de semana fora da cidade, onde não têm possibilidade de cumprir o preceito dominical³⁰⁵.

Passado quase vinte anos, percebe-se a atualidade e a adequação dessa preocupação dos bispos latino-americanos em 1992, haja vista essa mobilidade e transitoriedade dos fiéis no período de férias e nos finais de semana, quando se afastam da cidade, rumando para regiões do interior, praias e serras, deslocando a força do vínculo afetivo da paróquia e dificultando a prática do preceito dominical.

Aparecida põe em relevo, na periferia das grandes cidades, a preocupação com o crescimento da violência que se reveste de várias formas e tem diversos agentes: o crime organizado e o narcotráfico, grupos paramilitares, violência comum, sobretudo, violência de grupos de jovens e crescente violência intrafamiliar. As causas dessa violência são múltiplas: a idolatria do dinheiro, o avanço de uma ideologia individualista e utilitarista, a falta de respeito pela dignidade de cada pessoa, a deterioração do tecido social, a corrupção inclusive nas forças de ordem e a falta de políticas públicas de equidade social³⁰⁶. Dentro desse contexto e das realidades latino-americanas que aqui já foram comentadas, a V Conferência Geral propõe “imaginação e criatividade” para chegar às multidões que desejam o Evangelho de Jesus Cristo e desafia a que todas as nossas paróquias se tornem missionárias, tanto na evangelização das grandes cidades como do mundo rural de nosso Continente³⁰⁷. Em Aparecida, a paróquia será viável quando for lugar em que se assegure a iniciação cristã, onde deva acontecer a educação na fé das crianças batizadas em um processo que as leve a completar sua iniciação cristã, onde os não

³⁰⁴ *Santo Domingo*, 261. “Incentivar a evangelização dos grupos de influência e dos responsáveis da cidade, no sentido de fazer da mesma, principalmente nos bairros populares, um habitat digno do homem.”

³⁰⁵ *Idem*, 260.

³⁰⁶ *Aparecida*, 78.

³⁰⁷ *Idem*, 173. “(...) O número de católicos que chegam à nossa celebração dominical é limitado; é imenso o número de distanciados, assim como o número daqueles que não conhecem a Cristo (...). Particularmente no mundo urbano, é urgente a criação de novas estruturas paroquiais (...).”

batizados são iniciados através do *Kerigma*³⁰⁸. O Documento de Aparecida dá um destaque à pastoral urbana como grande instrumento para a renovação da paróquia na cidade³⁰⁹, que será aprofundado posteriormente.

Segundo Frosini, o homem não se realiza plenamente senão na comunidade e na abertura ao transcendente. Por isso, a cidade deve respeitar a sua natureza de comunidade (de comunidade perfeita), necessariamente aberta aos valores do espírito e da fé³¹⁰. Portanto, a comunidade de fé será sempre a grande realização da vocação do homem para o outro e com o outro. O que se pode questionar, nesse princípio, é a maneira atual de constituição da comunidade, o tipo de paróquia e as estruturas que a compõem. Não se trata de negar ou afirmar a paróquia. Esta como tal é ainda o grande instrumento de encontro do homem com Deus e com os irmãos na fé. O que se deve repensar, dentro da cidade, é o modelo, a estrutura, a composição, os mecanismos da paróquia atual para realização de sua vocação. Trata-se da proposta a seguir.³¹¹

3.2 REPROGRAMAÇÃO E RENOVAÇÃO DA PARÓQUIA

Há quem diga que se vive hoje um período de reafirmação da vida paroquial, impulsionada pelo Concílio Vaticano II³¹². Essa revalorização acentuada da paróquia não pode fazer esquecer, no entanto, os inúmeros alertas em relação à necessidade de sua renovação. Pode-se dizer que, exatamente por ser uma instituição tão importante, é ainda mais urgente que se reflita sobre suas formas de atuação e composição.

Quando se olha para a vocação e missão da Igreja, não se pode deixar de ver na paróquia “o lugar privilegiado onde os fiéis podem fazer a experiência concreta de Igreja”³¹³. A instituição paroquial é historicamente ainda a mais indicada para a vocação e a visibilidade da Igreja. Urge “continuar na procura dos meios com os

³⁰⁸ *Aparecida*, 293.

³⁰⁹ *Idem*, 509-519.

³¹⁰ Cf. FROSINI, Giordano. *Babele o Gerusalemme? - Per una teologia della città*, Edizioni paoline, Milano, 1992, p. 291.

³¹¹ Sugestão de autor e obra para maior aprofundamento do tema: THOMAS, Pascal. *Qué va a ser de la parroquia? Muerte anunciada e nuevo rostro*. Mensajero, Spain, 2007.

³¹² Cf. RAMOS GUERREIRA, Julio A.. *Teología Pastoral*. Madrid, 1999, pp. 340-341. *apud* DUTRA, Silvio Guterres. *A Paróquia na Cidade, Análise de algumas contribuições da “Teologia da Cidade” para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina*, Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001, p. 80.

³¹³ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Ecclesia in America*, 41.

quais a paróquia e as suas estruturas pastorais se tornem mais eficazes”³¹⁴. Essa renovação implicará muito esforço e trabalho coletivo, não feita exclusivamente em mesa de escritório ou sendo fruto de puras conclusões teológicas.

A I e II Conferências diretamente nada destacam a respeito da reprogramação e renovação da paróquia. O Documento de Puebla demarca que a Igreja se encontra, pois, diante do desafio de renovar sua evangelização, de modo que possa ajudar aos fiéis a viver sua vida cristã no quadro dos novos condicionamentos que a sociedade urbano-industrial cria para a vida cristã³¹⁵. Segundo os bispos latino-americanos, a paróquia deve superar o aspecto puramente administrativo, buscando maior “participação dos leigos, mormente no Conselho Pastoral”³¹⁶, também na pastoral de conjunto, e “num esforço constante de comunhão”³¹⁷. O administrativo não poderá ter primazia sobre a pastoral³¹⁸. Outros fatores impedem ainda a renovação da paróquia, apontados já anteriormente: rotina, falta de preparação para os sacramentos, autoritarismo de certos sacerdotes e fechamento da paróquia sobre si mesma, sem considerar as graves urgências apostólicas do conjunto³¹⁹.

Grings, quando fala dos desafios à pastoral urbana, aponta que a III Conferência em Puebla ficou alarmada com o processo de urbanização descontrolada e que, ao mesmo tempo constituiu o marco da grande virada frente à realidade urbana³²⁰. “A cidade se torna palco de atenção dos pastores e teólogos”³²¹, afirma o bispo comentando Puebla. A Conferência quer dar importância “à pastoral urbana com a criação de novas estruturas eclesiais que, sem desconhecer a validade da paróquia renovada, permitam que se enfrente a problemática apresentada pelas enormes concentrações humanas de hoje”³²². O Documento de Puebla fala da “necessidade de traçar critérios e caminhos, baseados

³¹⁴ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Ecclesia in America*, 41.

³¹⁵ *Puebla*, 433. “A igreja se encontra, pois diante do desafio de renovar sua evangelização (...) ajudar aos fiéis a viver sua vida cristã no quadro dos novos condicionamentos (...); para uma nova vivência do trabalho de produção e do consumo.”

³¹⁶ *Idem*, 649.

³¹⁷ *Idem*, 650. “Deve-se insistir numa opção mais decidida em favor da pastoral de conjunto (...) animando-as a um esforço constante de comunhão, fazendo da paróquia o centro de promoção e dos serviços (...).”

³¹⁸ *Puebla*, 633.

³¹⁹ *Idem*.

³²⁰ GRINGS, Dadeus. *A evangelização da cidade, o Apostolado Urbano*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, p. 95; cf. *Puebla*, 496.

³²¹ *Idem*, p. 93.

³²² *Puebla*, 152.

na experiência e na imaginação, para uma pastoral da cidade, onde se encontram em gestação os novos modos de cultura³²³. Antônio do Carmo Cheuiche, no comentário deste trecho da III Conferência, diz que:

quando uma sociedade como a Igreja, com vinte séculos de experiência em sua missão fundamental, sente-se, diante da cultura urbana contemporânea, a “traçar caminhos e critérios novos” e a “apelar à experiência e à imaginação”, a fim de poder realizar nela sua missão, alguma coisa mudou radicalmente. O texto revela a consciência de necessidade de novos métodos para evangelizar a cultura urbana por parte da Igreja. Unicamente se acude à experiência e à imaginação quando os antigos critérios não mais funcionam e quando os velhos caminhos não conduzem já ao reencontro do homem³²⁴.

A IV Conferência, em Santo Domingo, encarna decididamente o fenômeno da urbanização, como fato inquestionável e irreversível, falando de uma pastoral urbanamente inculturada, dentro e fora da Igreja. A Pastoral “urbanamente inculturada”, como processo de inculturação, deve se realizar em três grandes pontos: em relação à catequese, à liturgia e à organização da Igreja. Aqui o grande desafio é, “(...). A Igreja deverá inculturar o Evangelho na cidade e no homem urbano; discernir seus valores e antivalores; captar sua linguagem e seus símbolos. O processo de inculturação abrange o anúncio, a assimilação e a reexpressão da fé³²⁵”.

É nesse ponto que se percebe a intensa preocupação dos bispos latino-americanos quanto à busca da percepção de uma nova linguagem, novos símbolos, valores e antivalores da cidade e do homem urbano. As relações do homem urbano com ele mesmo também mudam, porque a cultura moderna faz com que valorize principalmente sua liberdade, sua autonomia, a racionalidade científico-tecnológica e, de modo geral, sua subjetividade, sua dignidade humana e seus direitos³²⁶. A mentalidade científico-tecnológica passa a ser a mentalidade própria da cidade, aquela que configura o estilo de vida que a caracteriza. O potencial condicionador da mentalidade técnico-científica, sua expressão e predomínio, não age através do discurso, mas mediante o uso prático de objetos que a tecnologia constantemente

³²³ *Puebla*, 441. “A necessidade de traçar critérios e caminhos, baseados na experiência e na imaginação para uma nova pastoral das cidades, onde se encontram em gestação os novos modos de cultura, bem como o aumento do esforço evangelizador e promotor dos grupos indígenas e afro-americanos.”

³²⁴ CHEUICHE, Antônio do Carmo. *Cultura e Evangelização*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995, p.107-108.

³²⁵ *Santo Domingo*, 256.

³²⁶ *Idem*, 255.

inventiva e permanentemente aperfeiçoa³²⁷. E essa mentalidade técnico-pragmática e demasiada confiança tecnológica são segundo alguns autores, a raiz do ateísmo e indiferentismo religioso do homem urbanizado, fazendo da religião um problema secundário, procurando-a tão-somente quando a técnica não mais responder a ele³²⁸.

O homem urbano atual, diz a Conferência, apresenta um tipo diverso do homem rural: confia na ciência e na tecnologia; é influenciado pelos grandes meios de comunicação social; é dinâmico e voltado para o novo; consumista, audiovisual, anônimo na massa e desarraigado³²⁹. Descrevendo sobre a “inculturação urbana do Evangelho”, Cheuiche, um dos bispos referenciais em Santo Domingo, na questão da cultura, aponta as seguintes características da tipologia do homem urbano: tipo humano aberto, tipo humano dinâmico, tipo humano desarraigado, tipo humano secularizado, tipo humano extrovertido, tipo humano de relações funcionais, tipo humano audiovisual³³⁰.

É para esse homem urbano pontual, circunstanciado que a paróquia deve se reprogramar, se adaptar e se inculturar. Paulo Suess diz que as culturas não precisam do Evangelho, mas o Evangelho precisa das mediações culturais. “Sem expressão cultural, o Evangelho não tem nenhuma relevância e nenhum significado para os grupos humanos”, diz o autor³³¹.

Essa reprogramação deve ter em conta a pastoral dos edifícios, a pastoral ambiental, a formação dos leigos, a evangelização das metrópoles... Em algumas linhas de ação, propõe Santo Domingo: renovar as paróquias mediante pequenas comunidades eclesiais que acentuem a responsabilidade dos fiéis leigos, articular planos de conjunto em áreas homogêneas, nas paróquias urbanas, renovar a capacidade de acolhida e o dinamismo missionário com os fiéis afastados³³², renovar o acompanhamento pastoral a mulheres em situações difíceis: separadas, divorciadas, mães solteiras, meninas e mulheres prostituídas por causa da fome, do engano e do abandono³³³. Santo Domingo é um dos documentos que pela primeira

³²⁷ CHEUICHE, Antônio do Carmo. *Cultura e Evangelização*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995, p.111.

³²⁸ Idem.

³²⁹ *Santo Domingo*, 255.

³³⁰ CHEUICHE, Antônio do Carmo. Op. Cit., p.108-118.

³³¹ SUESS, Paulo. Evangelização e Cultura – conceitos, questionamentos, perspectivas. In: ANJOS, Márcio Fabri dos (org.). *Inculturação – desafios de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1994, p.29.

³³² *Santo Domingo*, 60.

³³³ Idem, 110. “Denunciar tudo aquilo que atentando contra a vida afete a dignidade da mulher como, o aborto, a esterilização, os programas antinatalistas, a violência nas relações sexuais (...).”

vez falam abertamente da reprogramação da Paróquia. Escrevem os bispos no número 257:

Reprogramar a paróquia urbana. A Igreja na cidade deve reorganizar as suas estruturas pastorais. A paróquia urbana deve ser mais aberta, flexível e missionária, permitindo uma ação pastoral transparoquial e supraparoquial. Além disso, a estrutura da cidade exige uma pastoral especialmente pensada para essa realidade. Lugares privilegiados da missão deveriam ser as grandes cidades, onde surgem novas formas de cultura e comunicação³³⁴.

Para preparar a V Conferência de Aparecida, o CELAM ofereceu uma coleção de subsídios de análise da realidade social. Entre eles, um estudo sobre as crenças e os novos movimentos religiosos. Nele alerta para que a comunidade paroquial não seja uma mera “agência paroquial”, dispensadora de serviços, transformando o fiel em um simples usuário dos serviços religiosos, sem se considerar a salvação espiritual da pessoa³³⁵.

Aparecida propõe a renovação paroquial através de uma conversão pastoral que vá além de uma pastoral de conservação para uma pastoral decididamente missionária³³⁶. Essa renovação missionária das paróquias se impõe na evangelização das grandes cidades como também do mundo rural em nosso Continente Latino-Americano³³⁷. Para essa tarefa, os bispos pedem “imaginação e criatividade”³³⁸. Reconhece-se que há um crescimento dos esforços de renovação pastoral nas paróquias, favorecendo um encontro com Cristo vivo mediante diversos métodos de nova evangelização que se transformam em comunidade de comunidades evangelizadas e missionárias³³⁹. As paróquias são chamadas a serem casas e escolas de comunhão. Aparecida diz que um dos maiores desejos que se tem expressado nas Igrejas da América Latina e do Caribe, motivando a preparação da V Conferência Geral, é o de uma valente ação renovadora das Paróquias³⁴⁰, a fim de que sejam de verdade

³³⁴ *Santo Domingo, 257* – grifo nosso.

³³⁵ CELAM, Coleção Quinta Conferência, *Seitas e Novos Movimentos Religiosos - elementos para ampliar nossa interpretação e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p.48.

³³⁶ *Aparecida*, 370. “A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária. (...) fazendo com que a igreja se manifeste como mãe que vai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária.”

³³⁷ *Idem*, 173.

³³⁸ *Idem*.

³³⁹ *Idem*, 99e.

³⁴⁰ *Idem*, 170.

espaços da iniciação cristã, da educação e celebração da fé, abertas à diversidade de carismas, serviços e ministérios, organizadas de modo comunitário e responsável, integradoras de movimentos de apostolado já existentes, atentas à diversidade cultural de seus habitantes, abertas aos projetos pastorais e supraparociais e às realidades circundantes³⁴¹.

A renovação das paróquias, segundo os bispos em Aparecida, no início do terceiro milênio, exige “a reformulação de suas estruturas, para que seja uma rede de comunidades e grupos capazes de se articular, conseguindo que seus membros se sintam realmente discípulos e missionários de Jesus Cristo em comunhão”³⁴². Os grupos paroquiais, associações e movimentos eclesiais podem contribuir para revitalizar as paróquias, fazendo das mesmas uma comunidade de comunidades³⁴³. Uma paróquia renovada multiplica as pessoas que realizam serviços e acrescenta os ministérios³⁴⁴. A responsabilidade primeira dessa renovação paroquial é do pároco e do sacerdote, como sendo um autêntico “sacerdote enamorado do Senhor” e “um ardoroso missionário”.

A primeira exigência é que o pároco seja um autêntico discípulo de Jesus Cristo, porque só um sacerdote enamorado do Senhor pode renovar uma paróquia. Mas ao mesmo tempo, deve ser um ardoroso missionário que vive o constante desejo de buscar os afastados e não se contenta com a simples administração³⁴⁵.

As atuais Diretrizes da Ação Evangelizadora do Brasil (2008-2010), baseando-se em Aparecida, apelam para a necessária renovação estrutural da paróquia, frente as grandes mudanças ocorridas nas últimas décadas, de modo especial com a urbanização acelerada e a comunicação planetária. Referendando, Aparecida acrescenta o seguinte comentário: “A rede de comunidades não significa desorganização nos aspectos administrativos. A boa organização da secretaria paroquial e demais serviços hábeis na articulação entre as diversas comunidades é suporte para uma eficiente evangelização”³⁴⁶.

Brighenti, no estudo intitulado “Para uma recepção criativa da proposta missionária de Aparecida”, fala da renovação eclesial, utilizando-se da comparação

³⁴¹ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Ecclesia in America*, 41.

³⁴² *Aparecida*, 172.

³⁴³ *Idem*, 179.

³⁴⁴ *Idem*, 202. “Uma paróquia renovada multiplica as pessoas que realizam serviços e acrescenta os ministérios. Igualmente neste campo, se requer imaginação para encontrar respostas aos muitos e sempre mutáveis desafios que a realidade coloca, exigindo novos serviços e ministérios.”

³⁴⁵ *Aparecida*, 201.

³⁴⁶ *DGAE*, 156.

bíblica do vinho novo em odres novos. Diz que as novas ações exigem novas estruturas – *ecclesia semper reformanda*³⁴⁷. Parece se basear em McLuhan³⁴⁸ que afirmou que *o meio é a mensagem*, a embalagem é o conteúdo. Diz Brighenti que tanto o meio como a estrutura, bem como o mensageiro, também são a mensagem.

No processo de recepção, a comunhão joga um papel essencial, pois a instituição é também mensagem, as estruturas são mensagem, o mensageiro é mensagem. Sem o suporte institucional correspondente, a melhor ação cai na inanição, a missão em mera campanha, o discipulado em voluntariado³⁴⁹.

Portanto, a missão proposta por Aparecida não poderá ser um mero apêndice de um projeto paroquial, um item de um programa de planejamento pastoral, uma campanha pontual de uma semana missionária local ou continental. O espírito de Aparecida é outro. Fora desse espírito a letra é morta, o texto perde o sentido, a missão fica deslocada. A V Conferência é mais que uma Assembléia, que por sua vez, é mais que um documento³⁵⁰. Compreende-se concretamente Aparecida foi situada a Conferência em relação a Santo Domingo, Puebla, Medellín e, na base deles, o Concílio Vaticano II. A reprogramação e renovação da paróquia precisa ter como base a essência de Aparecida, ou seja, a missionariedade da Igreja.

3.3 POSSÍVEIS PROPOSTAS DE CONVERSÃO PASTORAL NA PARÓQUIA SEGUNDO APARECIDA

Como participante oficial da V Conferência Latino-americana, Dom Dadeus Grings, Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de Porto Alegre, mencionou, na volta do encontro, que a Conferência procurou ver a Igreja num tom muito mais otimista do que realista ou negativista, procurando exaltar mais suas qualidades do que apontar propriamente seus defeitos, numa atitude católica de abarcar as riquezas infinitas de todas as iniciativas. Escreveu o bispo: “A nova visão é decididamente católica: acolher tudo o que é bom e não se limitar a rejeitar posições

³⁴⁷ BRIGHENTI, Agenor. Para uma recepção criativa da proposta missionária de Aparecida. *In: Encontros Teológicos*. ITESC, n.51, Florianópolis-SC, 2008, p. 14.

³⁴⁸ Herbert Marshall McLuhan, é considerado o “Papa” da comunicação pelos estudiosos do mundo midiático.

³⁴⁹ BRIGHENTI, Agenor. Op. Cit., p. 14.

³⁵⁰ Idem, p.19.

contrárias”³⁵¹. As novas diretrizes apontam não tanto para os campos de atuação, como fizeram as Conferências anteriores, mas muito mais para os sujeitos ou agentes da evangelização³⁵².

João Batista Libânio, nesse enfoque, comenta:

A Conferência de Aparecida trabalhou em relação à Igreja antes o discurso projetivo, idealista, “optimal” que analítico, realista e crítico das próprias estruturas. Preocupou-se mais em acordar o católico adormecido que munido de elementos de juízo sobre a própria comunidade eclesial. Constatou de preferência as fraquezas dos indivíduos que as da instituição. A Igreja vai bem, mas o católico não³⁵³.

A centralidade das reflexões da V Conferência de Aparecida não foi propriamente quanto às estruturais eclesiais e aos ambientes evangelizadores, mas quanto ao indivíduo, o discípulo-missionário, em sua atitude essencial e objetivamente missionária. Os bispos latino-americanos, em Aparecida, preocuparam-se, sobremaneira, com a pessoa do discípulo missionário, sua formação, atuação e tarefa missionária na Igreja e no mundo e não tanto com a estrutura paroquial. Aparecida apela mais para uma mudança de mentalidade e atitude pessoal e pastoral do que para a mudança de alguma estrutura concreta eclesial. Há, portanto, aí uma grande lacuna (ou então abertura) para se (re)pensar os mecanismos paroquiais a fim de que favoreçam melhor as intenções da V Conferência e que respondam aos novos desafios da evangelização da cidade.

Agenor Brighenti realiza uma recente análise da desafiante proposta de Aparecida. Diz que a grande exigência é “uma Igreja em estado permanente de missão”, toda ela, inteira, em seus membros, ações e estruturas³⁵⁴. Portanto, não só objetiva a conversão pessoal para a missão, mas também estrutural, eclesial, paroquial.

O missiólogo Suess diz que o documento de Aparecida aposta tudo no papel missionário da paróquia e diocese, apontando para as dificuldades existentes, mas sem enfrentá-las e propõe as mudanças estruturais, geralmente sem operacionalizá-

³⁵¹ GRINGS, Dadeus. *A conferência de Aparecida. Discípulos Missionários*, Subsídios da PASCUM – Pastoral da Comunicação de Porto Alegre, Presscom, 2007, p.44.

³⁵² Idem.

³⁵³ LIBÂNIO, João Batista. Desafios para a Estrutura da Igreja a partir de Aparecida. In: *Encontros Teológicos*. ITESC, n.51, Florianópolis, 2008, p. 32.

³⁵⁴ BRIGHENTI, Agenor. *A desafiante Proposta de Aparecida*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2008, p.5.

las³⁵⁵. Contudo, podemos pensar as mudanças estruturais com Aparecida e além de Aparecida. Com Aparecida, a paróquia se depara com a falta de uma crítica fundamental do sistema capitalista e com a falta de abertura para reconstrução ministerial de acordo com as necessidades da Igreja. As transformações do Documento de Aparecida não conseguem chegar ao chão paroquial latino-americano, segundo o autor³⁵⁶.

A 40ª Assembleia Geral dos Bispos do Brasil, em 2002, encomendou uma grande pesquisa religiosa para o CERIS – Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais - para subsidiar a ação Pastoral da Igreja no País, frente aos novos desafios. O Instituto, na ocasião, pesquisou seis grandes metrópoles brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Bahia e Porto Alegre³⁵⁷. Comentando as pesquisas, Alberto Antoniazzi fala da paróquia como estrutura básica da ação pastoral. E diz:

Devemos nos dar conta das novas condições em que ela (*a paróquia*) se encontra no mundo urbano ou na megalópole. Ela não é mais aquela realidade relativamente isolada e auto-suficiente, que até há pouco existia no meio rural e nas pequenas cidades. Devemos compreendê-la e adaptá-la ao mundo da grande cidade e das modernas comunicações. Essas mudanças podem ser descritas sumariamente com abrir a paróquia tanto para “baixo” (multiplicando grupos, comunidade menores, movimentos, pastorais, com maior autonomia para os ministérios dos leigos) quanto para “cima” (integrando a paróquia na forania ou na região episcopal ou nas estruturas diocesanas). É importante considerar a diversidade das paróquias, numa realidade urbana muito diversificada...³⁵⁸

É necessária uma reestruturação da paróquia para que não seja simplesmente um minifeudo, onde o pároco seja bispo ou papa em sua jurisdição. O Papa Paulo VI, enquanto ainda era somente o Bispo Dom João Batisti Montini, lamentava sempre essa mentalidade anacrônica de certos párocos que diziam: “Aqui o Papa sou eu”³⁵⁹. A Paróquia precisa se abrir “para cima” e “para baixo”, como aponta Antoniazzi. Percebe-se, de acordo com as orientações apostólicas da Conferência de Aparecida, que a paróquia hoje deva também se abrir, muito mais, “para os lados”, num crescente diálogo com as culturas e com os novos ambientes da cidade, e se abrir “para fora”, *ad extra*, num ardoroso e decisivo impulso

³⁵⁵ SUESS, Paulo. Paróquia Missionária segundo Aparecida. In: *Encontros Teológicos*. ITESC, n.51, Florianópolis, 2008, p.56.

³⁵⁶ Idem.

³⁵⁷ Pesquisa publicada no livro: *Desafios do Catolicismo na Cidade*. São Paulo: Paulus, 2002.

³⁵⁸ ANTONIAZZI, Alberto. *Desafios do Catolicismo na Cidade*. São Paulo: Paulus, 2002, p.263-264.

³⁵⁹ Idem, nota de rodapé.

missionário para buscar os afastados.

José Comblin, em texto intitulado *Projeto de Aparecida*, diz que é necessário deixar em segundo plano a administração da pequena minoria que frequenta as paróquias³⁶⁰. Comenta assim o ambicioso intento missionário de Aparecida:

Agora vem o projeto episcopal, que vai exigir uma mudança de mentalidade e uma mudança de comportamento. A missão será a prioridade e deixará no segundo plano a administração da pequena minoria que frequenta as paróquias. Será necessário mudar a formação sacerdotal de modo radical. Os religiosos vão ter que voltar à sua vocação original, e deixar de ser administradores de paróquias ou de obras³⁶¹.

Um dos assessores e delegados em Aparecida, Joel Portella Amado, faz uma abordagem sobre as configurações estruturais das paróquias, afetadas pelas mudanças de época³⁶². Relata que várias orientações e estruturas de pastorais encontram-se presas ao aspecto da territorialidade, como é a questão da jurisdição do batismo e do matrimônio nas grandes cidades³⁶³. O autor critica a ação pastoral segmentada, enquanto que as cidades estão se emendando³⁶⁴. A ação pastoral continua predominantemente com paróquias territoriais, enquanto que os bairros se integram por regiões, havendo assim um descompasso³⁶⁵. Diante da globalização e mobilidade humana, Amado incentiva que a paróquia deva apostar mais em “formas ambientais de pertença”:

Num mundo de ações globais, também as referências eclesiais devem ter uma certa dose de globalidade, respeitando, sem dúvida, as peculiaridades de cada contexto. Tempos de mobilidade pedem, da ação evangelizadora, mais atenção às **formas ambientais de pertença**³⁶⁶.

Finalmente, o autor ainda assinala para o atendimento direto e personalizado nas comunidades paroquiais, haja vista na grande cidade a densidade demográfica, a despersonalização e o anonimato. Para tanto, utiliza-se do termo “princípio de

³⁶⁰ COMBLIN, José. *O Projeto de Aparecida*, Cuadernos Movimiento Tambien Somos Iglesia – Chile, Sótero del Río 475, Oficina 203, Santiago-Chile, 2007, p. 2.

³⁶¹ Idem.

³⁶² Importante lembrar que Aparecida, apoiado em muitos especialistas, apontou não a época de mudanças, mas a fase atual de mudança de época.

³⁶³ AMADO, Joel Portella. *Viver e transmitir a fé no mundo Urbano*, Testigos de Aparecida, CELAM, Secretaria General, Bogotá, 2008, p. 386.

³⁶⁴ Idem.

³⁶⁵ Idem, p.388.

³⁶⁶ AMADO, Joel Portella. *Viver e transmitir a fé no mundo Urbano*, Testigos de Aparecida, CELAM, Secretaria General, Bogotá, 2008, p. 388 – grifo nosso.

capilarização”, ou seja, a experiência eclesial em pequenos grupos, pequenas comunidades, empregando-se o modelo de paróquia como “rede de comunidades”³⁶⁷.

A Conferência de Aparecida aponta também que,

outros desafios de caráter estrutural como, por exemplo, a existência de paróquias muito grandes que dificultam o exercício de uma pastoral adequada, também paróquias muito pobres que fazem com que os pastores se dediquem a outras tarefas para poder subsistir e paróquias situadas em regiões de extrema violência e insegurança, bem como a falta e má distribuição de presbíteros nas Igrejas do Continente³⁶⁸.

É preciso procurar priorizar a presença pública da Igreja através dos seus membros (pessoas) e não através de seus templos estruturados e que os seus necessários espaços físicos sejam realmente simpáticos³⁶⁹. É necessário, outrossim, buscar as pessoas lá onde elas estão, propondo-lhes uma experiência de conversão e não esperar que elas venham naturalmente ao encontro da paróquia, como acontecia sobretudo no mundo rural³⁷⁰, adotando uma metodologia adequada, adaptando o Evangelho para a cidade³⁷¹. Por conseguinte, há uma urgência em pensar um modelo novo de paróquia, mais de acordo com o ambiente citadino³⁷², que, segundo Aparecida, parta da mudança da pessoa do discípulo-missionário convertido e convicto. Um outro propósito seria a dedicação a cada pessoa, como faz o mundo moderno do *marketing*³⁷³, atitude já citada há pouco, procurando uma pastoral pessoal, direta, individual. Urge articular o trabalho na cidade nas três dimensões que valem para toda a Igreja, ou seja, no anúncio (dimensão profética), na comunhão (dimensão sacerdotal), e no serviço (dimensão régia), como apontam as novas Diretrizes da Igreja no Brasil, quando abordam respectiva e exaustivamente os ministérios da Palavra, da Liturgia e da Caridade³⁷⁴.

Parece relevante que a Igreja, uma vez beneficiada pela cidade em sua missão, não deva ter medo do desafio de evangelização, por meio de uma pastoral

³⁶⁷ Idem, p.389.

³⁶⁸ *Aparecida*, 197.

³⁶⁹ Cf. COMBLIN, José. *Pastoral urbana - o dinamismo na evangelização*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 24.

³⁷⁰ Idem, p. 25.

³⁷¹ Idem, p. 30.

³⁷² Cf. AZEVEDO, Walmor de Oliveira. “Paróquia, cidade e evangelização”. In: *Rhema*, número 11, Belo Horizonte 1997, p. 35.

³⁷³ Cf. SUESS, Paulo. “Perspectivas pastorais em vista do terceiro milênio”. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis - Rio de Janeiro, 1996, p. 865.

³⁷⁴ *DGAE*, 60-87.

verdadeiramente voltada ao meio urbano. Sugere-se, em Aparecida, a setorização das paróquias em unidades menores³⁷⁵, a criação de novos ministérios, novas associações, grupos, comunidades e movimentos. Ou seja, a mudança também na metodologia e não simplesmente na atitude de cada católico engajado. Os bispos declararam:

A Igreja em seu início se formou nas grandes cidades de seu tempo e se serviu delas para se propagar. Por isso, podemos realizar com alegria e coragem a evangelização da cidade atual. Diante da nova realidade novas experiências se realizam na Igreja, tais como a renovação das paróquias, setorização, novos ministérios, novas associações, grupos, comunidades e movimentos. Mas se percebem atitudes de medo em relação à pastoral urbana; tendência a se fechar nos métodos antigos e de tomar uma atitude de defesa diante da nova cultura, com sentimentos de impotência diante das grandes dificuldades das cidades³⁷⁶.

Enfim, a paróquia hoje não pode se fechar aos moldes antigos. A atitude eclesial própria para os novos tempos, nas comunidades paroquiais, não parece ser a de uma tartaruga que se encolhe e se fecha sobre si quando sente externamente o ataque. Mas os novos desafios parecem sugerir a atitude pastoral essencialmente missionária, desmembrando a paróquia em novas estruturas que respondam aos apelos emergentes do mundo pós-moderno e genuinamente urbano. De acordo com o pensamento dos bispos latino-americanos, a paróquia necessita de um forte impulso que a impeça de se instalar na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres de nosso Continente³⁷⁷. “Necessitamos que cada comunidade cristã se transforme num poderoso centro de irradiação da vida em Cristo”³⁷⁸, frisa com propriedade o Documento de Aparecida.

3.4 A MISSÃO DO LEIGO NA COMUNIDADE PAROQUIAL E SUA RELAÇÃO COM O PRESBÍTERO

A Igreja, na renovação conciliar do Vaticano II, acentuou tanto a missão do leigo que dedicou um decreto especial unicamente sobre o Apostolado dos Leigos. O decreto conciliar *Apostolicam Actuositatem* faz uma indicação clara e direta sobre o reconhecimento do valor e da atuação do leigo na edificação das comunidades

³⁷⁵ *Aparecida*, 372 e 513.

³⁷⁶ *Idem*, 513.

³⁷⁷ Cf. *Aparecida*, 362.

³⁷⁸ Cf. *Aparecida*, 362.

crists para o êxito do prprio apostolado dos pastores. Diz o referido decreto:

Como participantes do múnus de Cristo sacerdote, profeta e rei, os leigos participam ativamente na vida e na ação da Igreja. No interior das comunidades da Igreja sua ação é tão necessária que sem ela o prprio apostolado dos pastores não poderia, muitas vezes, alcançar o seu pleno efeito. Leigos de verdadeiro espírito apostólico, a maneira daqueles homens e senhoras que ajudavam a Paulo no Evangelho (cf. At 18,18.26; Rm 16,3), suprem o que falta a seus irmãos e reerguem o ânimo tanto dos pastores quanto do restante do povo fiel (cf. 1 Cor 16,17-18)³⁷⁹.

Os leigos são convidados a trabalhar na paróquia “intimamente unidos aos seus sacerdotes”³⁸⁰, trazendo para a comunidade os problemas prprios do mundo e as questões relativas à salvação dos homens.

Na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, foi dedicado um dos oito capítulos para a questão dos leigos. Esse capítulo fortalece e destaca os leigos em “sua preciosa ação para evangelizar o mundo”³⁸¹ e como “valiosos pregoeiros da fé”³⁸². Aponta também, em sua relação com a hierarquia da Igreja, com os Pastores, o dever de manifestar as necessidades e habilidades, bem como o direito e o dever de opinar nas coisas da Igreja. “Manifestem (...) suas necessidades e seus desejos com aquela liberdade e confiança que convém a filhos de Deus e irmãos em Cristo. Segundo sua ciência, competência, têm o direito e, (...), até o dever de exprimir sua opinião (...)”³⁸³.

No decreto *Presbyterorum Ordinis*, por sua vez, exorta-se aos presbíteros que promovam a dignidade dos leigos em suas incumbências na missão eclesial. Uma das tarefas do presbítero é a escuta atenta “com gosto” dos leigos, reconhecendo sua competência e experiência nos diversos campos da atividade humana: “(...) Ouçam **com gosto** os leigos, apreciando fraternalmente seus desejos, reconhecendo sua experiência e competência nos diversos campos da atividade humana, para poderem junto com eles verificar os sinais dos tempos”³⁸⁴.

Deve existir, portanto, uma mútua colaboração de clérigos e leigos na missão sublime da evangelização, onde se reconhece o valor e a contribuição específica dos leigos na tarefa eclesial.

³⁷⁹ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Decreto *Apostolicam Actuositatem*, 10.

³⁸⁰ Idem.

³⁸¹ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição *Lumen Gentium*, 35.

³⁸² Idem.

³⁸³ Idem, 37.

³⁸⁴ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Decreto *Presbyterorum Ordinis*, 9 – grifo nosso.

João Paulo II, na exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in América*, aponta, como condição para a renovação da paróquia, a participação dos leigos³⁸⁵. Na exortação *Christifideles Laici*, o papa também atesta que a participação dos leigos é condição para que as paróquias formem verdadeiras comunidades cristãs³⁸⁶. Para tanto, convoca esses fiéis a se convencerem sempre mais do compromisso para com “sua” paróquia, na dedicação ao apostolado³⁸⁷.

Os fiéis leigos podem e devem fazer muitíssimo para um autêntico crescimento de uma autêntica *comunhão eclesial* no seio das **suas** paróquias para o despertar do *impulso missionário* em ordem aos não-crentes e, mesmo, aos crentes que tenham abandonado ou arrefecido a prática da vida cristã³⁸⁸.

E como foram sendo entendidas essas orientações conciliares e pontifícias na América Latina? A realidade da Igreja latino-americana deu destaque ao papel do leigo na Igreja? É preciso perceber como os encontros e conferências dos bispos na América Latina e do Caribe compreenderam o protagonismo dos leigos na sua missão no mundo e na comunidade eclesial.

A Primeira Conferência dos bispos no Rio de Janeiro em 1955, quando então foi criado o CELAM – Conselho Episcopal Latino Americano, dedicou o primeiro capítulo a essa realidade. Sob o título “Apostolado dos leigos em geral”, dedicam-se quatro itens (números do documento) à tarefa laical. Foi desejo, então, da Conferência Geral do Episcopado Latino-americano no Rio de Janeiro:

- sublinhar, de maneira especial, a função tão importante que corresponde aos leigos na realização da obra da salvação encomendada por Jesus Cristo à Igreja: colaboração apostólica que se faz sentir com maior urgência em regiões da América Latina, pela escassez de sacerdotes, o elevado número de fiéis a eles confiados, a grande extensão das demarcações paroquiais e, por último, a dificuldade de penetrar em certos ambientes³⁸⁹;

- difundir cada vez mais entre os fiéis o conhecimento do lugar certo dos leigos dentro do Corpo Místico de Cristo, formando a consciência dos fiéis, de modo que se persuadam praticamente de que o apostolado, ainda que seja uma missão

³⁸⁵ Cf. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in America*, 41.

³⁸⁶ Cf. JOÃO PAULO II, *Christifideles Laici*, 26.

³⁸⁷ Cf. *Idem*, 27.

³⁸⁸ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, 27 – grifo nosso, itálico do autor.

³⁸⁹ I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Rio de Janeiro, 42.

própria do sacerdote, não é exclusividade dele, mas que também compete aos leigos, por sua própria identidade cristã, estando sempre sob a obediência dos bispos e dos párocos e dentro das formas e funções que não são privativas do ministério sacerdotal³⁹⁰;

- destacar que o tempo e o trabalho, dedicados à formação de leigos competentes para que colaborem com a Hierarquia Eclesiástica, estão muito bem e utilmente utilizados³⁹¹;

- lembrar que o apostolado dos leigos não deve ficar reduzido unicamente a colaborar com o sacerdote no campo limitado dos atos de piedade, mas que deve ser um apostolado missionário de conquista para a expansão do Reino de Cristo em todos os setores e ambientes e particularmente lá onde não possa chegar a ação direta do sacerdote³⁹².

A II Conferência dos Bispos Latino-Americanos, em 1968, quando os acentos históricos eram a opressão e a libertação dos povos subdesenvolvidos, dedica uma das suas dezesseis abordagens aos movimentos leigos. Medellín abre o capítulo décimo nesses termos: “Em outros documentos, e de diferentes ângulos, assinalou-se a presença apostólica dos leigos no processo de transformação de nosso Continente. Nesse (...) nos propomos a rever a dimensão apostólica dessa presença no momento histórico (...)”³⁹³.

Utilizando critérios teológico-pastorais, os bispos apontam a tríplice missão batismal do leigo na Igreja e no âmbito temporal. A característica própria do papel do leigo é a sua missão no mundo, seu compromisso com a história e a solidariedade humana.

Os leigos, como todos os membros da Igreja, participam da tríplice função profética, sacerdotal e real do Cristo, em vista da realização de sua missão eclesial. Todavia, realizam especificamente essa missão no âmbito do temporal, em vista da construção da história, “exercendo funções temporais e ordenando-as segundo Deus”³⁹⁴.

O que **tipifica** o papel do leigo, com efeito, é seu compromisso com o mundo, entendido como quadro de solidariedade humana, como trama dos acontecimentos e fatos significativos, em uma palavra, como história³⁹⁵.

³⁹⁰ Idem, 43.

³⁹¹ Idem, 44.

³⁹² Idem, 45.

³⁹³ *Medellín*, 10.

³⁹⁴ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, 31.

³⁹⁵ *Medellín*, 10 – grifo nosso.

Vê-se curiosamente a expressão utilizada pela Conferência: “o que tipifica”. Ou seja, o que é bem próprio, peculiar e marca da missão do leigo é o seu engajamento no mundo. Os bispos conclamam também os leigos na tarefa de promoção humana, tendo em vista o papel educador dos meios de comunicação. Medellín assim declara:

(...) que o processo de socialização, desencadeado pelas técnicas e meios de comunicação social, faz destes um instrumento necessário e muito apto à educação social, à conscientização de acordo com a transformação de estruturas e à vigência da justiça. Em vista disso, conclama, sobretudo aos leigos, a seu adequado cumprimento nas tarefas de promoção humana³⁹⁶.

Enquanto servidora de todos os homens, dizem os bispos latino-americanos, a Igreja busca por meio de seus membros, especialmente pelos leigos, colaborar nas tarefas de promoção cultural humana sob todas as formas que interessam à sociedade³⁹⁷. Foi intenção dos bispos, nessa Conferência, até mesmo ver a possibilidade e a conveniência de contar com a colaboração de leigos e, entre eles, de jovens na qualidade de consultores, nos diversos departamentos do CELAM³⁹⁸.

A III Conferência dos Bispos Latino-Americanos em Puebla (1979), em que os acentos foram a comunhão e a participação, não poderia deixar de indicar pistas para a atuação laical na Igreja e fora dela. O documento faz a constatação da grande carência de sacerdotes e a necessária atuação dos leigos nas funções eclesiais:

O crescimento demográfico excedeu a capacidade que a Igreja tem, presentemente, de levar a todos a Boa Nova. Também faltam os sacerdotes, escasseiam as vocações sacerdotais e religiosas, houve deserções, as Igrejas não contam com leigos mais diretamente comprometidos nas funções eclesiais, surgiram crises nos movimentos apostólicos tradicionais. Os ministros da Palavra, as paróquias e outras estruturas eclesiais são insuficientes para satisfazer a fome de Evangelho sentida pelo povo Latino-americano. Os vazios têm sido preenchidos por outros, o que tem levado, em não poucos casos, ao indiferentismo e à ignorância religiosa. Ainda não se conseguiu uma catequese que atinja a vida integralmente³⁹⁹.

No México, os bispos deram acentuação ao protagonismo dos leigos na

³⁹⁶ Idem, 1.

³⁹⁷ Idem, 4.

³⁹⁸ Idem, 5.

³⁹⁹ *Puebla*, 78.

vitalidade das CEBs, na animação de comunidades, catequese, missão⁴⁰⁰. Procuraram distinguir, no campo da política, aquilo que corresponde aos leigos, o que compete aos religiosos e o que compete aos ministros da unidade da Igreja, o bispo com seu presbitério⁴⁰¹. Para essa questão tão debatida e controversa na América Latina, os bispos afirmam: “A política partidarista é o campo próprio dos leigos⁴⁰². Corresponde à sua condição leiga constituir e organizar partidos políticos, com ideologia e estratégia adequada para alcançar seus legítimos fins”⁴⁰³.

Os bispos em Puebla propuseram também uma superação dos aspectos puramente administrativos paroquiais, numa valorização e responsabilidade da ação laical na comunidade e na sociedade. Declararam:

(...), é preciso prosseguir no esforço de renovação, superando os aspectos meramente administrativos; buscando maior participação dos leigos, (...) no conselho pastoral; dando prioridade aos apostolados organizados e formando os seculares para que assumam, como cristãos, (...) na comunidade e no ambiente social⁴⁰⁴.

Propuseram o incentivo aos ministérios dos leigos na colaboração com os trabalhos apostólicos dos sacerdotes⁴⁰⁵. Assim se pronunciaram os bispos quanto a essa iniciativa ministerial em busca de uma evangelização do futuro:

(...) a importância dos leigos, tanto quanto desempenham ministérios na Igreja e para a Igreja, como quando, cumprindo a missão que lhes é própria, são enviados, (...), ao meio do mundo, para refazerem, de acordo com o plano de Deus, as estruturas sociais, econômicas e políticas⁴⁰⁶.

Quanto ao papel do leigo na comunidade, Puebla afirma haver uma consciência e um exercício mais amplo dos direitos e deveres que competem aos leigos como membros da comunidade⁴⁰⁷. Para tanto, é necessário ainda maior abertura do clero para com a ação dos leigos, superação do individualismo pastoral

⁴⁰⁰ Idem, 97. “A vitalidade das CEBs começa a dar seus frutos; é umas das fontes de onde brotam os ministérios confiados aos leigos: animação de comunidades, catequese e missão.”

⁴⁰¹ Idem, 520.

⁴⁰² CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 43.

⁴⁰³ Cf. *Puebla*, 524.

⁴⁰⁴ Idem, 649. “Nas paróquias, é preciso prosseguir no esforço de renovação, superando os aspectos meramente administrativos; buscando maior participação dos leigos, mormente no Conselho Pastoral; dando prioridade aos apostolados organizados (...).”

⁴⁰⁵ Idem, 116.

⁴⁰⁶ *Puebla*, 154.

⁴⁰⁷ *Puebla*, 621.

e da autossuficiência⁴⁰⁸. A promoção efetiva do laicato é muitas vezes impedida pela persistência de certa mentalidade clerical em numerosos agentes pastorais, clérigos e até mesmo leigos⁴⁰⁹.

Aos sacerdotes demasiadamente clericalistas e centralizadores, os bispos, em Puebla, pedem a criação dos Conselhos Pastorais para um maior dinamismo paroquial, uma vez sob diversas formas de renovação está conseguindo adequar as várias mudanças: “(...). Há mudança de mentalidade entre os pastores; os leigos são chamados para os **conselhos de pastoral** e demais serviços; constante atualização da catequese, maior presença do presbítero no meio do povo, (...)”⁴¹⁰. É necessário prosseguir esse esforço de renovação, em relação às paróquias, indo muito além dos aspectos administrativos: “(...) buscando maior participação dos leigos, (...) **no conselho pastoral**; dando prioridade aos apostolados organizados e formando os seculares (...) que assumam, (...), suas responsabilidades na comunidade e no ambiente social⁴¹¹”.

É dever dos pastores contribuírem sensivelmente para apurar uma tomada de consciência da ação dos leigos, tanto em sua vocação específica secular, quanto em uma participação mais responsável na vida da Igreja, inclusive mediante os diversos ministérios⁴¹². Há no seio da Igreja latino-americana uma crescente conscientização da necessidade da presença dos leigos na missão evangelizadora. Leigos que, mediante o seu testemunho de dedicação cristã, contribuem para o cumprimento da tarefa evangelizadora, apresentando a fisionomia duma Igreja comprometida com a promoção da justiça em nossos povos⁴¹³.

A Conferência também atesta uma crise do laicato num crescente divórcio entre fé e vida exacerbado pelo secularismo:

Enquanto essas tensões afetam principalmente aqueles que participam em movimentos leigos, grandes setores do laicato Latino-americano não tomaram consciência plena de sua pertença à Igreja e são afetados pela incoerência entre a fé que dizem professar e praticar e o compromisso real que assumem na sociedade. Divórcio entre fé e vida exacerbado pelo

⁴⁰⁸ Idem, 627.

⁴⁰⁹ Idem, 784. “Outrossim, a promoção efetiva do laicato é muitas vezes obstata pela persistência de certa mentalidade clerical em numerosos agentes pastorais, clérigos e até mesmo leigos.”

⁴¹⁰ *Puebla*, 631 – grifo nosso.

⁴¹¹ Idem, 649 – grifo nosso.

⁴¹² Cf. *Puebla*, 671.

⁴¹³ Idem, 777. “(...), queremos incentivar a tantos leigos que, mediante o seu testemunho de dedicação cristã, contribuem para o cumprimento da tarefa evangelizadora e para apresentar a fisionomia duma igreja comprometida com a promoção da justiça em nossos povos.”

secularismo e por um sistema que antepõe o ter mais ao ser mais⁴¹⁴.

Em relação ao papel do leigo na paróquia, os bispos destacam que o mesmo deve contribuir com os seus pastores para construir a Igreja como comunidade de fé, de oração, de caridade fraterna e deve fazer isso por meio da catequese, da vida sacramental, da ajuda a seus irmãos⁴¹⁵.

O leigo se situa por vocação na Igreja e no mundo. Membro da Igreja, fiel a Cristo, acha-se comprometido na construção do Reino em sua dimensão temporal⁴¹⁶. Mas é no campo do mundo que deve o leigo encontrar seu dever específico de ação, não simplesmente voltado especificamente à comunidade eclesial. O dever próprio do leigo é sua inserção no mundo, no tempo, na construção da história e das realidades temporais. “Pelo testemunho de sua vida, por sua palavra oportuna e sua ação concreta, o leigo tem a responsabilidade de ordenar as realidades temporais para pô-las a serviço da instauração do Reino de Deus”⁴¹⁷.

Na IV Conferência dos bispos latino-americanos em Santo Domingo (1992), constata-se que muitos leigos já tomam consciência de sua responsabilidade pastoral em suas diversas formas⁴¹⁸, mas se vê ainda lento o processo de renovação da paróquia em seus agentes de pastoral e na participação dos fiéis leigos⁴¹⁹. No apontamento de linhas de ação na paróquia, Santo Domingo sugere duas atitudes para a maior valorização do laicato:

- 1) renovar as paróquias a partir de estruturas que permitam setorizar a pastoral, mediante pequenas comunidades eclesiais nas quais apareça a responsabilidade dos fiéis leigos;
- 2) qualificar a formação e participação dos leigos, capacitando-os para encarnar o Evangelho nas situações específicas onde vivem ou atuam⁴²⁰.

Constata-se que o povo de Deus é constituído em sua maioria por fiéis leigos que, chamados por Cristo como Igreja, são agentes e destinatários da Boa-Nova da

⁴¹⁴ *Puebla*, 783.

⁴¹⁵ Cf. *Puebla*, 788. “Em íntima comunicação com seus irmãos leigos e com os pastores, nos quais vê seus mestres na fé, o leigo contribui para construir a Igreja como comunidade de fé, de oração, de caridade fraterna e faz isto por meio da catequese, da vida sacramental, da ajuda a seus irmãos.”

⁴¹⁶ Cf. *Puebla*, 787.

⁴¹⁷ *Puebla*, 789.

⁴¹⁸ Cf. *Santo Domingo*, 38.

⁴¹⁹ *Idem*, 59.

⁴²⁰ Cf. *Santo Domingo*, 60.

Salvação, em seu tríplice ofício sacerdotal, profético e régio⁴²¹.

Os bispos em Santo Domingo olham as comunidades paroquiais com uma grande esperança de participação efetiva dos leigos:

Hoje, como sinal dos tempos, vemos um grande número de leigos comprometidos na Igreja: exercem diversos ministérios, serviços e funções nas comunidades eclesiais de base ou atividades nos movimentos eclesiais. Cresce sempre mais a consciência de sua responsabilidade no mundo e na missão “ad gentes”. Aumenta assim o sentido evangelizador dos fiéis cristãos. Os jovens evangelizam os jovens. Os pobres evangelizam os pobres⁴²².

Alertam, porém, que ainda muitos não assumem seu batismo e sua pertença à Igreja: “(...) a maior parte dos batizados ainda não tomou plena consciência de sua pertença à Igreja. Sentem-se católicos, mas não Igreja. (...), não sentindo a necessidade de um compromisso eclesial e evangelizador⁴²³”.

O Documento aponta o protagonismo do leigo nas fundamentais questões temáticas abordadas em Santo Domingo: “Todos os leigos sejam protagonistas da Nova Evangelização, da Promoção Humana e da Cultura Cristã. É necessária a constante promoção do laicato, livre de todo clericalismo e sem redução ao intraeclesial⁴²⁴. É em Santo Domingo que se percebe uma primeira preocupação concreta na formação de leigos em vista da Pastoral Urbana. Empregam-se esses termos: “Promover a formação de leigos para a **pastoral urbana**, com formação bíblica e espiritual; criar ministérios conferidos aos leigos para a evangelização das grandes cidades⁴²⁵”.

A V Conferência dos bispos latino-americanos em Aparecida (2007) convoca toda a Igreja na América e no Caribe a se colocar em “estado de missão⁴²⁶”. São lembradas as palavras de Papa João Paulo II, na Exortação Apostólica *Ecclesia in America*, que disse que a renovação da Igreja na evangelização do Continente não

⁴²¹ Idem, 94. “O Povo de Deus está constituído em sua maioria por, fiéis leigos. Eles são chamados por Cristo como Igreja, agentes e destinatários da Boa Nova da Salvação, a exercer no mundo, vinha de Deus, uma tarefa evangelizadora indispensável (...). Como consequência do batismo os fiéis estão inseridos em Cristo e são chamados a viver o tríplice ministério sacerdotal, profético e real (...).”

⁴²² *Santo Domingo*, 95.

⁴²³ Idem, 96.

⁴²⁴ Idem, 97. “Que todos os leigos sejam protagonistas na Nova Evangelização, da Promoção Humana e da Cultura Cristã (...). Que os batizados não evangelizados sejam os principais destinatários da Nova Evangelização (...).”

⁴²⁵ *Santo Domingo*, 258 – grifo nosso.

⁴²⁶ *Aparecida*, 213. “Hoje, toda a Igreja na América Latina e no Caribe quer colocar-se em estado de missão (...). Hão (os leigos) de ser parte ativa e criativa na elaboração e execução de projetos pastorais a favor da comunidade.”

pode se realizar hoje sem a colaboração dos fiéis leigos⁴²⁷.

A Conferência aponta para diversas iniciativas dos leigos na colaboração com o trabalho eclesial. Há um destaque em Aparecida para os esforços pastorais que deram e continuam dando fruto, destacando-se o diaconato permanente, ministérios confiados aos leigos e outros serviços pastorais, como ministros da Palavra, animadores de assembleia e de pequenas comunidades, entre elas, as comunidades eclesiais de base, os movimentos eclesiais e um grande número de pastorais específicas⁴²⁸. Considera-se a tarefa laical na vivência e na aplicação da Doutrina Social da Igreja como uma riqueza sem preço que tem animado o testemunho e a ação solidária dos leigos e leigas, dialogando com a realidade urbana, no vasto campo da Pastoral Social, nos meios de comunicação social, dentre eles destacando-se a Informática⁴²⁹. Constata-se o escasso acompanhamento dado aos fiéis leigos em suas tarefas de serviço à sociedade, particularmente quando assumem responsabilidades nas diversas estruturas de ordem temporal⁴³⁰.

Na perspectiva geral da formação e ação de verdadeiros discípulos missionários, objetivo maior dessa V Conferência, os bispos pedem uma atenção especial à convocação do leigo para uma formação na comunidade paroquial, em vista de sua ação evangelizadora na Igreja e na complexidade do mundo.

Os melhores esforços das paróquias neste início do terceiro milênio devem estar na convocação e na formação de missionários leigos. Só através da multiplicação deles poderemos chegar a responder às exigências missionárias do momento atual. Também é importante recordar que o campo específico da atividade evangelizadora laica é o complexo mundo do trabalho, da cultura, das ciências e das artes, da política, dos meios de comunicação e da economia, assim como as esferas da família, da educação, da vida profissional, sobretudo nos contextos onde a Igreja se faz presente somente por eles⁴³¹.

Recordando Medellín e Puebla, os bispos em Aparecida revalorizam as CEBs e a importante atuação dos leigos nelas, como pequenas células eclesiais de formação bíblica, de educação de adultos e de compromisso transformador do

⁴²⁷ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in America*, 44.

⁴²⁸ Cf. *Aparecida*, 99c.

⁴²⁹ *Idem*, 99f.

⁴³⁰ *Idem*, 100c.

⁴³¹ *Aparecida*, 174.

mundo⁴³². O Documento de Aparecida acredita que as CEBs podem ser um instrumento revitalizador das comunidades:

Demonstram seu compromisso evangelizador e missionário entre os mais simples e afastados e são expressão visível da opção preferencial pelos pobres. São fonte e semente de vários serviços e ministérios a favor da vida na sociedade e na Igreja. Mantendo-se em comunhão com seu Bispo e inserindo-se no projeto pastoral diocesano, as CEBs se convertem em um sinal de vitalidade na Igreja particular. Atuando, dessa forma, juntamente com os grupos paroquiais, associações e movimentos eclesiais, podem contribuir para revitalizar as paróquias fazendo das mesmas uma comunidade de comunidades⁴³³.

Pede-se ao presbítero que tenha uma relação fraterna, não tão-somente com o Bispo e demais presbíteros, mas também com o leigo⁴³⁴. Exorta-se também a esses que sejam discípulos e servidores da vida no mesmo espírito de comunhão com a Igreja, bispos, presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas e leigos⁴³⁵.

Paulo Suess, comentando Aparecida, coloca em destaque o apelo para a ação dos leigos, diante da escassez do clero⁴³⁶. Em Aparecida, os bispos desejam que “todos os leigos se sintam co-responsáveis na formação dos discípulos e na missão”⁴³⁷. Uma paróquia renovada multiplicará as pessoas que realizam serviços e acrescentará os ministérios. Para que isso aconteça, os párocos devem ser promotores e animadores da diversidade missionária, procurando dedicar tempo generosamente ao sacramento da reconciliação⁴³⁸ e à formação de leigos e leigas para a missão⁴³⁹.

O Documento de Aparecida aborda, de maneira geral, o processo formativo dos leigos e leigas. Explicita a necessidade da formação em determinados campos de atuação, por exemplo: “no âmbito da vida social, econômica, política e cultural”

⁴³² Cf. *Aparecida*, 178. “Na experiência eclesial de algumas igrejas na América Latina e do Caribe as Comunidades Eclesiais de Base têm sido escolas que tem ajudado a formar cristãos comprometidos com sua fé, discípulos e missionários do Senhor, como o testemunha a entrega generosa, até derramar o sangue de muito de seus membros (...).”

⁴³³ *Aparecida*, 179.

⁴³⁴ Cf. *Aparecida*, 195.

⁴³⁵ *Idem*, 199. “O Povo de Deus sente necessidade de presbíteros-discípulos (...) de presbíteros servidores da vida (...). Também presbíteros cheios de misericórdia disponíveis para administrar o sacramento da reconciliação.”

⁴³⁶ SUESS, Paulo. Paróquia missionária segundo Aparecida. In: *Encontros Teológicos*, nº 51, Revista do Instituto de Santa Catarina, Ano 23/ n.3, Florianópolis, 2008, p. 58.

⁴³⁷ *Aparecida*, 202.

⁴³⁸ Cf. *Aparecida*, 202.

⁴³⁹ *Idem*, 212. “Para cumprir sua missão com responsabilidade pessoal, os leigos necessitam da sólida formação doutrinal, pastoral, espiritual e adequado acompanhamento para darem testemunho de Cristo e dos valores do Reino no âmbito da vida social, econômica, política e cultural.”

⁴⁴⁰; no ecumenismo⁴⁴¹; com os migrantes⁴⁴²; na defesa da vida⁴⁴³; na comunicação⁴⁴⁴; na pastoral urbana⁴⁴⁵; nos novos areópagos e centros de decisões⁴⁴⁶; na vida pública⁴⁴⁷.

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora do Brasil para 2008-2010 também aponta a importância da formação bíblico-teológica dos fiéis leigos, o que exige uma renovação da pastoral catequética nas paróquias⁴⁴⁸. E, então, “devidamente formados, devem estar presentes na vida pública”⁴⁴⁹, “atuando como verdadeiros sujeitos eclesiais e competentes interlocutores entre a Igreja e a sociedade”⁴⁵⁰. Os bispos do Brasil ratificam essa necessária formação permanente dos leigos na descoberta da própria vocação para assumirem a missão:

Uma formação permanente e integral⁴⁵¹ possibilitará aos leigos a descoberta de sua própria vocação e os motivará para assumirem sua missão. A Igreja particular deve ter entre suas prioridades esse processo formativo⁴⁵², que “não é um privilégio para poucos, mas sim um direito e um dever para todos”⁴⁵³, como parte do “projeto orgânico de formação”⁴⁵⁴ diocesana. Requerem-se dos leigos co-responsabilidade na tarefa formativa⁴⁵⁵ e participação nas equipes de formação⁴⁵⁶.

A missão própria e específica do leigo se realiza no mundo, não na paróquia necessariamente⁴⁵⁷. Mas os leigos também são chamados a participar na ação pastoral da Igreja, “primeiro com o testemunho de sua vida e, em segundo lugar, com ações no campo da evangelização, da vida litúrgica e outras formas de

⁴⁴⁰ Cf. *Aparecida*, 212.

⁴⁴¹ *Idem*, 232.

⁴⁴² *Idem*, 413.

⁴⁴³ *Idem*, 469h. “Promover a formação e a ação de leigos competentes, animá-los a organizar-se para defender a vida e a família e a estimulá-los a participar em organizamos nacionais e internacionais.”

⁴⁴⁴ *Idem*, 486 – b e f.

⁴⁴⁵ *Idem*, 517h e 518k

⁴⁴⁶ *Idem*, 492 e 497;

⁴⁴⁷ *Idem*, 505 e 506.

⁴⁴⁸ Cf. *DGAE*, 65.

⁴⁴⁹ *DGAE*, 86. Cf. *Aparecida*, 508.

⁴⁵⁰ *Idem*, 497.

⁴⁵¹ Cf. CNBB, Doc. *Missão e ministérios dos leigos e leigas cristãos*, São Paulo: Paulinas, 1999, 175-189.

⁴⁵² Cf. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, 57.

⁴⁵³ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, 63.

⁴⁵⁴ *Aparecida*, 281.

⁴⁵⁵ Cf. *Aparecida*, 202.

⁴⁵⁶ *DGAE*, 96. Cf. *Aparecida*, 281.

⁴⁵⁷ Cf. *Aparecida*, 210. “Sua missão própria e específica se realiza no mundo de tal modo que, com seu testemunho e sua atividade, contribuam para a transformação das realidades e para a criação de estruturas justas segundo os critérios do Evangelho (,,,)”

apostolado, segundo as necessidades locais sob a orientação de seus pastores”⁴⁵⁸. Os bispos, no Brasil, apelam para “(...) a criatividade pastoral, incentivando o surgimento e o fortalecimento, entre os cristãos leigos e cristãs leigas, de ministérios da escuta e do aconselhamento”⁴⁵⁹. As novas Diretrizes da Ação Evangelizadora do Brasil descrevem: “É indispensável assumir uma Pedagogia que valorize e ponha em destaque esse novo modo de coordenar e de viver a fim de que haja efetiva participação dos cristãos leigos na vida da comunidade e em sua missão evangelizadora”⁴⁶⁰.

Os bispos na V Conferência reconhecem “(...) o valor e a eficiência dos Conselhos paroquiais, Conselhos diocesanos e nacionais de fiéis leigos, porque incentivam a comunhão e a participação na Igreja e sua presença ativa no mundo”⁴⁶¹. Em relação aos Conselhos administrativo-financeiros, também chamados de Conselhos Econômicos, os Bispos do Brasil afirmam: “Corresponsáveis com o ministério ordenado, os leigos, atuando nesses conselhos, tornam-se cada vez mais envolvidos no planejamento, na execução e na avaliação de tudo que a comunidade vive e faz”⁴⁶².

O documento de Aparecida aponta para a **construção da cidadania** no sentido mais amplo e a **construção de eclesialidade nos leigos**, sendo um só e único movimento⁴⁶³. No contexto da missão laical na esfera pública, para a construção de uma cidadania, Clóvis Pinto de Castro, pastor metodista, cita a busca de uma *Pastoral da Cidadania* que leve em conta o quadro de enorme desigualdade e injustiça brasileira, enquanto mediadora na relação entre a vida pública e privada, como “um espaço singular para a concretização da fé cidadã”⁴⁶⁴. Uma cidadania requer fé e ação, que transcendam a dimensão privatizante e incorporem a dimensão pública. O autor faz um apelo para as igrejas locais, tanto católicas quanto evangélicas, muitas vezes fechadas em si mesmas, para atuarem no espaço

⁴⁵⁸ *Aparecida*, 211.

⁴⁵⁹ *DGAE*, 116.

⁴⁶⁰ *Idem*, 175.

⁴⁶¹ *Aparecida*, 215. “Reconhecemos o valor e a eficácia dos Conselhos paroquiais, Conselhos diocesanos e nacionais de fiéis leigos, porque incentivam a comunhão e a participação na igreja e sua presença ativa no mundo. A construção da cidadania, no sentido mais amplo, e a construção da eclesialidade nos leigos, é um só e único movimento.”

⁴⁶² *DGAE*, 164b.

⁴⁶³ *Cf. Aparecida*, 215.

⁴⁶⁴ PINTO DE CASTRO, Clóvis. *Por uma fé cidadã: a dimensão Pública da Igreja – Fundamentos para uma Pastoral da Cidadania*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 110-111.

público⁴⁶⁵.⁴⁶⁶

3.5 MODELOS DE PARÓQUIA NA PERSPECTIVA DA PASTORAL URBANA

É arriscado e ousado querer falar de modelos de Igreja ou de Paróquia. Modelo é sempre uma construção teórica, imagética, ou seja, elaboração de uma imagem mental sob um ponto de vista, comparação, analogia. Não existe como tal na realidade. Existe, sim, uma prática pastoral a partir de um modelo pensado, refletivo, projetado. As diversas visões de Igreja ou de Paróquia vão gerando determinadas atitudes pastorais e uma práxis de acordo com a visão ou modelo do que se pensa ser a Igreja e sua missão, ou surgem de acordo com determinadas interpretações bíblicas, concepções teológicas, posições políticas e pedagógicas de ação.

Manoel Augusto dos Santos, refletindo sobre o tema, diz que cada modelo de Igreja inspiraria uma pastoral própria, ou seja, apareceriam modelos de pastoral⁴⁶⁷. Alguns modelos podem ser bons, outros, porém, são inadequados e insuficientes, alternativos, autoexcludentes entre si, estereotipados, unilaterais, com resultados perigosos e falsos⁴⁶⁸. Os acentos, em cada modelo utilizado, são variados:

Uns modelos acentuam a hierarquia, o culto, a disciplina, a ordem, outros acentuam a liberdade, a justiça, o povo, os pobres. Uns centram-se na paróquia, com predomínio do sacramental e administrativo; de outro lado centram-se nos movimentos apostólicos, na opção de classes, próximas das lutas libertadoras dos movimentos sociais, das opções políticas⁴⁶⁹.

O Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, apresenta várias concepções, imagens ou metáforas de Igreja que poderiam gerar visões e modelos concretos de Igreja. A Igreja pode ser vista como um redil, como uma lavoura ou campo de Deus, como construção de Deus, como Jerusalém Celeste e

⁴⁶⁵ PINTO DE CASTRO, Clóvis. *Por uma fé cidadã: a dimensão Pública da Igreja – Fundamentos para uma Pastoral da Cidadania*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 110-111.

⁴⁶⁶ Sugestão de autores e obras para maior aprofundamento do tema sobre a pessoa e formação do presbítero: AZEVEDO, Carlos A. Moreira. *Ser Padre*. Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004; COMISSÃO NACIONAL DOS PRESBÍTEROS. *Presbíteros no Brasil construindo história: Instrumentos Preparatórios aos Encontros Nacionais de Presbíteros*. São Paulo: Paulus, 2001.

⁴⁶⁷ SANTOS, Manoel Augusto. Modelos de Igreja – Modelos de Pastoral. In: *Teocomunicação*, v.34, nº 146, Dez 2004, Porto Alegre: Edipucrs, p.757.

⁴⁶⁸ Idem, 764.

⁴⁶⁹ Idem, 759.

nossa mãe⁴⁷⁰. As comparações mais fortes do documento, que são abordadas em pontos à parte, são as da Igreja como Corpo Místico de Cristo⁴⁷¹ e Igreja como Povo peregrino de Deus⁴⁷². A partir dessa e de outras imagens e visões, haverá práticas pastorais respectivas, traçando-se metodologias de acordo com determinados modelos ou visões conceptuais.

Não cabe aqui a pretensão de criar um modelo novo de paróquia ou de Igreja nem apresentar exhaustivamente os diversos modelos com suas tipologias que já existem, nem compará-los entre si, com juízos de valores, mas de adequar algumas práticas pastorais que permitiriam ajustar os possíveis modelos de paróquia para atenderem aos desafios de uma Pastoral Urbana. E para tanto, não se quer fazer exclusões, digressões ou exaltação de modelos, mas desvendar caminhos para possíveis concepções de paróquia a partir do meio urbano.

Antonio José de Almeida, num estudo sobre os diversos modelos de Igreja, apoiando-se em diversos autores, aponta e aprofunda alguns principais modelos de paróquia, que seriam: paróquia de cristandade; paróquia de nova cristandade; paróquia conciliar; paróquia pós-conciliar;⁴⁷³ paróquia popular libertadora; paróquia pós-moderna; paróquia de mediação...⁴⁷⁴. Não se pretende aqui um aprofundamento de cada modelo como faz o autor, mas tentar aos poucos aproximar algum que corresponda às expectativas de uma pastoral urbana.

Em vista de tal foco, chama a atenção o modelo estudado por Almeida em relação à paróquia de mediação. Esse modelo parece ser um equilíbrio, uma mediação dos diversos modelos, por vezes antagônicos e rivais, que se coaduna mais perfeitamente com as emergências de uma Pastoral Urbana. A paróquia da mediação consegue balancear – mais com rigor do que com vigor – palavra, sacramento e vida. Nessa visão eclesial, a catequese é precedida pela iniciação e seguida pela mistagogia. A celebração dos sacramentos é cuidadosamente preparada, ativamente participada e, certamente, frutuosa, como queria o Concílio

⁴⁷⁰ Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, 6.

⁴⁷¹ *Idem*, 7.

⁴⁷² *Idem*, 9.

⁴⁷³ Cf. FLORISTÁN, Casiano; TAMAYO, Juan José (ed.). *Conceptos fundamentales de pastoral*, Cristiandad, Madrid, 1983, pp. 709-712. *apud* ALMEIDA, Antonio José de. *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana na Quinta Conferência*, texto provisório em fase de publicação pelas Edições Paulinas.

⁴⁷⁴ Cf. ALMEIDA, Antonio José de. *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana na Quinta Conferência*, texto provisório em fase de publicação pelas Edições Paulinas.

Vaticano II⁴⁷⁵. Diz o autor:

No Documento Final de Aparecida, a menos que a pressa tenha atrapalhado a precisão, o termo mais freqüente é “comunidade”, cobrindo os mais diferentes significados. Povo, território, benefício, agrupamento: tantos conceitos para dizer a mesma realidade da paróquia. “Comunidade”, porém, entrou de mansinho e parece que veio para ficar. Claro que há comunidade e comunidade – Comunidades Eclesiais de Base, pequenas comunidades, novas comunidades, comunidades cristãs ou simplesmente comunidades – mas o ideal de se seguir o ensinamento dos apóstolos, de se rezar em comum, de partir e repartir o pão, de ser um só coração e uma só alma, de eliminar a miséria e de se viver a pobreza, continua vivo e, um dia, ainda vai frutificar⁴⁷⁶.

O modelo de Aparecida para a Paróquia atual é que ela não seja só uma estrutura de administração sacramental, litúrgica e religiosa, mas que seja uma “comunidade de comunidades e movimentos”, onde se acentuam a comunhão, a participação e a missão. Essa proposição não é da V Conferência de Aparecida⁴⁷⁷, mas da Conferência de Santo Domingo, em que os bispos afirmaram: “A paróquia, comunidade de comunidades e movimentos, acolhe as angústias e esperanças dos homens, (...). “Não é (...) uma estrutura, um território, um edifício, é a família de Deus, (...) uma fraternidade animada pelo Espírito de unidade”...⁴⁷⁸”.

Os bispos latino-americanos declararam ainda em Santo Domingo: “A paróquia, comunhão orgânica e missionária, é assim uma rede de comunidades”⁴⁷⁹. O modelo de rede de comunidades, ratificada por Aparecida⁴⁸⁰, parece à primeira vista ser o mais adequado para o enfrentamento do ambiente citadino. Essa proposta de *rede de comunidades* parece estar em maior sintonia com aquelas imagens sugeridas no Concílio Vaticano II pela Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, apontadas acima, especialmente as analogias da videira, do redil, do Corpo Místico e do Povo de Deus peregrino.

A comparação da videira, por exemplo, é tirada do Evangelista João (cf. Jo 15,1s). Cristo é a videira que dá vida aos ramos que, para serem fecundos, precisam permanecer ligados a Ele, sem o qual nada poderão fazer. Uma rede de comunidades estará tão ligada entre si como os ramos ligados à videira e

⁴⁷⁵ Cf. ALMEIDA, Antonio José de. *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana na Quinta Conferência*, texto provisório em fase de publicação pelas Edições Paulinas.

⁴⁷⁶ Idem.

⁴⁷⁷ *Aparecida*, 517.

⁴⁷⁸ *Santo Domingo*, 58. Cf. *Christifideles Laici*, 26.

⁴⁷⁹ Idem.

⁴⁸⁰ Cf. *Aparecida*, 172

conectados entre si. “Rede” é uma imagem que inspira unidade e que, segundo Aparecida, precisa ser refeita com atitude nova e com sangue novo, remendo novo em pano novo. As demais imagens conciliares supracitadas de rebanho, Corpo Místico e Povo de Deus, em relação à visão de Igreja, também remetem ao espírito de unidade e comunhão, pois um rebanho exige um pastor que congregue e uma; o Corpo Místico, uma cabeça que oriente e dê o comando; o povo peregrino, para que seja Povo de Deus, que tenha uma direção maior a seguir e caminhe para a Nova Jerusalém.

Faz-se necessário aqui recordar uma imagem que utilizamos no capítulo primeiro quando se buscou a descrição do conceito “cidade”, procurando entendê-la melhor. João Batista Libânio fez uma rica comparação das relações da cidade como uma teia de aranha, em seus tecidos e emaranhados: “A cidade é uma teia de aranha tanto no seu interior como nas suas conexões com as outras cidades. Simboliza a grande obra construtora do ser humano, revelando sua verdadeira natureza social”⁴⁸¹. A teia tecida pela cidade, onde todas as coisas funcionam em rede, numa conectividade global, provoca e desafia a paróquia para que também seja uma rede, uma teia bem organizada. Na cidade, como aponta Aparecida, é possível experimentar “(...) vínculos de fraternidade, solidariedade e universalidade. Nelas, o ser humano é constantemente chamado a caminhar sempre mais ao encontro do outro, conviver com o diferente, aceitá-lo e ser aceito por ele”⁴⁸². Nessa teia fraterna, exige-se da paróquia um “plano de pastoral orgânico e articulado que se integre a um projeto comum às outras paróquias, comunidades de vida consagrada, pequenas comunidades, movimentos e instituições que incidem na cidade”⁴⁸³, objetivando chegar ao conjunto da cidade, num grande e complexo tecido urbano.

O Congresso Internacional de Pastoral Urbana, no México, quando comenta o tema da Pastoral Urbana do Documento de Aparecida, diz que há um novo paradigma de paróquia que rompe o paradigma anterior, não mais centrado na divisão territorial do tipo paroquial centrada em um templo. O novo modelo parte da

⁴⁸¹ LIBÂNIO, João Batista. *As Lógicas da Cidade*. O impacto sobre a fé e sob o impacto da fé. São Paulo: Loyola, 2001, p. 27.

⁴⁸² *Aparecida*, 514.

⁴⁸³ *Idem*, 518.

cidade que é o “novo templo de Deus”⁴⁸⁴. Nesse novo paradigma não desaparecem as paróquias, mas elas devem ser transformadas em “comunidade de comunidades”. O jesuíta Jorge Seibold afirma:

Neste sentido, Aparecida descentraliza a Igreja do Templo e busca as raízes vivas do comunitário, em níveis mais básicos e se se quer mais familiares, onde seja possível o reconhecimento e encontro pessoal e comunitário. Aqui aparece com certeza a ‘pastoral urbana intercultural’⁴⁸⁵.

Como esse(s) modelo(s) pode(m) responder aos desafios de uma Pastoral Urbana intercultural? É preciso recordar recomendações dos bispos latino-americanos, quanto a uma “nova” pastoral urbana que: responda aos grandes desafios da crescente urbanização; seja capaz de atender às variadas e complexas categorias sociais, econômicas, políticas e culturais: pobres, classe média e elites; desenvolva uma espiritualidade da gratidão, da misericórdia, da solidariedade fraterna, atitudes próprias de quem ama desinteressadamente e sem pedir recompensa; abra-se a novas experiências, estilos e linguagens que possam encarnar o Evangelho na cidade; transforme as paróquias cada vez mais em comunidade de comunidades; aposte mais intensamente na experiência de comunidades ambientais, integradas em nível supraparoquial e diocesano; integre os elementos próprios da vida cristã: a Palavra, a Liturgia, a Comunhão Fraterna e o Serviço, especialmente aos que sofrem pobreza econômica e novas formas de pobreza; difunda a Palavra de Deus, anuncie-a com alegria e ousadia e realize a formação dos leigos de tal modo que possam responder as grandes perguntas e aspirações de hoje e se inseriram nos diferentes ambientes, estruturas e centros de decisão da vida urbana; fomente a pastoral da acolhida aos que chegam à cidade e aos que já vivem nela, passando de um passivo esperar a um ativo buscar e chegar aos que estão longe com novas estratégias tais como visitas às casas, o uso dos novos meios de comunicação social e a constante proximidade ao que constitui para cada pessoa a sua cotidianidade; ofereça atenção especial ao mundo do sofrimento urbano, isto é, que cuide dos caídos ao longo do caminho e aos que se encontram nos hospitais, encarcerados, excluídos, dependentes das drogas, habitantes das novas periferias, nas novas urbanizações e das famílias que, desintegradas,

⁴⁸⁴ SEIBOLD, Jorge. *Dios Habita em la ciuda. Hacia um nuevo paradigma de la Pastoral Urbana en América Latina y el Caribe* - Textos da Universidade Ibero-Americana, Congresso Internacional da Pastoral Urbana, México, 2007.

⁴⁸⁵ Idem.

convivem de fato; procure a presença da Igreja, por meio de novas paróquias e capelas, comunidades cristãs e centros de pastoral, nas novas concentrações humanas que crescem aceleradamente nas periferias urbanas das grandes cidades, devido às migrações internas e situações de exclusão⁴⁸⁶.

Diante dessas propostas e frente aos complexos apelos do mundo citadino, seria enfadonho, unilateral e pretensioso querer apontar um único modelo de paróquia urbana, haja vista a pluralidade, o caos das metrópoles, a massificação da mídia e a gama de inter-relações urbanas. Querer modelar todas as paróquias urbanas em uma única concepção ou visão eclesial seria reducionismo e atraso pastoral. Não se pode aqui definir e se fechar em uma única concepção paroquial. Aparecida propõe um novo espírito, aberto, dinâmico, que prime pela pastoral de conjunto, que convida a buscar novas relações eclesiais em “rede”. Essa inter-relação eclesial, não fechada sobre si, abarcando todas as experiências positivas, é que construirá a grande riqueza de uma Igreja viva, missionária, participativa, dentro do mundo complexo, eclético e dinâmico da cidade urbana.⁴⁸⁷

⁴⁸⁶ Cf. *Aparecida*, 517. “Reconhecendo e agradecendo o trabalho renovador que já se realiza em muitos centros urbanos, a V Conferência propõe e recomenda uma nova pastoral urbana (...).”

⁴⁸⁷ Sugestão de autor e obra para maior aprofundamento do tema Paróquia na cidade atual à luz do CELAM (Agir): MINCATO, Ramiro (org.). *Catequese Renovada: Esperança e Transformação*. Porto Alegre: Edições EST, 2008.

CONCLUSÃO

A recente Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Aparecida (2007), deixou impressas inúmeras imagens e palavras de relevantes significados, seja para a vida pessoal do discípulo missionário, como para a vida eclesial e pública. A conversão pastoral para uma Igreja dinâmica e voltada às emergências urbanas parece ser o grande desafio dessa última Conferência. Essa que muito influenciou o tema desta pesquisa: A Paróquia na Cidade Atual.

Buscou-se nessa pesquisa sobre a “paróquia na cidade à luz do CELAM” responder algumas interrogações: Qual é o sentido e a validade da paróquia hoje?; A cidade é um perigo ou oportunidade de renovação para com a instituição paroquial? Por isto buscou-se uma maior compreensão das raízes teológicas e pastorais em uma Mudança de Época.

Um dos frutos deste trabalho, de uma maneira geral, que ora se conclui é a constatação de uma realidade muito concreta que clama por aproximação, por encarnação: a relação da comunidade com o mundo urbano, ou seja, a relação da paróquia com a cidade. O contato e o esforço de compreensão da realidade da cidade desafiam a comunidade eclesial a promover um ajustamento do passo com a história do homem cidadão atual, vivendo sempre mais no ambiente e contexto urbano.

Destacam-se aqui as conclusões deste trabalho em três seções conforme a ordem dos três capítulos trabalhados:

Na primeira sessão destaca-se o primeiro capítulo, sob o olhar da fé, a intenção foi apresentar um conjunto de considerações sob um **ver** a realidade da cidade, levando em conta o contexto urbano maior. O objetivo, clareando conceitos e características, foi mergulhar no objeto de pesquisa, ponderando aspectos relevantes do tema da cidade, sua origem, diferenciações, seus desafios para a fé, suas relações cotidianas, culminando com uma tentativa de elaborar uma Teologia da Cidade. Deu-se um foco preferencial nesse capítulo, em especial na cidade em seu contexto urbano com seus desafios e perspectivas. Conclui-se:

Quando a Palavra de Deus, a Bíblia, emite um juízo da cidade não quer ser

de condenação absoluta, critica a dimensão humana do pecado que nela se origina, reprovando o desvio da sua vocação original. A cidade é mais que um meio ou um mal necessário: ela é o destino dos homens, comunhão entre estes, sua salvação. É a Teologia da cidade que deve impulsionar a pastoral contra o pessimismo.

A cidade está sempre em mudança porque é dinâmica. Tem diversidade de pessoas, idéias, religiões, culturas, modos de viver, profissões, atividades, partidos e grupos diversos. Sabe-se que o mundo todo tornou-se pluralista. A Cidade Urbana não é diferente, é plural. O homem da cidade é plural. Deus criou cada um individualmente. É o pluralismo que questiona a Igreja sobre ser plural e não uniforme.

Percebe-se claramente que esse processo que conduz à uma maior aproximação e a abertura da paróquia com o mundo urbano na cidade não é tão fácil, mas já é realidade. Não existe quem consiga desfazer-se de antigas seguranças para abraçar um novo projeto, sem conhecer a experiência da crise, principalmente quando tais seguranças são institucionalizadas e enraizadas, como é o caso da instituição paroquial, idealizada pelo Concílio de Trento. Voltando-se um olhar à Igreja na América Latina, enxerga-se uma realidade plena de culturas e igrejas diversas, dentro de uma realidade moderna mesclada de um pré e pós-moderno, revelado por sua situação sócio-cultural e político-econômica com seus vários reflexos de tendências da razão e da fé, em plena crise na modernidade em seus valores e cultura. Se tantas vezes a cidade ignora e ou interfere negativamente na religião, é porque possivelmente o homem não esteja integrado ou não conheça a sua cidade, ou ainda, instrumentalize a religião a favor de interesses. Há, sem dúvida, uma crise na religião devido à descristianização, seguida pela secularização e subsequente atacada pelo indiferentismo do secularismo, crise esta de um tipo de presença de religião que tem sua influência, afetando suas comunidades e seus ambientes, bem como sua estrutura e mentalidade. Deve surgir aí, uma maior abertura e compreensão, de um ver Deus, nos desafios do pluralismo religioso, e também nas relações humanas, técnicas e religiosas em vista da busca de uma teologia da cidade. É assim necessário antes de tudo buscar, a cada momento, uma verdadeira e adequada presença da Igreja na cidade atual, numa atitude de sincera acolhida e de profunda liberdade quanto ao passado e ao presente da Paróquia, sem medo do futuro a ser construído.

Na segunda seção destaca-se, a Paróquia na Cidade Atual é o objeto

principal desta pesquisa. E por isso, foi, nesse segundo capítulo analisada de maneira teológica, concreta, territorial, local, circunstancial, em sua tarefa de evangelização, dentro da cidade, vista a partir das orientações eclesiais, especialmente tratadas nas Conferências Latino-americanas, que nos permitem um JULGAR mais palpável. Nesse contexto, deu-se um enfoque especial à paróquia na perspectiva da comunicação, uma vez que a Igreja é essencialmente comunicação e missão. Finalizou-se o capítulo, buscando-se um modelo concreto de Igreja para a Paróquia na cidade, baseado na Eclesiologia de Comunhão do Concílio Vaticano II, na tentativa de uma abertura para a sinodalidade. Conclui-se:

Determinadamente fica claro que existe um real vínculo entre a cidade e o plano salvífico de Deus. Veem-se importantes as contribuições da Teologia da Cidade que fazem pontes, bem como caminhos de aproximações entre a Igreja e a cidade. Caminha-se para a Jerusalém Celeste onde Deus é o “tudo em todos”. Então, a cidade não é inimiga, nem perigosa para a paróquia. É sim espaço de encontro, como verdadeira comunidade cristã que se reconcilia e abraça com a comunidade construída pelos homens. Ela deve ser o centro de relações humanas. Essas relações não estão imunes às correntes culturais de seu tempo. Não é preciso separar as pessoas da cidade para salvá-las ou protegê-las. A cidade não é santa nem pecadora. Ela é o que se fez e se faz dela. Pode-se dizer o mesmo para qualquer lugar interiorano escondido, fora das grandes cidades urbanas. A verdade é que não é a situação geográfica ou demográfica que determina o grau de pureza de uma determinada comunidade humana, nem a complexidade de suas relações. Deve ser a pastoral hoje a denunciar o que está impedindo a cidade atual de realizar a sua vocação e o anúncio da solidariedade.

Então, para que não se perca a unidade na comunhão, é preciso que cada Igreja Particular, na mais perfeita comunhão possível entre o presbítero, as comunidades de vida consagrada e os legítimos organismos leigos de cada território, busque, sob o comando do próprio Ordinário, um caminhar sinodal, numa pastoral de conjunto que integre toda essa realidade.

Na terceira seção destaca-se o último capítulo. Nesse pretende-se trabalhar com o AGIR da paróquia na cidade, sob o prisma das orientações do CELAM, que se expressam, sobremaneira, nas cinco Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano, levando em conta o VER e o JULGAR, anteriormente trabalhados. Num primeiro ponto, procurou-se verificar a viabilidade da paróquia cidadina, buscando

os devidos fundamentos de sua existência e permanência. Para sua viabilidade na cidade, num segundo momento, foram enfocadas a renovação e a reprogramação das estruturas paroquiais para com a correspondência aos novos desafios urbanos. Como exigência da renovação, destacaram-se algumas propostas de conversão pastoral na paróquia, como grande apelo profético da Conferência de Aparecida. Na continuidade, no quarto ponto, deu-se o acento à missão do leigo na comunidade paroquial e sua relação com o presbítero. Finalmente, concluiu-se este capítulo refletindo os modelos de paróquia que procuram focalizar os desafios da cidade, na perspectiva de uma Pastoral Urbana, sempre nova e exigente. Conclui-se:

Falar da paróquia na cidade seria impossível sem levar em conta os leigos. A Igreja, nos vários documentos, insiste na necessidade de conhecer e promover o protagonismo dos leigos. Eles devem, como discípulos missionários, colaborar com o apostolado do presbítero na paróquia, sem confundir com o que é próprio de cada um. Eles são sujeitos da ação pastoral da Igreja no mundo, a partir do batismo, como participantes da única missão da Igreja. É na Paróquia que o leigo deve procurar descobrir o que significa ser membro do Corpo de Cristo. E de modo especial, será o leigo que deverá buscar soluções válidas, eficientes e de inspiração cristã para os desafios da cidade. A presença pública da Igreja terá o tamanho e a intensidade do nível de participação e reconhecimento que forem dados ao leigo.

A paróquia não foi feita para ser Igreja exclusivamente para uma realidade idealizada, como, por exemplo, o mundo rural. Mas foi feita para existir também no meio da cidade. O fenômeno urbano está no mundo todo, em especial onde chegaram os Meios de Comunicação Social. Mas se encontra em grande concentração nas cidades, onde está a Paróquia urbana para ser Igreja. A Paróquia faz parte da Igreja particular que é o território maior, chamado de Diocese. A Paróquia é uma excelente forma de comunidade cristã e, por isso, hoje é viável. Essas considerações fundamentais, na medida em que forem assimiladas ajudarão a Paróquia a encontrar o caminho devido e precioso de evangelização. Portanto, de cada realidade citadina, a Paróquia tem muito a receber, de acordo com o modo de ser, de pensar e de agir do homem urbano situado e circunstanciado. A Paróquia, em sintonia com a cidade, deve mostrar-se mais preocupada em realizar a sua grande missão de evangelização do que em simplesmente conservar suas próprias estruturas.

Não se deve aceitar a possibilidade de haver um único modelo de Paróquia

Urbana, aplicável a toda e qualquer região e situação. Cada Paróquia assumirá as características que a sua cidade ou região, com suas peculiaridades próprias o exigir. Há uma necessária urgência de um adequado conhecimento da realidade urbana onde a Igreja está inserida ou começa a se inserir.

A Igreja é essencialmente missionária, procurando evangelizar tanto as pessoas que estão longe ou que estão perto, as que não creem e as que se afastaram da fé. No mundo urbano é preciso ir ao encontro das pessoas e não ficar esperando. É necessária uma mentalidade evangelizadora e, mais ainda, uma conversão pastoral integral que leve o pensar, o sentir e o agir eclesial a formarem verdadeiros discípulos missionários.

A Igreja, subsequente, as paróquias, não devem ser jamais ilhas isoladas no mar das grandes cidades, mas sim, pontes que interligam em redes de comunidades os seus limites geográficos com o todo circuncidante. Assim no hoje, buscar a partir do diálogo, relações verdadeiras e construtivas de fé e cidadania.

Poder-se-ia seguir uma vastidão de caminhos, bem como explorá-los, aprofundando-os melhor, porém não se teve a pretensão de colocar um ponto final no tema deste trabalho, mas sim, apresentar possíveis perspectivas e desafios da Paróquia na Cidade Atual, na tentativa de construção de uma Teologia da Cidade, bem como indicar um possível modelo missionário de Igreja no meio urbano.

Para além dessas considerações e conclusões sobre a Paróquia Urbana, permanecem em aberto ulteriores pesquisas e aprofundamentos, temas que foram aqui suscitados, mas não plenamente e suficientemente contemplados. Eis alguns destes temas: a pessoa do presbítero, sua consciência maior de formação e também a sua identidade de verdadeiro pastor para a Paróquia Urbana e sua relação para com os leigos; a configuração sinodal que cada instância opta ao exercício da corresponsabilidade de todos batizados; os ministérios no interior da Paróquia Urbana; o compromisso social da paróquia em cidades marcadas pela pobreza e injustiça; o ecumenismo e o diálogo inter-religioso; a comunicação social e seus meios.

Ninguém duvida do valor da família, porém todos se perguntam, qual é o ideal de família hoje. Não é diferente com a paróquia, quando se pergunta, qual é o ideal de paróquia hoje, uma vez que é importante e válida para a cidade. Como discípulos e missionários construamos a igreja urbana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Márcio Fabri dos (org.). *Inculturação – desafios de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1994.

AMADO, Joel Portella. *Viver e transmitir a fé no mundo Urbano, Testigos de Aparecida*, CELAM, Secretaria General, Bogotá, 2008.

_____. Algumas observações a respeito da Pastoral Urbana, www.cnbbne2.org/Itaici/PastoralUrbana, visitado em 26.11.08.

_____. Experiência eclesial em um mundo urbano: pressupostos e concretizações (2ª Parte), in: *Atualidade teológica – Revista Semestral do Departamento de Teologia da PUC-Rio*, ano V, julho/dezembro 2001.

ANTONIAZZI, Alberto. *Desafios do Catolicismo na Cidade*. São Paulo: Paulus, 2002, p 263-264.

ANTONIAZZI, Alberto. Para um programa de pastoral urbana. In: *Revista Vida Pastoral*. São Paulo, mar/abr 1993, Ano XXXIV-169, p. 29-32.

ANTONIAZZI, Alberto – CALIMAN, Cleto (orgs.). *A presença da Igreja na Cidade*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

ARISTÓTELES, Política (Trad.: M. G. Kury). Brasília: EdUNB, 1985.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira. *Ser Padre*. Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004.

AZEVEDO, Walmor de Oliveira. “Paróquia, cidade e evangelização”. In: *Rhema*, número 11, Belo Horizonte 1997, p. 33-38.

BABIN, Pierre e ZUKONWSKI, Ângela Ann. *Mídias, chance para o Evangelho*. São Paulo: Loyola, 2005.

BARTH, Wilmar Luiz. *Pós-modernidade, religião e ética*. Cadernos Série Pensar. Porto Alegre: EST Edições, 2008.

_____. *Religião, ciência e Bioética*. Porto Alegre: EST Edições, 2007.

BARRO, Jorge. *De cidade em cidade* – elementos para uma teologia bíblica da missão urbana em Lucas-Atos, Paraná, Londrina: Ed. Descoberta, 2002.

BAUBRILLARD, Jean. *Tela Total. Mito-Ironias da Era do Virtual e da Imagem*. Porto Alegre: Sulina, 1997.

BENTO XVI. *Deus é amor*. Encíclica. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. *Spes Salvi*. Encíclica, São Paulo: Loyola, 2007.

BENEDETTI, Luiz Roberto. “A religião na cidade”. In: A. ANTONIAZZI – C. CALIMAN (orgs.), *A presença da Igreja na cidade*. Petrópolis, 1994, p.61-73.

BERNARDINO, Angélico Sândalo. O bispo na pastoral urbana, in: *Vida Pastoral*, jul/ago 1990, ano XXXI-153, p. 15-18.

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalem. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOFF, Clodovis. *Uma Igreja para o Novo Milênio*. 5 ed. São Paulo: Paulus, 2003.

BORGES, Anselmo. cf. www.dn.sapo.pt/2006/06/04/opiniao/secularizacao_e_secularismo, visitado em 30.11.08.

BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja do futuro e o futuro da Igreja*, Perspectivas para evangelização na aurora de um novo milênio 3 ed. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. Para uma recepção criativa da proposta missionária de Aparecida. In: *Encontros Teológicos*. Revista do Instituto Teológico de Santa Catarina, ITESC, n.51, Florianópolis-SC, 2008, p. 11-30.

_____. *A Igreja perplexa – A novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Paulinas, Soter, 2004.

_____. *A desafiante Proposta de Aparecida*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. *Para além da Perplexidade do Presente*. A Teologia Desafiada, (aulas de Teologia Pastoral), PUCRS, set 2008.

_____. *A missão evangelizadora no contexto atual*. Realidade e desafios a partir da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. *A Pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. Coleção de Teologia Pastoral, n.15. São Paulo: Paulinas, 2006.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio (org.). *Estudos de Doutrina Social da Igreja*. Porto Alegre: Edições EST, 2007.

CALIMAN. Cleto. A evangelização na cidade - algumas reflexões pedagógico-pastorais. In: ANTONIAZZI, Alberto; CALIMAN. Cleto (orgs.). *A presença da Igreja na cidade*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 96-110.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade Polifônica*. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

CASTRO, Clóvis Pinto de. *Por uma fé cidadã: a dimensão Pública da Igreja – Fundamentos para uma Pastoral da Cidadania*. São Paulo: Loyola, 2007.

CASTRO, Clóvis Pinto de; CUNHA, Magali do Nascimento; LOPES, Nicanor (orgs.). *Pastoral Urbana: Presença Pública de Igreja em áreas urbanas*. São Paulo: Metodista, 2006.

CATÃO, Francisco. *O fenômeno religioso. Ensino Religioso Escolar*. São Paulo: Letras e Letras, 1995.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3 ed., Petrópolis: Vozes, 1993.

CELAM, Coleção Quinta Conferência, *Seitas e Novos Movimentos Religiosos - elementos para ampliar nossa interpretação e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006.

CHEUICHE, Antônio do Carmo. *Cultura e Evangelização*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995.

CIPOLINI, Pedro Carlos. A Igreja e seu rosto histórico, modelos de Igreja e modelo de Igreja na cidade. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, 61 (REB), São Paulo. Fasc. 244-Dez 2001, p.825-853.

_____. "A águia e a fênix: desafios da cidade à teologia". In: *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, 1997, p. 33-60.

_____. "Teologia e pastoral da Igreja na Cidade", In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, 55 (REB), São Paulo. 1995, p.591-609.

COBO FERNANDEZ, José (org.). *A presença da Igreja na cidade-II. Novos desafios, novas abordagens*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CÓDIGO DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 1983.

COMISSÃO NACIONAL DOS PRESBÍTEROS. *Presbíteros no Brasil construindo história: Instrumentos Preparatórios aos Encontros Nacionais de Presbíteros*. São Paulo: Paulus, 2001.

COMBLIN, José. *Teologia da cidade*. São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. *O Projeto de Aparecida, Cuadernos Movimiento Tambien Somos Iglesia – Chile*, Sótero del Rio 475, Oficina 203, Santiago-Chile, 2007, p. 2.

_____. *Pastoral urbana – o dinamismo na Evangelização*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Panorama da América Latina Hoje. In: *Deus e Vida. Desafios, Alternativas, e o futuro da América Latina e do Caribe*, Soter. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. *Os desafios da Cidade no século XXI*. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. *Os desafios aos Cristãos no século XXI*. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *Viver na cidade*. São Paulo: Paulus, 1996.

COMPÊNDIO DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição *Sacrosantum Concilium*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. Decreto *Apostolicam Actuositatem*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *Gaudium Et Spes*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. Decreto *Ad Gentes*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *Documento Inter Mirifica*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *Decreto Presbyterorum Ordinis*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *Decreto Apostolicam Actuositatem*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora do Brasil-DGAE (2008-2010)*. São Paulo: Paulinas.

_____. *Missão e ministérios dos leigos e leigas cristãos*. São Paulo: Paulinas, 1999, 175-189.

_____. *Carta aos Presbíteros*, Documento da CNBB 75. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. *Catequese para um Mundo em Mudança*. Documento de Estudo 73. São Paulo: Paulinas, 1995. Disponível em: www.infosbc.org.br/inc/download.php - visitado em 28.12.08.

_____. Subsídio do Setor de Comunicação Social - *Paróquia em Comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. *Igreja e Comunicação - Rumo ao Novo Milênio*. Documento da CNBB nº 59, São Paulo, Paulinas, 1997.

_____. *Igreja, Comunhão e Missão na Evangelização dos povos no mundo do trabalho, na política e da cultura*, Doc. CNBB 40, 7 ed. São Paulo: Paulinas, 1990.

_____. *Educação, Igreja e Sociedade*. Documentos da CNBB 47. São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. *Para onde vai a cultura Brasileira*. Estudos da CNBB 58, São Paulo: Paulinas, 1990.

_____. *Manual da Campanha da Fraternidade 2009*. Brasília: Edições CNBB, 2008.

_____. REGIONAL SUL I. *A coordenação Pastoral nos centros urbanos*. Petrópolis: Vozes, 1997.

I CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM). 1955. *Documento do Rio de Janeiro*. Disponível em: www.vatican.va. Visitado em: 26 outubro 2008.

II CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM). 1968. *Documento de Medellín*. 5 ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM). 1979. *Documento de Puebla*. 7 ed. São Paulo: Paulinas, 1986.

IV CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM). 1992. *Documento de Santo Domingo*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM). 2007. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.

CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA. *Para uma Pastoral da Cultura*, n. 169. São Paulo: Paulinas, 1999.

CONGRESSO DE PROFESSORES E ALUNOS DE TEOLOGIA, Relatório Final da tentativa de ver e dizer Deus num mundo Urbano, feito no CETJOV. In: *Revista Debate*, Viamão, n.4, Dezembro 1996, p.71-79.

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO CELAM, *Comunicação: Missão e Desafio*, São Paulo, Paulinas, 1988.

DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DE RELIGIÃO. *O futuro do Catolicismo Latino-americano*. São Paulo: Paulinas, Vol. VI, n.12, Jul/dez 2007.

DE BONI, Luis Alberto (org.). *Fundamentalismo*, Coleção Filosofia 32. Porto Alegre: Edipucrs, 1995.

DIÉZ, F. Martinez. *Teologia da Comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1997.

DICIONÁRIO TEOLÓGICO O DEUS CRISTÃO. São Paulo: Paulus, 1998.

DICIONÁRIO BÍBLICO, John L. Mckenzie. 6 ed. São Paulo: Paulus, 1984.

DUTRA, Silvio Guterres *A Paróquia na Cidade*, Análise de algumas contribuições da "Teologia da Cidade" para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina, Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2000-2001.

ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA BARSÁ, vol.11. Rio de Janeiro: Britânica, 1997.

FELLER, Vitor Galdino. A Eclesiologia da Aparecida. *Encontros Teológicos*. Revista do Instituto Teológico de Santa Catarina, ITESC, n.51, Florianópolis, 2008.

FERREIRA, Amauri Carlos e GROSSI, Yonne. Dos lugares: cidade e imaginário religioso. In: *Horizontes – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião – PUC Minas*, v.3, n.6, 1º Sem 2005.

FLORISTAN, Casiano. Crisis de la parroquia y comunidades de base, em Phase 8, 1969.

FROSINI, Giordano. *Babele o Gerusalemme? - Per una teologia della città*. Milano: Edizioni Paoline, 1992.

GOMES, Pedro Gilberto. *A comunicação em Debate*. São Paulo: Paulinas, 1994.

GRINGS, Dadeus. *A evangelização da cidade, o Apostolado Urbano*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

_____. *A conferência de Aparecida*. Discípulos Missionários, Subsídios da PASCOM – Pastoral da Comunicação de Porto Alegre, Presscom, 2007.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. Por uma paróquia como comunidade evangelizadora e missionária”. In: *Teocomunicação*, Porto Alegre, 1996. p. 8.

HARTMANN, Attilio. *Religiosidade Midiática - Uma Nova Agenda Pública na Construção de Sentidos?* Disponível em: www.unisinos.br/ consulta em 20.02.09.

HASTENTEUFEL, Zeno. A Igreja do Rio Grande do Sul. In: *Teocomunicação*, n.101, Setembro 1993, p.301-312.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/048/48damasio.htm>, visitado em; 30.12.08.

HOFFMANN, Arzemiro. *A cidade na missão de Deus*. São Leopoldo: Sinodal / CLAI/ Encontro Publicações, 2007.

HOOVER, Stewart. *Religião, mídia e o centro de gravidade cultural*. Tradução informal. Trabalho foi apresentado aos Fiduciários da Fundação para Comunicações Metodistas Unidas, USA: Nashville, 1998.

HOUTART, François. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Ática, 1994.

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Redemptoris Missio* / 1990. São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. Carta Encíclica *Veritatis Splendor* / 1992. São Paulo: Paulinas, 1993.

_____. Exortação Apostólica *Christifidelis Laici* / 1988. São Paulo: Paulinas, 1990.

_____. Exortação Apostólica *Ecclesia in América* / 1999. São Paulo: Paulinas, 1999.

_____. Exortação Apostólica *Pastores dabo Vobis* / 1992. São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* / 2001. São Paulo: Paulinas, 2001.

_____. Carta Encíclica *Ut Unum Sint.* / 1995. São Paulo: Paulinas, 1995.

_____. Mensagem para a 36ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais. *Internet: um novo fórum para a proclamação do Evangelho*, n.2, 12 de maio de 2002.

KUNRATH, Pedro Alberto. Por uma teologia da Comunhão Eclesial. In: *Teocomunicação*. Porto Alegre, n.136, junho 2002, p.301-328.

_____. O mistério da Comunhão na Teologia e na Práxis da Igreja do Primeiro Milênio cristão e a volta às fontes no século XX. In: *Teocomunicação*, Porto Alegre, n.144, junho 2004, p.221-266.

KUNTSC, Waldemar L. *O Verbo se faz Palavra – Caminhos da comunicação Eclesial Católica*. São Paulo: Paulinas, 2001.

LANZA, Sérgio. La Chiesa si realizza in un luogo: riflessione teologico-pastorale. In: CIOLA, Nicola (a cura di), *La parrocchia in un'ecclesiologia di comunione*. Dehoniane, Bologna, 1996, 109-158.

_____. Le "conversioni pastorali" richieste dalle attuazioni delle unità pastorali. In: *Orientamenti Pastoral*, Bologna, 7-8 1999, p. 29-58.

LEGORRETA, José de Jesús. *Textos da Universidade Ibero-Americana, Congresso Internacional da Pastoral Urbana*, México, 2007.

LEITE NETO, Alcino. Apocalipse do catolicismo. *Folha de São Paulo*, Primeiro Caderno, Coluna de Opinião, São Paulo, 22 dez. 1998.

LIBÂNIO, João Batista. Desafios para a Estrutura da Igreja a partir de Aparecida, In: *Encontros Teológicos*. Revista do Instituto Teológico de Santa Catarina, ITESC, n.51, Florianópolis, 2008, p. 31-47.

_____. *Missão da Igreja na cidade – pastoral urbana*, In: COBO, Fernandez, José (Org.), *A presença da igreja na cidade – II Petrópolis: Vozes*, 1997, p, 37-73.

_____. *As lógicas da Cidade – O impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. 2 ed., São Paulo: Loyola, 2001.

_____. *Desafios da Pós-Modernidade à Teologia Fundamental*. In: BRANDÃO, José Mattos. Disponível em: www.revistaeea.org/artigo.php, visitado em 03.12.08.

_____. *Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano – do Rio à Aparecida*, São Paulo: Paulus, 2007.

_____. Conferência de Aparecida. In: *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*. v. 67, Fasc. 268. outubro. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 816-842.

_____. *Olhando para o futuro, Perspectivas teológicas e pastorais do Cristianismo da América Latina*. São Paulo: Loyola, 2003.

LIPOVETKY, Gilles. *A era do vazio*, ensaios sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Manole, 2005.

_____. *Os tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MARTELLI, Stefani. *A religião na sociedade Pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MATTOS BRANDÃO, Cláudia Mariza. Anonimato Urbano. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php>, visitado em 03.12.08

MINCATO, Ramiro (org.). *Catequese Renovada: Esperança e Transformação*. Porto Alegre: Edições EST, 2008.

NIÑO, Francisco. *La Iglesia en la ciudad*. El fenómeno de las grandes ciudades en América Latina, como problema teológico y como o desafio pastoral, Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1996.

OLIVEIRA, NEIDE, resumo tese 2006, cf. Disponível em: http://www.teologia-assuncao.br/cursos/2psgr/teologia/stricto_sensu/teses/Teses_alunos2006/neideoliveira.htm, visitado em 20.12.08.

ORTIZ, Renato. Anotações sobre Religião e globalização. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 47, São Paulo: EDUSC, out. 2001, p.62.

ORTIZ, Gilberto. Os símbolos na homilética urbana. In: *Vida Pastoral*, São Paulo, 1990, p. 35-38.

PAYÁ, Miguel. *A Paróquia, Comunidade Evangelizadora*. São Paulo: Ave Maria, 2005.

PAULY, Evaldo Luis. *Cidadania e Pastoral Urbana*. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nunciandi*.

PERGOLA, Giuliano Della. *Viver a cidade*. Orientações sobre os problemas urbanos. São Paulo: Paulinas, 2000.

PIRES DE OLIVEIRA, A. "*Evangelizar a cidade*". São Paulo, Paulinas, 1997.

PUNTEL, Joana. *A Igreja e a Democratização da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1994.

RAMOS GUERREIRA, Julio. *A Teologia pastoral*. 2 ed. Madrid: Biblioteca de Autores, 1999.

RICHARD, Pablo. *Apocalipse, reconstrução da esperança*. Petrópolis: Vozes, 1996.

ROJAS, Enrique. El hombre light: uma vida sin valores. Madrid, Temas de Hoy, 1996. In: BARTH, Wilmar Luiz, *Pós-Modernidade, Religião e Ética*. Porto Alegre: EST Edições, 2008, p. 5.

RÜDIGGER, Francisco. *Mártin Heidegger e a Questão da Técnica*, Sulina, 2006.

SANTOS, Eduardo da Silva (org.). *Religião em Debate*. Porto Alegre: Edições EST, 2007.

SANTOS, Manoel Augusto. Modelos de Igreja – Modelos de Pastoral. *Revista Teocomunicação*, v.34, nº 146, Dez 2004, Porto Alegre: Edipucrs, p.757.

_____. Política, Cristianismo e Mundo. In: *Teocomunicação*, 144, Jun.2004, p.417-425.

SASSI, Sílvio. O presbítero e sua comunidade, In: *Vida Pastoral*, março/abril 2009, ano 50, 265, p. 6-9.

SAVIANO, Brigitte. *Pastoral nas megas cidades, um desafio para a Igreja da América Latina*. São Paulo: Loyola, 2008.

SCHMIDT, Gerson. *TV Brasileira: novo púlpito da fé*. Dissertação de Mestrado em Jornalismo, FAMECOS-PUCRS, Março 2008.

SCHMIDT, K. L. Paroikos, paroikía, paroikêin. In: *Theoogisches Wörterbuch des Neuen Testaments* (1954), p. 840-852.

SEIBOLD, Jorge. *Dios Habita em la ciudad, Hacia um nuevo paradigma de la Pastoral Urbana em América Latina y el Caribe* - Textos da Universidade Ibero-Americana, Congresso Internacional da Pastoral Urbana, México, 2007.

SILVA, Josafá Menezes da; MACHADO, Genival Bartolomeu F. *Cidade, Igreja e Missão: "Lançai as redes..."* São Paulo: Paulinas, 2003.

SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DE RELIGIÃO – SOTER (org.). *Deus e Vida. Desafios, Alternativas, e o futuro da América Latina e do Caribe*, Soter, São Paulo: Paulinas, 2008.

SUESS, Paulo. Paróquia Missionária segundo Aparecida, In: *Encontros Teológicos*. Revista do Instituto Teológico de Santa Catarina, ITESC, n.51, Florianópolis, 2008, p. 55-60.

_____. "Perspectivas pastorais em vista do terceiro milênio". In: *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, São Paulo, 1996, p. 856-874.

_____. Evangelização e Cultura – conceitos, questionamentos, perspectivas, In: ANJOS, Márcio Fabri dos (org), *Inculturação – desafios de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 29-33.

SUSIN, Luis Carlos. Um suplemento de alma: a cidade como habitação de Deus conosco. In: SILVA, José Menezes da; MACHADO, Genival Bartolomeu F. (Orgs.). *Cidade, Igreja e Missão: “Lançai as redes...”* São Paulo: Paulinas, 2003, p. 37-70.

TRASFERETTI, José; GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. *Teologia e Pós-Modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2003.

THOMAS, Pascal. *Qué va a ser de la parroquia? Muerte anunciada e nuevo rostro*. Mensajero, Spain, 2007.

VANZAN, Piersandro; AULETTA, Angelo. *La parrocchia per la nuova evangelizzazione: tra corresponsabilità e partecipazione*. Roma, 1998, p. 199-200.

VIETMEIER, Alfonso. Textos da Universidade Ibero-Americana, Congresso Internacional da Pastoral Urbana, *Dios Habita em la ciudad* - Documento Básico “para abrir a boca”, México, 2007.

WEBER, Max. "Conceito e categorias de cidade". In: VELHO, Otávio G. (org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p. 26-31.

ZILLES, Urbano. *A Escola da Teoria Crítica*. Porto Alegre: Est Edições, 2006.

_____. Formação Intelectual dos Futuros Presbíteros. In: *Teocomunicação*, n. 155, Março 2007, p.05-18.

SITES CONSULTADOS:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade>, visitado em 26.11.08.

www.iscmrc.org, consultado em 27.12.08.

<http://www.aguaforte.com/antropologia/cidade.htm>, visitado em 26.11.08.

www.outrostempos.uema.br, visitado em 16.12.08.

Observação:

ALMEIDA, Antonio José de. *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana na Quinta Conferência*. Texto provisório em fase de publicação pelas Edições Paulinas. Março/2009.